

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

Tiago José Fontoura

Diálogos possíveis entre Literatura e Psicologia Junguiana:

A literatura *pop* de Paulo Coelho e os seus elementos de espiritualidade

Juiz de Fora

2022

Tiago José Fontoura

Diálogos possíveis entre a Literatura e Psicologia Junguiana:

A literatura pop de Paulo Coelho e seus elementos de espiritualidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração Teorias da Literatura e Representações Culturais:

Orientadora: Professora Doutora Teresinha Vânia Zimbrão da Silva

Coorientador: Professor Paulo Ferreira Bonfatti

Juiz de Fora

2022

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Fontoura, Tiago José.

Diálogos possíveis entre Literatura e Psicologia Junguiana : A literatura pop de Paulo Coelho e seus elementos de espiritualidade / Tiago José Fontoura. -- 2022.

95 p.

Orientadora: Teresinha Vânia Zimbrão da Silva

Coorientadora: Paulo Ferreira Bonfatti

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2022.

1. Literatura. 2. Psicologia Junguiana. I. Zimbrão da Silva, Teresinha Vânia, orient. II. Ferreira Bonfatti, Paulo, coorient. III. Título.

Tiago José Fontoura

Diálogos possíveis entre Literatura e Psicologia Junguiana: a literatura pop de Paulo Coelho e seus elementos de espiritualidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Teorias da Literatura e Representações Culturais.

Aprovada em 24 de março de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Teresinha Vânia Zimbrão da Silva - Orientadora

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Paulo Ferreira Bonfatti - Coorientador

UniAcademia Centro Universitário

Prof. Dr. Dilip Loundo - Membro Titular Interno

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Durval Luiz de Faria - Membro Titular Externo

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Juiz de Fora, 24/03/2022.



Documento assinado eletronicamente por **Teresinha Vânia Zimbrão da Silva, Professor(a)**, em 28/03/2022, às 11:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Durval Luiz de Faria, Usuário Externo**, em 28/03/2022, às 16:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Dilip Loundo, Vice-Chefe de Departamento**, em 31/03/2022, às 17:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Ferreira Bonfatti, Usuário Externo**, em 08/04/2022, às 16:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **0720942** e o código CRC **0682DA56**.

Dedico este trabalho à minha mãe, Fátima, por sua preocupação, carinho e incentivo.

Às professoras e professores que me inspiraram em minha caminhada estudantil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por Ele ter me permitido chegar até aqui, apesar de todas as adversidades.

À minha família. Minha mãe Fátima, minha irmã Taís e meu cunhado Rafael, por estarem sempre ao meu lado, dando-me todo apoio possível e necessário. E à minha prima Olinda, uma referência como pessoa e profissional da educação.

À minha orientadora, professora Teresinha Zimbrão, por todos os ensinamentos, a mim dedicados, sua atenção e empenho no desenvolvimento desse trabalho. E ao meu coorientador, professor Paulo Bonfatti, pelos apontamentos e direcionamentos, sempre pontuais e assertivos.

Às professoras e professores da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora que acompanharam minha trajetória acadêmica. Professor Júlio César de Oliveira, Edimilson de Almeida Pereira, Bárbara Simões Daibert, Cristina Vilaça, Roberta Pacheco e demais professores que contribuíram, direta ou indiretamente, para essa conquista.

Aos meus amigos Adryana Ryal, João Lucas Rocha, Danyela Silvério companheiros dos palcos, dos estudos e da vida. Pessoas que seguraram minhas mãos nos momentos de tensão, dúvidas e inseguranças. Amor e gratidão eterna.

À Gladys Hypolito, amiga caríssima que a vida me trouxe a pouco, mas que ocupa grande espaço em meu coração. Ao Mário Galvanni e família (sobretudo Célia e Cristiane), ao Marcos Rocha e a Raíssa Garcia e família. Minha gratidão, admiração e respeito sempre. Às companhias teatrais Grupo CriArte, Cia Teatrando, Cia Ribalta de Atores e Cia Formô!, meus agradecimentos.

Ao meu primeiro diretor teatral e amigo de graduação e mestrado, Anderson Ferigate. Obrigado por dividir comigo momentos sublimes nos palcos e nos estudos.

Por fim, quero agradecer à Capes, ao PPG-Letras Estudos Literários e a Universidade Federal de Juiz de Fora, sem os quais não seria possível a realização dos meus estudos de mestrado.

“E quando você quer alguma coisa, todo o Universo conspira para que você realize seu desejo.” (COELHO, 1995, p.26)

RESUMO

Os trabalhos acadêmicos estabelecendo a interdisciplinaridade entre literatura e psicologia junguiana, dentro e fora do Brasil, até hoje são bem poucos. Essa dissertação se dedica a esse diálogo interdisciplinar, contudo, não o faz a partir da literatura canônica, e sim a partir de uma produção que se pode definir como literatura pop ou de entretenimento, e em sua vertente que dialoga com elementos de espiritualidade, no caso representada pela obra do escritor Paulo Coelho. O trabalho parte do princípio de que é possível identificar estruturas mitológicas e arquetípicas entrelaçadas aos argumentos narrativos da literatura coelhana e que os conceitos da psicologia de Carl Gustav Jung seriam produtivos nessa análise. Propõe, assim, a leitura de *O Diário de um Mago* e *O Alquimista*, de onde explicita as imagens arquetípicas do herói, do velho sábio e da alma que estruturam as narrativas de Paulo Coelho. A pertinência dessa investigação se encontra, sobretudo, na tentativa de contribuir para o estudo de um escritor cuja obra é sucesso de público, ou seja, consumida vorazmente por leitores brasileiros e estrangeiros, contudo, não é sucesso de crítica, sendo pouco estudada pela academia.

Palavras-chave: Literatura, Psicologia Junguiana, *O Diário de um mago*, *O Alquimista*, Paulo Coelho.

RESUMEN

Los trabajos académicos que establecen la interdisciplinariedad entre la literatura y la psicología junguiana, dentro y fuera de Brasil, son muy pocos hasta hoy. Esta disertación está dedicada a este diálogo interdisciplinario, sin embargo, no a partir de la literatura canónica, sino de una producción que puede definirse como literatura pop o de entretenimiento, en este caso representada por la obra del escritor Paulo Coelho. El trabajo parte de la base de que es posible explicitar las estructuras mitológicas y arquetípicas entrelazadas en los argumentos narrativos de la literatura de Paulo Coelho y que los conceptos de la psicología de Carl Gustav Jung serían productivos en este análisis. La disertación propone una lectura de *Diario de un mago* y *El Alquimista*, a partir de la cual explica las imágenes arquetípicas del héroe, el sabio y el ánima, imágenes que están presentes en el conjunto de la narrativa de Paulo Coelho. La relevancia de esta investigación se encuentra, sobre todo, en el intento de contribuir para el estudio de un escritor cuya obra es éxito de público, o sea, consumida vorazmente por lectores brasileños y extranjero, sin embargo, no es éxito de crítica, siendo poco estudiada por la academia.

Palabras-claves: Literatura, Psicología Junguiana, *Diario de un mago*, *El Alquimista*, Paulo Coelho

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 11 |
| 2. CAPÍTULO 1 – VIDA, OBRA E ESPIRITUALIDADE DE PAULO COELHO | 18 |
| 3. CAPÍTULO 2 – A CRÍTICA E OS LEITORES DE PAULO COELHO | 28 |
| 3.1. O LEITOR AUTORIZADO: A CRÍTICA JORNALÍSTICA..... | 28 |
| 3.2. O LEITOR AUTORIZADO: A CRÍTICA ACADÊMICA | 38 |
| 3.3. OS LEITORES LEIGOS DE PAULO COELHO | 51 |
| 4. CAPÍTULO 3 – A PSICOLOGIA JUNGUIANA E A LITERATURA POP E ESPIRITUAL DE PAULO COELHO | 55 |
| 4.1. JUNG E OS ESTUDOS SOBRE A ARTE LITERÁRIA..... | 55 |
| 4.2. INCONSCIENTE E ARQUÉTIPOS | 56 |
| 4.3. PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO | 62 |
| 4.4. CONSIDERAÇÕES JUNGUIANAS SOBRE ARTE E LITERATURA | 64 |
| 4.5. CONSIDERAÇÕES JUNGUIANAS SOBRE MITOS | 68 |
| 4.6. AS IMAGENS ARQUETÍPICAS DO HERÓI, DO SÁBIO E DA ANIMA EM O DIÁRIO DE UM MAGO E O ALQUIMISTA | 71 |
| 4.7. O DIÁRIO DE UM MAGO..... | 71 |
| 4.7.1. PAULO COELHO: A IMAGEM ARQUETÍPICA DO HERÓI EM O DIÁRIO DE UM MAGO | 72 |
| 4.7.2. PETRUS: A IMAGEM ARQUETÍPICA DO SÁBIO EM O DIÁRIO DE UM MAGO | 76 |
| 4.7.3. CHRISTINA E MME. LOURDES: IMAGENS ARQUETÍPICAS DA ANIMA EM O DIÁRIO DE UM MAGO | 77 |
| 4.8. O ALQUIMISTA..... | 79 |
| 4.8.1. A LENDA PESSOAL E O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO EM O ALQUIMISTA | 80 |
| 4.8.2. SANTIAGO: A IMAGEM ARQUETÍPICA DO HERÓI EM O ALQUIMISTA | 81 |
| 4.8.3. MELQUISEDEC E O ALQUIMISTA: AS IMAGENS ARQUETÍPICAS DO SÁBIO EM O ALQUIMISTA | 83 |
| 4.8.4. FÁTIMA: A IMAGEM ARQUETÍPICA DA ANIMA EM O ALQUIMISTA..... | 84 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 88 |
| REFERÊNCIAS..... | 91 |

1. INTRODUÇÃO

Em épocas remotas, quando a humanidade ainda vivia de forma ágrafa, o conhecimento era transmitido oralmente, de uma geração para outra. Com a invenção da escrita, nos foi permitido deixar o registro das descobertas e ações dos povos antigos, deixar impressas nossas ideias, nossos desejos e sentimentos, nossas opiniões e emoções. A escrita também nos permitiu expressar textualmente nossos valores, as tradições de nosso povo, e construir o que chamamos Cultura.

Através da escrita, criamos e desenvolvemos saberes sociais que, no percurso da humanidade, se estruturaram como campos das ciências humanas tais como a Filosofia, a História, a Sociologia, etc. Nesse contexto, destacamos a Literatura – um saber social através do qual transmitimos, em prosa e verso, as histórias, as canções, os poemas, os mitos e as narrativas que criamos. A literatura, como registro e como saber social, nos aponta os valores universais atemporais que perpassam todo e qualquer indivíduo, independente da época, da sociedade e do lugar.

De acordo com o crítico literário Antônio Candido (1972), no decorrer da história da humanidade, a literatura teve um papel humanizador do indivíduo, pois ela o auxiliou no diálogo com o seu interior, com a sua parte psicológica. Candido observa que:

Um certo tipo de função psicológica é talvez a primeira coisa que nos ocorre quando pensamos no papel da literatura. A produção e a fruição desta se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e fantasia, que de certa forma é coextensiva ao homem, por parecer invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como em grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares. E isto ocorre no primitivo e no civilizado, na criança e no adulto, no instruído e no analfabeto. A literatura propriamente dita é uma das modalidades que funcionam como resposta a essa necessidade universal, cujas formas mais humildes e espontâneas de satisfação talvez sejam coisas como a anedota, a adivinha, o trocadilho, o rifão. (CANDIDO, 1972, p. 804)

A literatura é a arte da palavra, como também nos afirma o teórico Rogel Samuel (1984). A partir do conceito de Hegel que baseia a literatura “na percepção da alma por si mesma e em si mesma”, o teórico nos informa que “a literatura trabalha para o desenvolvimento da intuição interior, seu objetivo é o reino do espírito humano (espírito é a interiorização da natureza)”. (SAMUEL, 1984, p. 10)

O estudioso nos informa que – assim como a música, a fotografia, a pintura ou a dança – a literatura também é uma expressão artística cujo pilar se encontra na própria palavra, tanto em sua característica estrutural (morfológica e fonológica), quanto na sua característica semântica, sendo, segundo o teórico, nesta segunda característica que se fundamentaria a arte literária visto que, nesse momento:

Ultrapassa-se a materialidade do vocábulo e ingressa-se num estágio de abstração. E aí já se pode começar a falar em arte literária, que busca seus sons fundamentais na própria arte da vida. (SAMUEL, 1984, p. 27)

Por ter uma linguagem especialmente carregada de símbolos, sentidos e significados, a literatura provoca emoções e reflexões no indivíduo, influenciando-o e, ao mesmo tempo, sendo influenciada por ele. No ato da leitura, o indivíduo não se encontra passivo frente à comunicação com a obra, ao contrário, ele atua na ressignificação dos sentidos nela contidos, a partir de suas próprias experiências de vida, de seu contato e experiências com outras linguagens artísticas e culturais de seu tempo. Ao refletir e confrontar o leitor com as tensões da alma humana, a literatura provoca neste um encantamento/estranhamento frente à realidade, retirando-o, assim, de uma visão automatizada do mundo.

Estudar literatura consiste, então, em estudar o humano em sua origem, sua história e suas relações culturais, além de investigar o seu interior, seu consciente e inconsciente. Para tal intento, é necessário construir uma ponte entre o indivíduo, a sociedade – na qual ele está inserido – e as demais linguagens que os circundam, tecendo, assim, um mosaico de saberes ou, em outros termos, uma interdisciplinaridade.

Exatamente pelo seu caráter dialógico, a literatura acaba permeada por outros saberes sociais, por vezes fronteiraços. A literatura atende às demais ciências humanas como material de análise, o que nos indica um campo fértil para investigações interdisciplinares, atualmente bastante contempladas pela comunidade acadêmica. Ao lermos o texto literário, sob a óptica de outros campos das ciências humanas, ampliamos o pensamento crítico-reflexivo, desenvolvemos novos postulados teóricos, promovemos a interface de metodologias, além de ressaltarmos as possibilidades de interação da literatura com as demais áreas do conhecimento.

Visto que, nosso trabalho, desenvolvido no curso de mestrado da

Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, no Departamento de Estudos Literários, encontra-se inserido na pesquisa intitulada Literatura, Psicologia e Espiritualidade, desenvolvida pela professora doutora Teresinha Zimbrão da Silva, dentro do escopo da linha de pesquisa Literatura e Transdisciplinaridade, o teor de nossa pesquisa estará pautado na relação interdisciplinar da literatura, sobretudo aquela ligada à psicologia.

A psicologia é inerente à constituição social humana. Nas relações sociais, ainda que as mais primitivas, podemos perceber o trato psicológico nas diversas interações. Nossos antepassados viviam em tribos e, ao redor de uma fogueira, estabeleciam uma conexão quase psicoterapêutica. Ali compartilhavam experiências, lidavam com questões individuais e coletivas, além de criarem narrativas que se consolidaram nas bases da psique humana.

Porém, mesmo se estruturando como um saber social, somente entre os séculos XIX e XX a psicologia se constituiu como uma ciência autônoma. Como nos aponta o pesquisador Fernando Duarte Martins de Oliveira (2018), seguindo as tendências científicas advindas do pensamento positivista daquela época, o chamado *Zeitgeist*, a psicologia se aproveitou das descobertas das ciências naturais, dos aparatos tecnológicos criados e da crescente literatura científica produzida para desenvolver suas ferramentas de pesquisa voltadas para os fenômenos mentais.

Desse momento em diante, surgiram diferentes escolas de pensamento como, por exemplo, o behaviorismo, a Gestalt, a psicanálise, a psicologia analítica, entre outras, além de se destacarem, nas ciências, nomes de importantes pesquisadores que fundamentaram os métodos científicos que moldam a psicologia, tais como, Sigmund Freud e Carl Gustav Jung para citar apenas alguns.

A psicologia, assim como a literatura, possui um caráter interdisciplinar, dialogando constantemente com as demais disciplinas das ciências humanas, sendo a área das humanidades que investiga a subjetividade humana, possuidora dos pressupostos teóricos para interpretação e compreensão da vida psíquica.

Nossa investigação se orientará por alguns postulados de Carl Gustav

Jung, instituidor da psicologia analítica ou psicologia junguiana, área da psicologia que investiga a psique humana a partir de elementos psíquicos articulados a partir de uma instância psíquica inconsciente tanto pessoal quanto coletiva.

A escolha da psicologia analítica, como suporte para as reflexões que serão propostas em nossa investigação, não ocorre de forma aleatória. Os postulados junguianos são interdisciplinares por natureza. Na busca de descrever os conteúdos da psique humana, Jung dispunha de investigações sobre religião, antropologia, filosofia, alquimia, mitologia, arte e literatura. Em relação a essas duas últimas, em sua obra intitulada *O Espírito na Arte e na Ciência* nos informa que:

É certo e até mesmo evidente que a psicologia, ciência dos processos anímicos, pode relacionar-se com o campo da literatura. A alma é ao mesmo tempo mãe de toda ciência e vaso matricial da criação artística. Assim, pois seria lícito esperar das ciências da alma que, por um lado, pudessem ajudar no tocante ao estudo da estrutura psicológica de uma obra de arte e, por outro, explicar as circunstâncias psicológicas do homem criador. (JUNG, 1985, p.74-75)

Os estudos junguianos acerca dos fundamentos psicológicos da arte, e conseqüentemente da literatura, apontam para a presença de narrativas de origens psíquicas tanto individuais quanto coletivas nas diferentes expressões artísticas. Jung observou a relação entre o mito e a constituição da personalidade humana e do inconsciente. Além disso, o teórico também verificou que o inconsciente era também formado por um substrato psíquico coletivo que conteria arquétipos, que seriam estruturas psíquicas primordiais – uma herança psicológica constituída pelas vivências da humanidade ao longo de gerações –, e que estes, através dos mitos, comparecem representados nas obras de arte e literárias, por meio das mais diversas imagens.

Apesar de ser um dos nomes pilares da psicologia, e um grande investigador da relação entre a arte e a psique, Jung ainda é pouco estudado nos ambientes acadêmicos. Percebemos que, via de regra, quando os estudiosos da literatura buscam na psicologia fundamentos para promoção de uma análise literária, o fazem, em grande parte, seguindo os postulados da psicanálise freudiana e lacaniana. Os trabalhos acadêmicos estabelecendo o diálogo interdisciplinar entre literatura e psicologia junguiana até hoje são bem poucos. A

pesquisa Literatura, Psicologia e Espiritualidade, onde se insere essa dissertação de mestrado, representa uma das poucas contribuições da academia para o estabelecimento dessa interdisciplinaridade.

Esse trabalho, portanto, se dedica ao diálogo entre literatura e psicologia junguiana, contudo, não a partir da literatura canônica, e sim a partir de certo tipo de literatura que se pode definir como pop ou de entretenimento e que, no caso a ser estudado, apresenta elementos de espiritualidade. As ideias presentes na teoria junguiana – como a dimensão arquetípica através dos mitos – são muito férteis para a análise de determinados produtos midiáticos da cultura pop dos séculos XX e XXI, como por exemplo, filmes hollywoodianos, séries de tevê e literatura de entretenimento, sobretudo produções que dialogam com elementos espirituais presentes na cultura ocidental e oriental - elementos que foram muito estudados por Jung.

De fato, em produções cinematográficas, literárias e televisivas exitosas como *Star Wars*, *O Senhor dos Anéis*, *Harry Potter*, *Crepúsculo*, *Game of Thrones*, por exemplo, é possível explicitar elementos arquetípicos e, conseqüentemente, míticos, entrelaçados aos argumentos narrativos. A combinação desses elementos auxiliaria na relação empática entre o público e os personagens representados em cada obra, facilitando a compreensão e identificação com o que é narrado, visto que as imagens arquetípicas e os mitos são elementos presentes no que Jung conceituou como manifestações dos arquétipos do inconsciente coletivo.

No Brasil, é possível identificar elementos arquetípicos, no âmbito da cultura pop e de entretenimento, de forma bem significativa, no fenômeno chamado Paulo Coelho que emergiu na literatura brasileira na década final do século XX. A escrita simples, o enredo linear e as narrativas repletas de símbolos, que remetem às espiritualidades e mitologias ocidentais e orientais, caracterizam a obra coelhana que se tornou um sucesso de público nacional e internacional.

Nesse contexto, nossa pesquisa propõe um estudo interdisciplinar entre a literatura e a psicologia analítica, tomando como objeto de análise o literato Paulo Coelho, sobretudo, as suas obras mais exitosas de público leitor: *Diário de um mago* e *O Alquimista*. Mostraremos que é produtivo estudar a narrativa coelhana a

partir da perspectiva dos postulados junguianos.

Embora Paulo Coelho seja um dos campeões na vendagem de livros mundo afora, e atualmente, membro da Academia Brasileira de Letras, sua obra é comumente repelida pelos especialistas em crítica literária. Os críticos literários consideram os textos de Coelho como mais um produto da cultura pop e de entretenimento, e apontam para o fato deles serem disseminadores do senso comum, pouco inovadores nos recursos estilísticos e linguísticos, afastando, assim, os seus leitores de um pensamento crítico-filosófico que caracterizaria a chamada 'boa' literatura.

Motivo de debates sobre a sua qualidade literária, os escritos coelhanos provocam uma avaliação prévia que afasta os estudiosos da literatura. Ainda que tenhamos encontrado, no percurso de nossa investigação, artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado envolvendo a obra de Paulo Coelho, a verdade é que, frente aos demais literatos brasileiros, e considerando ainda sua dimensão internacional, são poucos os trabalhos acadêmicos que tomam a literatura coelhana como objeto de análise.

A pertinência da nossa pesquisa de investigar a obra de Paulo Coelho, se encontra, sobretudo, na tentativa de contribuir para o estudo de um escritor cuja obra é sucesso de público, ou seja, consumida vorazmente por leitores brasileiros e estrangeiros, sem ser, contudo, um sucesso de crítica, sendo ainda pouco estudada pela academia. Além disso, o viés interdisciplinar, que mescla os saberes literatura e psicologia, contribui para uma análise mais panorâmica do objeto em questão, evitando, assim, o pensamento dicotômico irrefletido bom x ruim que, muitas vezes, paira sobre os estudos desenvolvidos na academia sobre a literatura *pop* ou de entretenimento.

Como mencionamos, na obra de Paulo Coelho é possível identificar aspectos de dinâmicas arquetípicas, o que exemplificaremos com as leituras das obras *Diário de um mago* e *O Alquimista*, exitosos textos em termos de público leitor. Apontaremos aspectos das imagens arquetípicas do herói, do velho sábio e da alma como elementos recorrentes nas narrativas de Paulo Coelho.

O presente trabalho será dividido em três capítulos. No primeiro, intitulado

Vida, obra e espiritualidade de Paulo Coelho, dissertaremos sobre a vida literária e espiritual do escritor. No segundo capítulo, A crítica e os leitores de Paulo Coelho, falaremos sobre sua recepção pelo público leitor, pela crítica jornalística especializada, bem como pelos estudiosos da academia. No terceiro capítulo, A Psicologia Junguiana e a literatura pop e espiritual de Paulo Coelho, apresentaremos os conceitos da teoria junguiana, suas possíveis contribuições para a leitura de textos literários, além de efetuarmos a análise de *Diário de um mago* e de *O Alquimista*, através da perspectiva teórica junguiana.

2. CAPÍTULO 1 – VIDA, OBRA E ESPIRITUALIDADE DE PAULO COELHO

Paulo Coelho de Souza nasceu na cidade do Rio de Janeiro no dia 24 de agosto de 1947. Viveu sua juventude durante o período da ditadura militar (1964-1985) quando sobressaiu como letrista de músicas em colaboração com o cantor Raul Seixas. Contudo, só veio a ser reconhecido como um fenômeno da literatura pop ou de entretenimento a partir da década de 1990, depois de ter publicado *Diário de um mago* e *O Alquimista*.

Antes mesmo de se tornar um dos recordistas da literatura brasileira, e internacional, Paulo Coelho já havia ensaiado uma incursão pelo campo literário. De acordo com Fernando Morais, na biografia intitulada *O Mago* (2008), desde a infância, o literato se interessava por literatura e já demonstrava interesse em se tornar escritor. Quando pequeno, escrevia diários e cartas para a mãe, tornando-se, também, um leitor voraz. Na adolescência, Coelho deu seus primeiros passos na escrita, dedicando-se a alguns versos que o levaram a ganhar um concurso de poesias no colégio. Apesar de não demonstrarem muito entusiasmo com a conquista do filho – a mãe do escritor costumava dizer que, no Brasil, somente Jorge Amado vivia de livros –, os pais deram-lhe, como presente de aniversário, uma máquina de escrever que o acompanhou até a idade adulta.

Na juventude, Paulo Coelho se envolveu com diversos movimentos estudantis que o incentivaram na prática da escrita. Como estudante do Colégio Andrews, passou a ter contato com o teatro, escrevendo para o grupo de teatro amador. Apesar de ser participativo nas questões artísticas, o escritor declinava nos estudos, fazendo com que seu pai o punisse com um trabalho no cais que durou pouco tempo, por questões de indisciplina. Coelho então se aproximou do cinema e do jornalismo, conseguindo emprego no jornal *Diário de Notícias*.

Ainda segundo Morais (2008), após conseguir fugir do hospital, em uma de suas internações psiquiátricas, Paulo Coelho passou a morar sozinho, dedicando-se novamente ao teatro, trabalhando como ator, diretor e dramaturgo. O literato participou da encenação de *Capitães da Areia*, adaptação da famosa obra de Jorge Amado, elogiada na época. Seguiram-se as montagens de *O mágico de Oz* e *Peter Pan* e, por fim, a autoral *Apocalipse*, que não obteve êxito, sendo duramente criticada.

Nesse período, Paulo Coelho também viveu sua fase *hippie*, viajando por diversos países da América Latina, e começando a se interessar, entre outras coisas, por ocultismo. Após uma viagem pelos Estados Unidos, Coelho retornou ao Brasil, tornando-se editor e escritor da revista *A Pomba*.

N'A *Pomba*, o literato escrevia, entre outros assuntos, sobre contato com extraterrestres e discos voadores, o que o levou a conhecer Raul Seixas, que se tornaria seu grande parceiro musical e de diálogo com elementos de espiritualidade da cultura ocidental e oriental. Coelho apresentou Raul Seixas aos pensamentos de Aleister Crowley, famoso escritor inglês, considerado um dos maiores conhecedores do ocultismo e da bruxaria, que escrevera *O Livro da Lei*, cuja temática era a "*Lei de Thelema*" e difundia a seguinte filosofia: "*Faze o que tu queres, há de ser tudo da lei*".

Em 1970, Paulo Coelho mantinha contato com Marcelo Ramos Motta, outro ocultista thelemita brasileiro, que adquiriu e difundiu os primeiros materiais sobre ocultismo, misticismo e ideologia propagada pela Lei de Thelema. A partir desses materiais, Raul e Paulo constituíram as bases da chamada Sociedade Alternativa, que seria um tipo de organização social cuja filosofia era pautada na total liberdade de seus integrantes, em suas relações e vivências. Para além de um conjunto de ideias, Coelho e Seixas pretendiam tornar a Sociedade Alternativa em uma comunidade, e mesmo em uma cidade, cujo nome seria Cidade das Estrelas, a ser localizada em Minas Gerais. Juntos, o cantor e o literato chegaram a registrar a "Sociedade" em cartório como uma organização social, com sede no apartamento de Paulo. Inspirados pelo ocultismo thelemita, Raul Seixas e Paulo Coelho lançaram o LP *Krig-Ha, Bandolo!*.

No ano de 1974, Seixas e Coelho foram considerados subversivos pela Ditadura Militar, e exilados, viajando, então, para os Estados Unidos. Em julho do mesmo ano, Seixas e Coelho retornaram ao Brasil e lançaram o aclamado LP *Gita*, cujo grande sucesso, a canção Sociedade Alternativa, retoma os ideais ocultistas. Nos anos seguintes, outras duas bem-sucedidas parcerias: em 1975, *Novo Aeon*; e, em 1976, após a dissolução da organização social da Sociedade Alternativa, o derradeiro *Há dez mil anos atrás*.

Mesmo tendo alcançado prestígio no meio musical, como produtor e letrista, Paulo Coelho buscava ingressar na literatura e obter sucesso como escritor. Partindo de suas experiências místicas e espirituais, em 1982, editou e lançou *Arquivos do Inferno* que não teve repercussão e acabou sendo recolhido, tempos depois. Em 1985, outra incursão literária, o escritor chegou a publicar *O Manual Prático do Vampirismo* livro que, assim como seu antecessor, também fora recolhido por se considerado, pelo próprio Coelho, um livro de má qualidade.

Depois de duas tentativas malsucedidas, o literato, após uma peregrinação pelo Caminho de Santiago de Compostela, decide compilar suas experiências naquele que viria ser, anos depois, um de seus grandes sucessos: *O Diário de um Mago*, de 1987.

O livro conta como Paulo Coelho parte, do Rio de Janeiro em direção à Espanha, numa aventura em busca de seu próprio caminho, de autoconhecimento e de um de seus elementos mágicos e espirituais: a espada. No percurso, o escritor passa por diversas provas, sendo confrontado, inclusive, com a representação do que seria um demônio. Ao longo do texto, o escritor também descreve alguns rituais e práticas mágicas e espirituais que auxiliariam os seus leitores no contato com o mundo sobrenatural. De início, o título não obteve o êxito esperado, sendo ignorado pela crítica da época.

No ano seguinte, Coelho publicou aquela que é considerada sua grande obra, *O Alquimista* (1988). O texto conta a história de um jovem pastor de ovelhas espanhol que deixa seu vilarejo, a caminho do Egito, em busca de um tesouro. O título caiu no gosto popular e, junto com bem articulado jogo de marketing, o escritor passou a ser um grande vendedor de livros, dando início a uma bem-sucedida carreira tanto no Brasil quanto no exterior.

Na sequência veio *Brida* (1990), a história de uma jovem irlandesa, Brida O'Fern, conhecida por Coelho durante uma peregrinação pelo Caminho de Roma, em sua busca pelo encontro da magia. Brida é uma garota apaixonada por magia, o que a leva a conhecer um sábio, que a ensina a confiar na bondade do mundo, e uma mulher que lhe mostra a importância de buscar seu dom e sua alma gêmea. Seu desafio passa a ser conciliar seus relacionamentos com o desejo de ser uma bruxa. O livro causou furor, entre os leitores brasileiros, e teve seus direitos

comprados pela extinta Rede Manchete de Televisão, sendo adaptada para tevê como telenovela. Porém, devido à falência da emissora, o folhetim foi cancelado poucos meses depois de seu lançamento, tornando-se um dos maiores fracassos da teledramaturgia brasileira, o que levou o escritor a rever a concessão dos direitos de adaptação de suas obras para outras linguagens. Apesar do episódio, o livro se tornou um sucesso editorial, figurando, semanas seguidas, nas listas dos livros mais vendidos e sendo aclamado, também, internacionalmente.

Seguindo sua narrativa sobre peregrinações, temos *As Valkírias* (1992), no qual Coelho narra uma viagem, feita juntamente com sua esposa, a artista plástica Christina Oiticica, pelo deserto norte-americano de Mojave, em busca de um encontro com o seu anjo da guarda. Os eventos neste livro se passam entre os dias 5 de setembro e 17 de outubro de 1988, e narram a impressionante história de Paulo Coelho no enfrentamento tanto da luz quanto da escuridão, encarando seus próprios anjos e demônios numa passagem sobre autodescoberta, relacionamentos, amor e espiritualidade.

Em 1994, *Na Margem do Rio Pedra Eu Sentei e Chorei* foi o título que o autor dispôs ao público, contando a história de uma mulher que tem sua vida mudada durante uma semana em companhia de um mago. Pilar e seu companheiro conheceram-se na infância, afastaram-se na adolescência, e - onze anos depois - tornam a se encontrar. Ela, uma mulher que a vida ensinou a ser forte e a não demonstrar seus sentimentos. Ele, um homem capaz de fazer milagres, que busca na religião uma solução para os seus conflitos. Os dois estão unidos pela vontade de mudar, de seguir os próprios sonhos, de encontrar um caminho diferente. Para isto, é preciso vencer muitos obstáculos interiores: o medo da entrega, a culpa, os preconceitos. Pilar e seu companheiro resolvem viajar até uma pequena aldeia nas montanhas Saint Savin, e trilhar o difícil caminho de reencontro com suas próprias verdades. O livro é o primeiro título da trilogia *E no sétimo dia...*

Em *O Monte Cinco* (1996), ainda na seara da espiritualidade, o escritor compõe uma narrativa voltada para a vida de um dos mais eminentes profetas da cristandade, Elias. O livro conta a história do profeta Elias, que se passa no século IX antes de Cristo. Cumprindo ordens de Deus, ele sai de Israel rumo a Sarepta, uma pequena cidade do Líbano, defrontando-se com uma nova cultura e ameaça de invasão. Passa a viver na casa de uma viúva. Em meio a superstições, conflitos

religiosos e sólidas tradições, o profeta Elias é conduzido a enfrentar-se com Deus. Baseado em *I Reis*, 18:8-24, *O Monte Cinco* conta a história de um homem frente às forças poderosas de seu tempo, entre o destino e o inevitável. A missão do profeta é fazer com que aquelas pessoas percebam que Deus é único e verdadeiro; que é preciso lidar com as diferenças e ter esperanças, e que as lições do inevitável são definitivas.

Em *Veronika Decide Morrer* (1998), Paulo Coelho narra, através da personagem título, o que teria sido sua vivência com as internações psiquiátricas, a tentativa de suicídio e contato com a loucura. Na história, o autor traça o destino de Veronika, tecendo o mistério de sua decisão de tirar a própria vida e cometer suicídio. No entanto, ela não morre: acorda num hospital psiquiátrico com a perspectiva médica de ter, no máximo, apenas mais uma semana de vida. O que a protagonista passa a enfrentar, então, é um jogo de espera e um mundo estranho que a leva a reavaliar sua decisão. Nas palavras do próprio autor, a Veronika do livro é ele mesmo, internado por três vezes em hospitais psiquiátricos, de onde extraiu elementos para este relato contundente sobre aceitação e loucura.

Veronika causou grande repercussão, pois, naquela época, estava acontecendo o debate, no Brasil, sobre a violência em manicômios públicos e privados. Coelho já havia manifestado o interesse em tornar pública essa passagem de sua vida, porém o literato prometera só o fazer após o falecimento dos pais. No período do lançamento de *Veronika*, já se contavam cinco anos da morte da mãe de Paulo Coelho. Mesmo com o pai ainda vivo, o escritor decidiu pela publicação da obra, contribuindo para o fortalecimento, no senado, do projeto que se tornaria a Lei Antimanicômio, que visava a extinção gradativa dessas instituições, e a implementação de alternativas mais humanizadas nos tratamentos dos pacientes com transtornos mentais. De acordo com Moraes (2008), trechos do livro foram lidos durante o debate para a aprovação da lei. Além disso, no dia da votação, o então senador Eduardo Suplicy (PT-SP) leu, na tribuna do plenário, uma carta que recebera do próprio Paulo Coelho, elogiando o projeto:

Tendo já sido vítima, no passado, da violência cometida por internações sem nenhum fundamento – estive internado na Casa de Saúde Dr. Eiras em 1965, 66 e 67, vejo não apenas como oportuna, mas como absolutamente necessária esta nova lei descrita no projeto. (MORAIS, 2008, p.543)

Coelho enviara, juntamente com a carta, os prontuários das internações, fazendo com que as denúncias tomassem uma proporção internacional. Dois anos depois, o escritor foi convidado a fazer parte do júri do International Russell Tribunal on Psychiatry, criado pelo Parlamento Europeu. A obra foi adaptada para o cinema, em 2009, e é o segundo título da trilogia *E no sétimo dia...*. Tanto *O Monte Cinco* quanto *Veronika*, são as obras que receberam críticas mais amenas dos especialistas.

Temos em seguida, *O Demônio e a Srtª Prym* (2000). A obra surge da visita feita por Paulo Coelho ao vilarejo de Viscos que está situado na França, próximo à fronteira da Espanha. Lá o escritor teve sua curiosidade aguçada ao se deparar com uma fonte, na praça principal, na qual se via uma escultura que mostrava um jorro de água saindo de um sol diretamente para a boca de um sapo. Ao indagar os moradores sobre o significado de tal obra, não obteve uma explicação concreta, ficando com a imagem gravada na memória por meses seguidos. Coelho, então, decidiu utilizá-la como uma representação do embate entre o Bem e o Mal. No texto, o literato conta como certo dia um estrangeiro chega ao vilarejo de Viscos em busca de uma resposta para uma pergunta que já o atormentava fazia um tempo: os seres humanos são, na essência, bons ou ruins? Para solucionar a questão, o homem desconhecido oferece onze barras de ouro e, utilizando a jovem Chantal Prym como mensageira, desafia o povo da cidade a se tornar cúmplice da trama. Nesta história, Coelho mais uma vez traz à tona abordagem de sentimentos como cobiça, covardia, medo e frustração, que nos fazem refletir sobre questões fundamentais de nossa própria vida.

O demônio e a senhorita Prym é o último título da trilogia *E no sétimo dia...* que, segundo Coelho, “são três livros que falam de uma semana na vida de pessoas normais que se veem subitamente confrontadas com o amor, a morte e o poder” (MORAIS, 2008, p. 549). O livro também marca o início da caminhada de Paulo Coelho para a entrada no panteão dos literatos brasileiros. Para a divulgação da obra, que ocorreu em sua casa, em Copacabana, Coelho convidou jornalistas e equipes de tevê de países como Alemanha, França, Grécia, Inglaterra, República Tcheca, entre outros. Além de tratarem do livro, os jornalistas fizeram reportagens sobre a capital carioca que renderam matérias nas mais importantes revistas internacionais e geraram uma propaganda que, nos comentários da famosa editora

de Coelho, Mônica Antunes, “se tivesse que pagar por ela, a Prefeitura do Rio teria que investir uma fortuna” (MORAIS, 2008, p.547). Contudo, o maior impacto causado no meio literário brasileiro foi o local escolhido para o lançamento da obra. Nas palavras de Morais:

A outra particularidade de *Sra. Prym* no Brasil foi a escolha do local para o lançamento do livro. Em vez de realizar a noite de autógrafos em uma livraria ou nos salões de um hotel, Paulo preferiu organizar a festa protegido pelas conventuais paredes da centenária Academia Brasileira de Letras. Não era necessária muita argúcia para interpretar o que a escolha anunciava: o ousado Paulo Coelho, um dos escritores mais maltratados pela crítica nacional, estava de olho em uma cadeira do Olimpo da literatura brasileira, a Casa de Machado de Assis. (MORAIS, 2008, p.547)

Em 2003, após passagem pela editora Objetiva, Paulo Coelho retornou a antiga casa editorial, a Rocco, e lançou *Onze minutos*. A obra veio envolta em polêmicas. Coelho decidira sair da Objetiva, de Roberto Feith, após perceber que entre os anos de 1996 e 2000, período em que esteve no catálogo da editora, perdera em torno de 100 mil leitores. Além disso, ao procurar pelos seus títulos nas bancas e livrarias de alguns aeroportos do Brasil, o escritor percebera que aqueles que estavam disponíveis pertenciam à Rocco. Incomodado com a situação, o literato, após consulta ao oráculo chinês I Ching, decidiu voltar a escrever para a empresa de Paulo Rocco. Feith não aceitara facilmente a decisão de Coelho, e deu início a uma batalha judicial que causou fervor no mercado editorial brasileiro. Em questão, estava uma indenização, requerida pela Objetiva, o *backlist* de Paulo Coelho bem como os originais de sua nova obra, *Onze minutos*.

O embate só teve fim com a intervenção da mulher de Paulo Coelho. Ele teria acatado os conselhos da esposa e proposto um acordo ao antigo editor, retomando o controle de seu *backlist* e de sua futura publicação. Paulo Coelho e Roberto Feith resolveram a pendência jurídica, mas nunca mais voltaram a se falar.

Essa foi apenas parte da saga que Coelho trilhou até o lançamento da obra. Como nos informa Fernando Morais (2008), *Onze minutos* começou a ser gestado em 1997, na cidade de Mântua (Itália), durante uma conferência efetuada pelo escritor. Coelho teria encontrado, no hotel, um envelope deixado por uma leitora e fã, chamada Sônia, contendo os originais da obra. Mesmo mantendo o hábito de não ler originais escritos por outros, o literato teria lido o escrito, gostado e indicado para a publicação na Objetiva. Contudo, a editora não teria se interessado e o projeto fora

engavetado. Três anos após o fato, Paulo Coelho encontrou-se com Sônia, na Suíça. Foi então que ela o teria conduzido a uma zona de prostituição onde lhe contara a história que seria o fio condutor da obra: “o relato de uma jovem nordestina que é atraída para fazer shows na Europa e ao chegar lá descobre que terá que se prostituir”. Conforme declarações, feitas por Paulo Coelho aos jornais, o livro não é sobre a prostituição e “nem sobre as desventuras de uma prostituta, mas sobre o processo interior de uma pessoa em busca de sua identidade sexual [...] É uma obra sobre a complicada relação entre os sentimentos e o prazer físico” (MORAIS, 2008, p.569-571).

Onze minutos parafraseia o best-seller de 1969, escrito por Irving Wallace, *Sete minutos*, que narra a tentativa de proibição de um romance sobre sexo, por um tribunal. Segundo Wallace, sete minutos seria o tempo médio consumido na realização de uma relação sexual. Na ocasião do lançamento da obra coelhiana nos Estados Unidos, o jornal *USA Today* questionou o brasileiro sobre o motivo do acréscimo de quatro minutos ao tempo estipulado pelo norte-americano. Coelho teria respondido que a estimativa de Wallace observava um padra anglo-saxão e “era conservadora demais para os padrões latinos” (MORAIS, 2008, p.571).

Lançado no primeiro semestre de 2003, *Onze minutos*, após três semanas, figurava em primeiro lugar nas listas dos mais vendidos no Brasil, na Alemanha e na Itália. Antes mesmo que os 200 mil exemplares brasileiros chegassem às prateleiras das livrarias, a obra já tinha sido comercializada para mais de vinte editores estrangeiros, numa negociação que rendeu a Coelho uma quantia em torno de 06 milhões de dólares. Em Londres, 02 mil pessoas foram à livraria Borders para o lançamento da edição inglesa. Com o passar dos anos, *Onze minutos* vendeu ao menos 10 milhões de exemplares, tornando-se o segundo título mais lido de Paulo Coelho, ficando atrás, somente, de *O Alquimista*.

O Zahir (2005) parte da inspiração gerada pela obra homônima do contista argentino Jorge Luis Borges que trata de algo que, uma vez tocado ou visto, jamais poderá ser esquecido. Com características autobiográficas, a trama conta a história de um ex-roqueiro que se torna um escritor mundialmente conhecido e adorado pelos leitores, mas odiado pela crítica. O início da narrativa trás o personagem, não denominado no livro, descobrindo que a sua mulher, uma correspondente de guerra

chamada Esther, o teria abandonado. O homem, então, usa seus recursos para tentar encontrá-la e descobrir os motivos que a levaram afastar-se dele.

A obra foi lançada primeiramente no Irã, onde Paulo Coelho era o escritor estrangeiro mais lido. Essa medida foi tomada para tentar evitar a pirataria local e proteger os direitos autorais e editoriais da obra, no país islâmico. Como o Irã não faz parte dos acordos internacionais de defesa dos direitos autorais, não há controle ou repressão à indústria de livros clandestinos, haja vista que a legislação local protege apenas as obras cuja primeira edição seja impressa, editada e lançada no país. Para termos ideia, somente de *O Alquimista* foram encontradas 27 edições diferentes, todas piratas (MORAIS, 2008, p.573). A priori, a estratégia surtiu efeito e freou a pirataria. Contudo, a “polícia moral” do regime aiatolá, conhecida como Basejih, durante a Feira Internacional do Livro do Irã, invadiu o estande organizado pelo editor de Coelho no local, Arash Hejazi, e confiscou os exemplares de *O Zahir*. Temendo pela integridade do editor, Paulo Coelho mobilizou a imprensa internacional como, por exemplo, a rádio BBC de Londres e a agência de notícias France Presse, denunciando a censura sofrida. A repercussão intimidou as autoridades iranianas que devolveram os livros e cancelaram a censura contra o escritor mais popular no país – “o primeiro escritor não muçulmano a visitar o Irã depois da chegada dos aiatolás ao poder”, desde 1979 (MORAIS, 2008, p.574).

Após *O Zahir*, Coelho publicou os seguintes títulos: *A Bruxa de Portobello* (2006), que narra a história de Athena, filha de ciganos, que fora abandonada pela mãe biológica, na busca pelo seu passado; *O Vencedor Está Só* (2008), malsucedida tentativa de escapar da temática mística e espiritual e não agradou os leitores do escritor por se tratar de um romance policial que narra as 24 horas de um *serial killer* durante o Festival de Cinema de Cannes; *O Aleph* (2010), mais uma inspiração da obra borgeana, conta a vigem de Paulo Coelho, entre os meses de março e julho de 2006, pela ferrovia Transiberiana; *Manuscrito encontrado em Accra* (2012) apresenta a história da invasão dos cruzados a Jerusalém, no ano de 1099; *Adultério* (2014), escrito a partir de relatos de internautas, a obra trata de questões como depressão, infidelidade e a rotina do casamento; *A Espiã* (2016), cuja narrativa gira em torno da emblemática dançarina Mata Hari; e, por fim, sua biografia romanceada, *Hippie* (2018).

Além dos romances, Paulo Coelho também é reconhecido pela compilação de diversos textos das tradições orais, ocidentais e orientais, que são lançados, vez ou outra, em formato de manuais de conselhos, catálogos especiais de fim de ano, livretos com frases inspiradoras etc. Temos, por exemplo, *Maktub* (1994), *Frases* (1995), *O Manual do Guerreiro da Luz* (1997), *Palavras Essenciais* (1999), *Histórias para pais, filhos e netos* (2001), *O Gênio e as Rosas* (2004), *O Livro dos Manuais* (2008), *Ser Como um Rio que Flui* (2009) e *Fabulas de La Fontaine* (2014).

Eis então a vida literária de Paulo Coelho e seus elementos de espiritualidade. Notemos que apesar da quantidade considerável, tanto em termos de vendas quanto em termos de títulos publicados, a obra coelhana ainda não encontra consenso entre os seus diferentes tipos de leitores. No capítulo a seguir, apresentaremos os leitores de Paulo Coelho e mostraremos que mesmo tendo alcançado o olimpo literário brasileiro, ou seja, a conquista de uma cadeira na Academia Brasileira de Letras (ABL) - além da aceitação do grande público - o literato não se configurou como um legítimo representante da literatura nacional, sobretudo, entre os leitores autorizados, ou seja, a crítica literária jornalística e a crítica acadêmica.

3. CAPÍTULO 2 – A CRÍTICA E OS LEITORES DE PAULO COELHO

O sucesso de Paulo Coelho é inquestionável e surpreende os mais destacados nomes da literatura. O literato se tornou um grande referencial da literatura pop e de entretenimento, não apenas no Brasil, mas em grande parte do mundo. Seus livros venderam em torno de 200 milhões de cópias, e foram traduzidos em mais de 160 países e em 81 idiomas, além de circularem entre os mais lidos por chefes de estado e celebridades tanto do cinema quanto do esporte.

Como nos aponta o professor da Universidade de Passo Fundo, José Gaston Hilgert, o sucesso de Coelho não fica restrito aos países de Terceiro Mundo, onde os leitores são considerados menos criteriosos na escolha da literatura a ser consumida, mas está, sobretudo, nos países onde o hábito da leitura está enraizado no cotidiano como, por exemplo, a França, a Alemanha, a Inglaterra, a Itália, os Estados Unidos etc. (HILGERT in MAESTRI, 1999, p.13). Ainda segundo o teórico, se não podemos dizer que Paulo Coelho é um sucesso universal, ao menos podemos afirmar que ele é um fenômeno literário ocidental, o que lhe garante um destaque nos meios de comunicação e impulsiona a venda de seus livros.

O autor, sucesso de público, sem ser sucesso de crítica, fez acender algumas discussões. Nesse contexto, percebemos que a literatura coelhana se tornou leitura e objeto de análise de dois tipos de leitores que nossa investigação caracterizará como sendo o leitor autorizado, representado pela crítica literária jornalística e pela crítica acadêmica; e o leitor leigo, representado pelo público em geral.

3.1. O LEITOR AUTORIZADO: A CRÍTICA JORNALÍSTICA

Se a Europa recebe a obra de Paulo Coelho sem maiores restrições, no Brasil, percebemos que ocorre o contrário. Escritores e críticos literários, quando muito, são moderados em sua opinião. Em suma, os críticos reconhecem o sucesso do autor e a sua capacidade de atrair indivíduos, que não possuíam o hábito de leitura, para o mundo literário, porém há o questionamento sobre a qualidade de sua obra que, geralmente, é vista como superficial, o produto de um mercado cultural *pop* ou de massa. Hilgert nos aponta algumas falas que ficaram cristalizadas nas referências das críticas feitas a Paulo Coelho:

“Não li e não gostei”, diz David Arriguci Júnior, em *Veja* de 15.8.98. Na mesma revista, Barbara Heliodora se expressa assim: “Não li uma linha dele. Ouço dizer que é horrível e acredito. A única coisa

que me fascina é sua capacidade de autopromoção.” (HILGERT in MAESTRI, 1999, p.14)

Em A Crítica, capítulo cinco do *Manual de Teoria Literária* (SAMUEL, 1984), a pesquisadora Angélica Maria Santos Soares nos informa que a palavra “crítica” possui dupla significação: uma negativa e outra positiva. Soares observa que, ao longo dos anos, o sentido mais ressaltado foi o negativo e, então, “criticar” passou a ser entendido como depreciar, no sentido de se apontar erros ou lacunas nas obras. Contudo, a estudiosa adverte que essa perspectiva não corresponde nem à etimologia, nem à história da palavra (1984, p.91). Soares salienta o fato de caber à crítica a caracterização de uma obra literária, através da distinção dos elementos que a compõem e a identificam na sua diferença (1984, p.91) e que o crítico deveria ter, sobretudo, um olhar dinâmico e aberto sobre o texto literário.

Percebemos que, no caso da literatura coelhana, sobressai a significação negativa da crítica. Os críticos que se debruçaram a discutir o texto de Coelho o fazem a partir de apontamentos dos erros e das lacunas gramaticais e narrativas de seus livros. Essa perspectiva reduz a obra coelhana e, por vezes, inviabiliza uma análise dos elementos que a distinguem das demais literaturas.

Como nos informa Moraes (2008), após ignorarem a obra *O Diário de um Mago*, a crítica literária, vinculada a imprensa, viu-se obrigada a discutir o êxito de *O Alquimista*. Até aquele momento, os jornais da época apenas tinham efetuado algumas reportagens sobre o escritor e publicado um resumo da obra. Antônio Gonçalves Filho, jornalista e crítico de literatura, foi o primeiro a publicar uma nota opinativa sobre o texto coelhano, em 09 de agosto de 1988, na *Folha de São Paulo*. A nota ressalta dois pontos negativos do livro de Coelho: a falta de uma narrativa sedutora e a recorrência de uma história já visitada por diversos livros, peças, filmes e óperas. Nas palavras de Gonçalves Filho:

A rigor não existe qualquer novidade nessa fusão de lendas que tanto pode ter origem em manuscritos dos primeiros séculos da era cristã (“*Parsifal*”, por exemplo) como nos textos de Saint-Exupéry. Tampouco *O Alquimista* parece existir para isso. Como em “*Parsifal*”, o herói de Coelho neste seu “épico” também é um “tolo inocente” à procura de algo capaz de neutralizar os males do mundo. O culto da fé, a restauração da ordem, a afirmação da diversidade dentro de uma estrutura que tende à uniformização, enfim, todas as questões presentes em “*Parsifal*” se repetem em *O Alquimista*. Até mesmo a predestinação do herói. (MORAIS, 2008, p.481)

Morais (2008), contudo, nos adverte que Coelho, no prefácio do livro, faz menção às semelhanças de *O Alquimista* em relação a outras obras literárias. Coelho trata o seu livro como um texto simbólico, uma homenagem aos escritores que fazem parte de sua formação literária:

O Alquimista é também um texto simbólico. No decorrer das suas páginas, além de transmitir tudo o que aprendi a propósito, procuro homenagear grandes escritores que conseguiram atingir a Linguagem Universal: Hemingway, Blake, Borges (que também utiliza a história persa para um dos seus contos) e Malba Tahan, entre outros. (MORAIS, 2008, p.482)

O biógrafo também observa que tanto a imprensa quanto a crítica literária jornalística se mantiveram silenciosas mesmo diante dos números, de exemplares e de público, atingidos por Paulo Coelho. Apesar de um cenário, no qual era perceptível um mercado editorial enfraquecido e de uma população pouco afeita à leitura, a mídia e os críticos eram indiferentes aos 500 mil exemplares vendidos, das duas primeiras obras, e aos milhares de leitores que disputavam espaço nas concorridas palestras, ministradas pelo literato, como, por exemplo, a ocorrida no auditório Martins Pena, em Brasília, na qual Coelho discursou para um público de mais de 02 mil pessoas.

Paulo Coelho era visto como um modismo, um fenômeno passageiro pelos jornalistas e críticos literários. O jornal *O Globo*, numa matéria do caderno cultural, o chamara de “Casteñeda de Copacabana” e, desde então, a imprensa o esquecera. Somente quando os livros de Coelho começaram a figurar nas listas dos mais vendidos, os veículos de imprensa passaram a lhe dar algum destaque. Mesmo assim, Moraes (2008) observa que, em sua maioria, os editoriais de cultura traçavam o perfil e a trajetória bem-sucedida do escritor, suas experiências místicas, espirituais e musicais ao lado de Raul Seixas, mas restringiam a análise crítica às poucas linhas finais ou a sucintas notas como ocorrera, por exemplo, em 1989, no *Caderno 2* de *O Estado de S. Paulo*, no qual, após longa matéria de perfil realizada pela jornalista Thereza Jorge, constava uma “notinha de vinte linhas”, escrita pelo crítico literário Hamilton dos Santos, que caracterizava a obra coelhana como sendo “uma síntese gelatinosa de ensinamentos que vão do cristianismo ao budismo” (MORAIS, 2008, p.492). Esse teria sido, nas palavras de Paulo Coelho, “o primeiro pau pra valer” que recebera da crítica: “Eu fiquei paralisado ao ler aquilo.

Absolutamente paralisado. Era como se o autor estivesse me advertindo para o preço da fama.” (MORAIS, 2008, p.492)

Em seguida, Morais nos apresenta a crítica feita por Teixeira Coelho, no jornal literário *Leia Livros*. Paulo Coelho figurava na capa da edição de dezembro de 1989. Mais uma vez uma longa matéria do perfil do literato e, por fim, um *box* de meia página contendo a opinião de Teixeira Coelho. O crítico usara de uma linguagem tão elaborada que, de acordo com Morais (2008), “o brasileiro médio [...] talvez tivesse dificuldade para entender se Paulo estava sendo elogiado ou insultado” (p. 493):

Ficou para trás o tempo em que a visão, a imaginação, o que não é racional (mas tem sua racionalidade própria), em parte integrante do real e vinha “de cima”, era um hábito mental. Este hábito definia um paradigma cultural, um modo de pensar e de conhecer o mundo. Paradigma que foi posto de lado pelo novo paradigma racionalista do século XVIII. Hoje é este paradigma que se mostra (temporariamente) esgotado. O fenômeno Paulo Coelho é um símbolo da decadência desse paradigma e implica a suspeição do racionalismo tal como o conhecemos ao longo desses dois séculos.

[...] Prefiro reconhecer no sucesso de vendas de Paulo Coelho o primado da imaginação, que cada vez mais conquista seus direitos sob diferentes formas (as religiões, a “magia”, as medicinas e o sexo “alternativo”, o método poético do conhecimento), aquelas que o pensamento carcomido pelo hábito emblemático cartesiano designa pelo nome de “irracionais”.

[...] No gênero de Paulo Coelho, Lawrence Durrell com seu “quinteto cátar” é melhor escritor e Colin Wilson um autor mais intelectualizado. Mas juízos deste tipo são supérfluos. (Morais, 2008, p. 493)

As primeiras análises já demonstravam o tom animoso com que a crítica trataria a obra coelhana. À medida que Coelho se tornava um fenômeno de público também se tornava o literato mais desprestigiado pelos críticos da imprensa, alvo de jornais, revistas e programas de tevê. Morais (2008) informa que, no lançamento de *Brida*:

Ao contrário do tratamento água-com-açúcar que a imprensa lhe dedicara nos casos do *Diário de um Mago* e do *Alquimista*, no lançamento de *Brida* a mídia parecia querer sangue – e em quantidade proporcional ao sucesso que aqueles livros faziam junto aos leitores. (MORAIS, 2008, p. 499)

Os jornais do Rio e de São Paulo mostraram-se implacáveis e “muitas vezes roçando o desrespeito”, empregavam críticas voltadas à linguagem e aos erros gramaticais dos livros:

O autor escreve muito mal. Não sabe usar crase, emprega muito mal os pronomes, escolhe aleatoriamente as preposições, ignora coisa simples como a diferença entre os verbos “falar” e “dizer” (Luiz Garcia, *O Globo*)

Em termos estéticos, *Brida* é um fracasso. Imitação do enfadonho modelo de Richard Bach, temperado com Carlos Castañeda. Os estereótipos permeiam o livro de Paulo Coelho. (Juremir Machado da Silva, *O Estado de S. Paulo*)

O que talvez devesse anunciar com mais galhardia é que faz chover. Pois Paulo Coelho faz mesmo – na horta dele. (Eugênio Bucci, *Folha de S. Paulo*)

O Alquimista é desses livros que, quando a gente larga, não consegue mais pegar. (Raul Giudicelli, *Jornal do Commercio*) (MORAIS, 2008, p. 499)

Na TV, Paulo Coelho também enfrentou a acidez da crítica ao conceder uma polêmica entrevista para Jô Soares no SBT. Apesar de ser amigo do escritor, Soares iniciou seu *talk show*, *Jô Onze e Meia*, apresentando uma lista de dezenas de erros cometidos por Coelho em *O Alquimista*. Entre as perguntas, Jô Soares questionou Paulo Coelho sobre o emprego do plural do verbo ‘*haver*’ que, segundo o entrevistador, teria sido aplicado de maneira indevida ao menos dezesseis vezes no livro. O literato respondera que seus erros eram propositais e que seriam “códigos” destinados aos leitores. Além disso, o escritor alegara que escrevia “havia (dunas, estrelas etc.) porque é costume se falar havia”, sendo prontamente questionado por Jô: “Costume onde? Em Moçambique?” (MORAIS, 2008, p. 500). A entrevista acabou rendendo, dois dias depois, uma matéria no jornal *O Dia*, intitulada “*Cadê o Crédito, Jô?*”, produzida pelo jornalista Artur da Távola. A equipe do periódico reivindicava os créditos do trabalho de pesquisa, apresentada por Jô Soares, que, de acordo com Távola, teria sido publicado pelo jornal, e constava com oitenta e seis erros do livro *O Alquimista*.

Mesmo diante das ofensivas contra sua obra, segundo Moraes (2008), Paulo Coelho ainda acreditava que seu sucesso editorial fosse chamar a atenção positiva da imprensa. O literato concedera uma longa entrevista para *Veja*, e aguardava a chegada do semanário às bancas no intuito de encontrar algum crítico que “lesse seus livros sem preconceitos, com os mesmos olhos dos milhares de pessoas que afluíam às livrarias de todo o país em busca de algum de seus três best sellers” (MORAIS, 2008, p. 500). Contudo, para a surpresa de Coelho, a publicação endossou o que já se divulgava sobre suas obras. Com uma capa que trazia uma

bola de cristal e o título *A Maré do Misticismo*, a revista apresentava uma reportagem não assinada, intitulada *O Mago nas Alturas*. No texto, entre fotografias de Coelho trajando sua capa preta, tênis e com um cajado na mão, os livros *Brida*, *Diário* e *O Alquimista* eram tratados como “mal contadas histórias metafísicas, banhadas num misticismo difuso” (MORAIS, 2008, p. 501). Foram seis páginas em que cada parágrafo constava “uma crítica, um deboche, uma ironia”:

[...] superstições tolas...

[...] ninguém sabe dizer com precisão onde termina a convicção verdadeira e começa a farsa...

[...] mais um surfista no vagalhão do misticismo lucrativo...

[...] embolsou mais de 20 mil dólares como adiantamento para perpetrar *Brida*, e já cogita cobrar por suas palestras...

[...] seguramente o pior de seus livros...

[...] ficção pedestre... (MORAIS, 2008, p. 501)

Desapontado com o tratamento que vinha recebendo da crítica jornalística, Paulo Coelho escreveu uma carta resposta à revista *Veja*:

Gostaria de fazer apenas uma correção na reportagem ‘O Mago nas Alturas’. Não pretendo cobrar minhas palestras para o grande público. O resto não foi surpresa: todos nós somos muito burros e vocês, muito inteligentes. (MORAIS, 2008, p. 501)

Em seguida, Coelho também enviou um texto ao jornalista Luiz Garcia, intitulado “*Sou o Disco Voador da Literatura*”, publicado n’*O Globo*, no qual o literato evidencia o seu descontentamento com o tratamento recebido pela mídia:

[...] No momento eu sou o disco voador da Literatura – gostem ou não da forma, das cores e dos tripulantes. Então, que me vejam com espanto, mas não com tanta agressividade. Há três anos o público compra meus livros, em quantidades cada vez maiores, e eu não podia enganar tanta gente, de todas as faixas etárias e de todas as classes sociais, ao mesmo tempo. Tudo o que tenho feito é tentar mostrar a minha verdade e as coisas em que acredito com sinceridade – embora nem isso a crítica tenha me poupado. (MORAIS, 2008, p. 501-502)

A partir desse momento iniciou-se um duelo literário que, mesmo hoje, é perceptível. Passados mais de trinta anos do lançamento de seus primeiros livros, os críticos literários da imprensa, ao tratarem da obra coelhana, recorrem aos mesmos argumentos para rechaçá-lo.

Ao ser eleito para a Academia Brasileira de Letras, em 2002, Paulo Coelho foi alvo de críticas de Leandro Sarmatz, jornalista da seção de cultura da revista *Super Interessante*. Naquele período, Sarmatz escrevera a matéria *O valor de Paulo Coelho - O escritor brasileiro, sucesso planetário com romances como Diário de um Mago e O Alquimista, é uma celebridade*, na qual o crítico reitera as palavras de seus antecessores, caracterizando a obra coelhana como sendo de uma “pobreza franciscana”, “chorumela esotérica”. Para o jornalista, Paulo Coelho é apenas uma celebridade do mercado literário. Da mesma forma que os críticos de outrora, Leandro Sarmatz também aponta para o fato de Paulo Coelho levar um público, pouco afeito a literatura, às livrarias. O jornalista informa que os livros de Coelho, se não atendem ao crivo da boa literatura, ao menos ajudam a capitalizar as editoras, profissionalizam o mercado e promovem o surgimento de outros escritores.

Em 2008, o escritor, diplomata e crítico literário Marcelo O. Dantas publicou uma matéria, na edição nº 17 da Revista Piauí, intitulada *O Verniz do Mago – Paulo Coelho é mais original como Dom Paulete do que como alquimista*. Na matéria, Marcelo O. Dantas se refere a Paulo Coelho como ‘Dom Paulete’ e, num tom sarcástico, apresenta uma biografia do literato, além de uma breve análise de Paulo Coelho como letrista, mago e escritor. Numa síntese de sua análise, Dantas informa que:

Lendo com atenção a obra do mago tem-se a impressão de que a única coisa que estudou na vida foram os escritos de Crowley. Sob o verniz alquímico de seus ensinamentos, persistem as antigas ideias ocultistas. Mesmo quando tenta ser gnóstico, apoiando-se em interpretações fantasiosas da doutrina sola fide (justificação pela fé) do apóstolo São Paulo, o mago se mostra apenas um antinomista de ocasião, incapaz de libertar-se do jugo da carne e dos apelos da matéria. (DANTAS, 2008)

E segue advertindo os leitores de que:

Desde a publicação de *O Alquimista* (1988), nada de essencialmente novo surgiu na doutrina do mago. O autor parece convencido de que encontrou a pedra filosofal com sua mistura exitosa de conhecimento epidérmico, espiritualidade de boutique e erotismo gratuito. (Dantas, 2008)

O crítico literário observa que, apesar dos livros de Coelho ainda figurarem internacionalmente como sucessos editoriais, no Brasil, a obra *A Bruxa de Portobello* (2006) foi recebida com frieza pelos leitores. Esse fato poderia sugerir o início de uma decaída para o literato, visto que sua obra estaria marcada pela repetição

excessiva da temática mística e espiritual e pela ausência de renovação (DANTAS, 2008).

Na sequência, em tom jocoso, Dantas alude ao fato da entrada de Paulo Coelho na Academia Brasileira de Letras (ABL) ter ocorrido devido a um descuido divino: “Só pode mesmo ter sido isso. Deus afastou o anjo que estava com uma espada de fogo na porta da Academia Brasileira de Letras, ABL, e o mago entrou de fininho”. (DANTAS, 2008)

O crítico conclui seu texto apontando que, provavelmente, Paulo Coelho não queira fazer literatura, mas apenas vender livros, sendo motivado pelas estatísticas da indústria editorial e convencido de que “o grande público gosta mesmo é de seu ocultismo açucarado, com tramas banais e finais miraculosos” (DANTAS, 2008). No ano de 2014, lançamento de *Adultério*, Dantas escreve outra crítica a Paulo Coelho sobre a recente obra. São suas palavras:

Literatura não há em “Adultério”. Estamos diante de um produto. Apenas isso. A narrativa é linear e monocórdica. Ao estilo, falta inventividade.

As personagens não chegam a existir. A protagonista sofre dessa insuficiência ontológica que costuma acometer as heroínas de Paulo Coelho.

[...] o barco de “Adultério” corre por águas desoladoramente rasas...

[...] Um conselho? Poupe seu dinheiro. Se quiser um livro, lembre-se: Hawthorne, Flaubert, Tolstói escreveram obras primas sobre o tema. Joyce mergulhou na mente adúltera de Molly Bloom; e o maior romance da língua portuguesa busca convencer-nos da infidelidade de uma jovem com “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”. (DANTAS, 2014)

Em 2017, o jornalista e crítico literário J.C. Guimarães, escrevendo para seção Ideias, da *Revista Bula*, observa que ler *best-sellers* é um bom tipo de passatempo como, por exemplo, ir ao cinema. Guimarães informa que os únicos escritores, desse gênero literário, por ele já lidos foram Dan Brown e E.L. James. No caso de Paulo Coelho, J.C. diz ter lido apenas as primeiras duas páginas de *O Alquimista*. Com a leitura, ele teria se sentido como um adolescente, visto que, para o jornalista, Paulo Coelho escreveria suas obras tratando seus leitores como adolescentes. Ademais, J.C. Guimarães observa que os *best-sellers* parecem dizer aos leitores que eles não são capazes de ler e compreender textos mais elaborados (GUIMARÃES, 2017).

Além de Marcelo O. Dantas e J.C. Guimarães, outro crítico que, na atualidade, realiza duras análises aos escritos de Paulo Coelho é Nelson Vasconcelos. Em 30 de maio de 2018, no lançamento de *Hippie*, Vasconcelos publicou, no Caderno B d'O *Globo*, uma matéria intitulada *Paulo Coelho e Eu: Uma Experiência Fracassada*, na qual o jornalista narra a tentativa de leitura da obra coelhana no período em que se encontrava de licença médica.

De início, o jornalista informa que deseja conhecer a obra de Paulo Coelho para tentar identificar onde estaria a sua “joia literária”, visto que o escritor vendera algo em torno de 220 milhões de exemplares no mundo todo. Além disso, Vasconcelos observa que não poderia falar mal de Paulo Coelho sem ao menos conhecer sua obra, coisa que, segundo ele, outros críticos literários faziam.

Em seguida, Nelson Vasconcelos inicia seu relato de leitura e apresenta suas impressões sobre as obras lidas. O primeiro livro a ser criticado é *O Diário de um Mago* (1987). Apesar de afirmar que a leitura de *O Diário* não tenha sido sua pior experiência literária, Vasconcelos classifica a obra como “livro de um adolescente em busca de si mesmo”:

Percebe-se a boa intenção em disfarçar seu mínimo talento com as palavras. Mas não é desrespeitoso com o leitor. É apenas um livro bobo, com suas obviedades fantasiadas de ensinamentos divinos, lendas e parlendas nos convencendo de que há, sim, uma salvação possível para este vale de lágrimas...Tomara, mas certamente não será por causa do Paulo Coelho. (VASCONCELOS, 2018)

Sem seguir a ordem cronológica das obras, o crítico literário continua sua análise tomando a leitura de *Nas Margens do Rio Pedro Eu Sentei e Chorei*, de 1994. Nas palavras de Nelson Vasconcelos:

O título já diz tudo. É para o leitor sentar num canto e chorar. Dava para desconfiar logo de cara. Quando se destaca na contracapa uma citação do livro, pressupõe-se que ela seja lapidar. No caso, destacou-se isso: “Esperar dói. Esquecer dói. Mas não saber que decisão tomar é o pior dos sofrimentos”. Portanto, não sofra, tome logo uma decisão: descarte esse livro o quanto antes. Não fiquei nem 20 minutos nele, apaguei da minha memória. (VASCONCELOS, 2018)

Na sequência, Vasconcelos apresenta suas perspectivas sobre as obras *Manual do Guerreiro da Luz* (1997) e *Onze Minutos* (2003), informando que a leitura se deu de forma aleatória, pulando vários trechos, pois os textos seriam muito previsíveis. Além disso, o jornalista adverte que não recomenda os dois títulos, mas, em contrapartida, “qualquer coisa de Machado de Assis” (VASCONCELOS, 2018). O

crítico trata, também, de *Maktub* (1994) e diz ainda ter uma pilha com outras três obras de Paulo Coelho. Contudo, Nelson Vasconcelos informa que apenas lê as contracapas das obras, não sendo estimulado à leitura dos livros, e alega que possa ser por preconceito ou por descrença nos “caminhos misteriosos”, difundidos por Coelho em suas obras. Por fim, o jornalista *d’O Globo* se recorda que, quando nos debruçamos na leitura de Paulo Coelho, paira a questão do “ame-o ou deixe-o”, e sugere que:

No caso do Paulo Coelho, a sugestão é: deixe-o. A vida é curta demais para dedicar-se aos livros dele – mesmo quando você dispõe de tempo sobrando. Não pense que vai prejudicar sua carreira literária, que já está deveras consolidada, por seus próprios méritos – que não sei quais são. Assumo mais essa minha ignorância. E voltemos ao Machado de Assis. (VASCONCELOS, 2018)

Como podemos observar, tanto no passado quanto na atualidade, os críticos literários da imprensa tecem duras críticas à temática e ao estilo de escrita de Paulo Coelho. Eles comparam as obras do literato com obras de temática semelhante, geralmente, escritas por autores consagrados e considerados canônicos. A crítica literária jornalística aponta para a linguagem muito simples, por vezes, redundante de Paulo Coelho que, a cada linha de seus livros, parece querer explicar um fato cotidiano, corriqueiro para uma criança, ou adolescente, incapaz de compreender algo mais profundo e desconcertante. Outro aspecto levantado é o fato da obra coelhana explorar, ao máximo, assuntos que fazem parte da filosofia popular como, por exemplo, a eterna busca de um sentido para a vida, a conquista de uma existência construtiva, o valor da esperança para as pessoas, dando-lhes um caráter de uma filosofia oculta, um misticismo transcendental, uma realidade mágica.

De toda forma, mesmo com toda repercussão negativa, gerada pela crítica ligada à imprensa, Paulo Coelho acaba por se beneficiar com a exposição e a divulgação de sua obra. O embate entre o escritor e seus críticos aguça a curiosidade pública, levando as pessoas a quererem descobrir se de fato Paulo Coelho escreve mal, o que aumenta as vendas de seus livros. Outro fator relevante é a atuação do literato nas redes sociais. Paulo Coelho é muito presente no ambiente virtual, interagindo diretamente com seus leitores, o que leva, na atualidade, a uma maior aproximação e recepção desses leitores com a sua obra.

3.2. O LEITOR AUTORIZADO: A CRÍTICA ACADÊMICA

No ambiente acadêmico, Paulo Coelho é recebido com reserva, e a abordagem de sua obra, por vezes, causa controvérsia entre os teóricos da literatura. Como nos aponta Ronaldo Albanese (2006), as opiniões sobre os livros do escritor variam no limite de literatura mediana para baixo.

Em artigo da *Revista Língua* de agosto de 2006, intitulado *A marca do coelho*, Albanese apresenta alguns apontamentos feitos por teóricos da literatura sobre a obra de Paulo Coelho. Entre as observações levantadas está a da professora de teoria literária, estudos da tradução e literatura comparada da Universidade Federal Fluminense (UFF), Susana Kampff Lages.

De acordo com Albanese, para professora Susana K. Lages, a literatura coelhiana seria “mediana”, podendo ter, de certa forma, uma importância pedagógica para o leitor comum. Lages retoma os pensamentos de Walter Benjamin, em *Como se Explicam os Livros de Grande Sucesso?*, no qual o teórico analisa e critica um livro sobre ervas medicinais que vendera, em 1930, uma tiragem de 140 mil exemplares na Suíça, superando, inclusive, o número de vendas da *Bíblia*. Na análise de Benjamin, apontada por Susana K. Lages no artigo de Albanese (2006):

Uma pitada de ‘deísmo’, uma pitada da teoria dos íons - uma mistura tão autêntica e perfeita é o conteúdo deste livro; seus capítulozinhos são de ervas e de cenouras. É só lembrar daqueles calendários do interior, almanaques e outros impressos do tipo, que seremos obrigados a aceitar o fato de que o povo adora essa desordem em seus livros. Por quê? Uma coisa é certa: a desordem costumeira é acolhedora, enquanto a ordem estranha dá uma impressão fria, distanciada. (BENJAMIN apud LAGES In: ALBANESE, 2006, p.2)

Para a professora, a obra de Paulo Coelho, ao tentar solucionar questões com autoajuda, estaria se ancorando no que Benjamin caracterizou como “desordem costumeira, familiar”. Susana Kampff Lages informa que um texto literário deve ter o poder de produzir questionamentos sobre o mundo, o indivíduo, a história, a sociedade e a própria literatura. A pesquisadora salienta que a literatura não traz respostas, não é apaziguadora, ao contrário, provoca novas perguntas. Diante disso, para concluir, Lages afirma não ver Paulo Coelho como um escritor de elaboração estética de material verbal – da língua ou das línguas, visto que, segundo ela, uma obra que tenha a pretensão de ser literária teria de apresentar elaboração de

linguagem aliada a uma força imaginativa incomum (LAGES In: ALBANESE, 2006), o que não se verifica na obra coelhana.

Ronaldo Albanese também nos apresenta as considerações de Lúcia Helena, professora de Teoria da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e titular de Literatura Brasileira da Universidade Federal Fluminense (UFF). Lúcia Helena afirma categoricamente que Coelho não faz literatura boa ou ruim: “Não sei se ele escreve bem. Mesmo porque, a essa altura, terá diversos copidesques [redatores] a serviço. Num mundo de analfabetos, ele escreve com correção técnica.” (HELENA In: ALBANESE, 2006, p.3)

De acordo com a estudiosa, Paulo Coelho atenderia a um padrão no qual o texto deve ser lido com facilidade e leveza. O literato, para ela, seria um fenômeno de uma época caracterizada pelo esvaziamento da experiência em prol da vivência de choque, introduzida pelo capitalismo. Nesse sentido, sua obra seria mais uma consequência do preço alto que se paga, social e individualmente, por um conceito de evolução centrado na ideia de progresso e de tecnologia (ALBANESE, 2006). E continua: “O mundo se esvaziou de sentido pleno e a existência, que em si não tem sentido próprio, carecendo de que a dotemos de significação, mostra-se cada vez mais precária”. (HELENA In: ALBANESE, 2006, p.3)

A professora Lúcia Helena complementa sua tese observando que a literatura, que no século XIX desempenhou um papel fundamental na vida das sociedades, na atualidade, teria perdido essa centralidade. Dessa forma, teriam surgido os bem-sucedidos manuais de autoajuda sob o invólucro da reflexão ao alcance de todos (ALBANESE, 2006). Os textos de Paulo Coelho, segundo a estudiosa, fariam parte desse contexto, propagando o que ela denomina como clima de “afetividade”.

O historiador e professor da Universidade de Passo Fundo (UPF) Mário Maestri publicou, em 1999, o livro *Por que Paulo Coelho Teve Sucesso?*, tornando-se o primeiro acadêmico a dedicar uma pesquisa voltada para o entendimento do fenômeno que envolve a literatura coelhana. Sua análise, voltada para a parte sociocultural da literatura de Paulo Coelho, buscou apresentar os motivos pelos quais o literato obteve tanto sucesso.

Maestri (1999) inicia sua arguição estabelecendo o lugar de Paulo Coelho na literatura. O estudioso destaca que, apesar de sua obra ser alocada no campo da literatura de autoajuda, a obra coelhana se caracteriza como literatura ficcional em prosa. Mário Maestri (1999) esclarece que esse desacerto ocorre, provavelmente, pelo fato de que a ficção de temática espiritual e a literatura de autoajuda terem surgido num mesmo processo histórico e por descreverem fenômenos semelhantes (MAESTRI, 1999, p. 25).

De acordo com o historiador, tanto a literatura de autoajuda quanto a ficção de temática espiritual são êxitos multitudinários e, de certa forma, compartilham o mesmo público. Contudo, Maestri (1999) adverte que, mesmo que sejam dois produtos com objetivos comerciais e ideológicos, produzidos pela moderna indústria cultural de massas, e que suprem as funções culturais e psicológicas analgésicas, não se justifica que a literatura de autoajuda e a ficção de temática espiritual sejam confundidas e aglutinadas, visto que elas constituem produções culturais de gêneros distintos (MAESTRI, 1999, p. 25). O pesquisador retoma o pensamento de Rüdiger, no qual o teórico afirma que:

A literatura de autoajuda [...] compartilha com a literatura apenas o nome, e constitui um fenômeno desprovido de critérios internos de valor: basicamente, é um fenômeno da indústria cultural, caracterizado pelo sucesso de vendagem, pela dependência aos esquemas de marketing e pela repetição de fórmulas padronizadas, que suplantou as barreiras nacionais, conferindo a determinados publicistas e teste-makers da alma popularidade mundial [...]. (RÜDIGER, 1996, p. 17 apud MAESTRI, 1999, p. 26)

Maestri (1999) segue sua análise informando que, ainda que a literatura de autoajuda, vez ou outra, lance mão de uma narrativa ficcional, essa literatura se encontra no campo do ensaísmo e da manualística. Por outro lado, a obra coelhana pertence ao campo da literatura ficcional em prosa, mesmo que Coelho considere alguns de seus títulos, como *O diário de um mago*, obras de não-ficção. Maestri (1999) salienta que as obras coelhanas cumprem com o propósito da literatura ficcional, pois são construídas a partir de longas narrativas em prosa cujo enredo se desenrola no espaço e no tempo. Além disso, elas possuem a finalidade, a priori, de deleitar o leitor bem como deixar claros os seus objetivos artísticos, catárticos, ético-pedagógicos, evasivos etc. (MAESTRI, 1999, p. 26).

Ao analisar os motivos que levaram a obra de Paulo Coelho se tornar um fenômeno de público, Mário Maestri (1999) aponta para o fato de o literato ter se envolvido profissionalmente com linguagens como o teatro, as telenovelas, o jornalismo e a música antes de se tornar um ficcionista. Dessa forma, sua obra apresenta linguagem simples, frases, parágrafos e capítulos curtos, seus enredos são lineares, concluindo-se num *happy end* consolador (MAESTRI, 1999, p. 35).

Para Maestri (1999), Coelho escreve para um público pouco habituado à leitura e mais voltado para os conteúdos televisivos. Dessa forma, as narrativas coelhanas se desenvolvem como uma encenação teatral, com poucos personagens e uma história simplória, no qual as tramas são interrompidas por pequenos relatos e episódios secundários também simples, o que permite que os leitores, pouco acostumados às narrativas ficcionais longas, possam reorganizar as ideias, ainda que inconscientemente, diminuindo a sensação de monotonia de uma narrativa simplista e linear (MAESTRI, 1999, p. 35).

Outro ponto levantado pelo pesquisador é o fato das obras coelhanas terem surgido no final do século XX, entre as décadas de 80 e 90, período pelo qual Maestri (1999) destaca a verificação de uma forte corrente neomágica, que teria se desenvolvido a partir das concepções neoliberais e da crise da racionalização social. A literatura de Paulo Coelho logrou êxito na modernização do pensamento mágico tradicional, alinhando-se às profundas transformações sociais e ideológicas que estavam em curso.

De acordo com Maestri (1999), Paulo Coelho propôs uma modernização dos personagens mágicos que, até então, eram incompatíveis com um mundo voltado para o desenvolvimento tecnológico e consumista. Essas figuras mágicas assumem, na obra coelhana, uma nova natureza social: no lugar de feiticeiros envelhecidos, subversivos, heterodoxos e sociais que eram representados na Antiguidade e na Idade Média, os bruxos de Paulo Coelho são socialmente integrados ao mundo capitalista e, até mesmo, adeptos do cristianismo papal (MAESTRI, 1999, p. 53). Nas palavras de Maestri:

Paulo Coelho celebrizou literariamente a feitiçaria yuppie. Seus bruxos são profissionais de sucesso, sedutores, modernos. Não se encontram na *periferia*, mas no *centro* da sociedade contemporânea. Moram em residências elegantes e viajam pelo mundo despreocupados com os gastos.

O mestre de Paulo Coelho é um europeu bem empregado numa multinacional holandesa. [As *Valkírias*, 16] As bruxas coelhistas são mulheres jovens, sensuais, sedutoras, que fazem dieta, andam em carros conversíveis e compram apenas “coisas que revelam um sofisticado bom gosto”. [Brida, 179, 41, 184.]

Com Paulo Coelho, a magia feminina deixa de ser prática heterodoxa de mulheres pobres e marginalizadas para transformar-se em atividade de jovens socialmente realizadas e integradas. A bruxa de hoje não é mais a velha desdentada do pobre casebre da volta da estrada; é a sedutora mulher, elegantemente vestida, com que cruzamos na rua *Monte Napoleone*, em Milão, ou qualquer outra artéria europeia da moda. (MAESTRI, 1999, p. 54)

Janilto Andrade, professor de Literatura Brasileira e História das Artes da Universidade Católica de Pernambuco (UCP), doutor em Estética e poética pela Universidade Federal de Pernambuco (UFP), também é outro destacado nome que, em 2004, dedicou um livro à análise da obra de Paulo Coelho.

Em entrevista concedida ao jornalista da coluna Página Cinco do portal UOL, Rodrigo Casarin (2016), no período de uma nova edição de seu livro, *Por que não ler Paulo Coelho*, Andrade sublinha que:

O Alquimista provoca tédio, uma vez que naufraga em bobices, contradições e desrespeito ao vernáculo. Ademais, a trivialidade leva esse escrito de Paulo Coelho ao cumprimento de todas as etapas das edificações literárias pseudo-refinadas. É, entre as estruturas de mau gosto, um texto exemplar (...). Um escritor à Coelho dá ao leitor aquilo que o leitor espera encontrar no livro – um rodízio de *pizza literária*, uma vez que a esse leitor foi negado, lamentavelmente, apreciar as finas iguarias poéticas, não sendo, portanto, em termos de *mesa literária*, um *gourmet*, mas um *gros mangeur* de repastos culturais. (ANDRADE em entrevista a CASARIN, 2016).

Casarin (2016) nos informa que o livro de Janilto Andrade esmiúça a mais famosa obra de Paulo Coelho, *O Alquimista*, com o objetivo de levantar argumentos contrários à leitura do escritor. Na obra, Andrade compara o livro coelhano com outras obras de autores clássicos e, até mesmo, às revistas em quadrinhos *d'A Turma da Mônica*, no sentido de evidenciar que o texto coelhano é repleto de contradições e erros linguísticos que beiram o infantil e o formalmente muito pobre.

Ao tratar do livro *O Alquimista*, Janilto Andrade se refere ao título como um “pretense romance”:

‘Tudo que acontece uma vez, pode nunca mais acontecer. Mas tudo que acontece duas vezes, acontecerá certamente uma terceira’ (itálicos meus). É espantosa esta maravilha de sandice! Mais intrigante ainda é alguém escrever isto e alguém ler isto e a

Academia Brasileira de Letras ler isto e decretar-se a *sapiência literária* do seu autor. O mundo todo bestou ou bestei eu? Francamente, é de pasmar! (ANDRADE em entrevista a CASARIN, 2016)

Questionado sobre os motivos de evitarmos a leitura da obra de Paulo Coelho, Andrade afirma que:

[...] trata-se de um texto mal estruturado, sem coerência interna, "costurado" com desrespeito ao vernáculo. Por exemplo, aqui, se lê: "Tenho apenas o 'presente', e ele é o que me interessa"; ali, está escrito: "Quero saber o 'futuro' porque sou um homem. E os homens vivem em função do seu 'futuro'". A certa altura, o narrador afirma: "Os cavaleiros entraram no oásis (...), parecia uma expedição de paz, mas 'havia' armas escondidas 'sobre' os mantos." Como recomendar a leitura de uma obra assim? (ANDRADE em entrevista concedida a CASARIN, 2016)

Adiante, Janilto Andrade, questionado sobre o porquê do êxito de Paulo Coelho – tantas vezes venerado pelo público – o pesquisador define o leitor de Coelho como sendo:

[...] aquela pessoa atirada no abandono e na solidão urbana, fatigada, cheia do vazio de uma rotina sufocante, perplexa diante da tirania do apelo ao hedonismo, ao narcisismo e ao consumismo, imprensada pelo egoísmo, e que só tem olhos para a urgência da sobrevivência individual. Por não conseguir resolver esses impasses, atira-se, de corpo e alma, cegamente, em bobices culturais "da vez", como "O Alquimista", acreditando se fortalecer – quando apenas está pondo uma venda nos olhos – lendo tolices como esta: "não tinha um centavo no bolso, mas tinha fé". Na compra de feijão, o Extra aceita fé, em vez de real...!? (ANDRADE em entrevista a CASARIN, 2016)

Janilto Andrade segue esclarecendo que pauta sua análise apenas sobre *O Alquimista*, pois, segundo ele, a obra de Paulo Coelho é um *best-seller* e, como tal, segue o mesmo padrão já consagrado, possuindo uma estrutura profunda e uma estrutura superficial. Nesses tipos de textos, a estrutura profunda permanece inalterada e se repete a cada obra. No caso da estrutura superficial, essa sofre pequenos "ajustes" para que o texto aparente certa novidade. Contudo, tendo lido o primeiro título, segundo Andrade, dispensam-se os demais (CASARIN, 2016).

Por fim, Janilto Andrade conclui o questionário refletindo sobre o fato de a obra coelhana ser uma literatura de mercado e que determinados autores são por demais dependentes às leis desse mercado. Porém, o estudioso afirma que algumas manifestações da chamada "cultura comum" podem produzir significação reveladora, sobretudo, quando analisadas pelos campos da sociologia e da história. Andrade

destaca que há autores que lidam com o mercado, mas que não se deixam levar pelo *modus operandi*, não se abstendo da qualidade do texto, e debruçando-se sobre a forma, a recepção e a funcionalidade do texto.

Em *Os 10 pecados de Paulo Coelho* (2007), o hoje professor da Universidade Federal de Alfenas (UFA), Eloésio Paulo, buscou elaborar possibilidades de investigação teórica sobre o fenômeno Paulo Coelho. Apesar de não tratar seu livro como um material acadêmico, Eloésio salienta que o texto será envolto de grande conhecimento crítico, mas também humor e ironia. O autor denomina de “pecados” as questões estilísticas, amplamente discutidas pela crítica literária de imprensa, a questão do domínio do idioma – as falhas gramaticais, e outras questões subjetivas como, por exemplo, o autoelogio.

Eloésio Paulo (2007) inicia sua argumentação informando que o trabalho surgiu a partir da observação do interesse de seus alunos, do período em que era professor secundarista, nas obras de Paulo Coelho. Apesar de notar uma predileção dos jovens pelo literato, Eloésio optou por não tornar a obra de Paulo Coelho seu objeto de estudos de mestrado ou doutorado. Foi após concluir essas etapas da vida acadêmica que Eloésio decidiu se debruçar na busca de pistas que pudesse elucidar o fenômeno literário. Dessa forma, o estudioso elencou as falhas da obra coelhana, que ele passou a chamar de “pecados”.

Dentre os chamados “pecados”, Eloésio Paulo (2007) ressalta: 1) a ignorância: segundo o estudioso, Paulo Coelho seria ignorante da tradição literária, visto que reivindicaria para sua obra o *status* de prosa de ficção, recebendo inúmeros prêmios internacionais e, inclusive, sendo admitido na Academia Brasileira de Letras (ABL); 2) o desleixo: Eloésio informa que, nesse ponto, entende por desleixo o descuido com a linguagem, falhas gramaticais e imperícias narrativas; 3) a superficialidade: para o estudioso, não há compromisso do literato nem com a verdade semântica nem com a verdade factual, visto que sua filosofia seria sem rastro, sem apresentar fontes, repleta de ideias descontextualizadas e aleatórias; 4) a inconsistência: o professor aponta para a falta de embasamento de Paulo Coelho e a falta de rigor com o significado do que é dito; 5) a gratuidade: Eloésio Paulo salienta que Coelho não tem compromisso com as fontes em que se baseia, não pesando a real importância das informações que veicula; 6) a imperícia narrativa: as obras de Coelho seriam superficiais e estruturadas linearmente que nada trazem de

novidade; 7) a incoerência: de acordo com Eloésio, Coelho seria incoerente tanto no plano das ideias quando do domínio da linguagem e da técnica narrativa, seja dentro de uma mesma obra ou em comparação com outra do mesmo escritor; 8) a repetição: o estudioso aponta para a repetição de temas, situações, ideias e personagens, uma demonstração de limitação de repertório; 9) a distorção: Eloésio Paulo chama a atenção para inabilidade de Paulo Coelho ao usar referências de lugar e para sua malversação das fontes; por último, 10) o autoelogio: o pesquisador ressalta o caráter autobiográfico das obras de Paulo Coelho, mesmo que essas obras tenham uma narrativa voltada para a ficção.

Apesar de tecer uma crítica mais sarcástica, Eloésio Paulo faz um apontamento sobre o possível sucesso de Paulo Coelho que se alinha ao pensamento desenvolvido por Mário Maestri. De acordo com Eloésio talvez haja uma explicação:

[...] talvez a explicação “sociológica” de seu sucesso. Naquela década de 1980 em que faliam definitivamente, ao mesmo tempo, as esperanças políticas projetadas no fim da ditadura – um de cujos condôminos acabou sendo o primeiro presidente “civil” –, o projeto de uma revolução socialista e a autoridade das religiões tradicionais, sacudidas pelo vendaval da mídia eletrônica com sua proliferação de divindades à la carte, fazia-se evidente, mais uma vez, o vazio espiritual que se patenteia a cada nova revolução tecnológica. Talvez porque a ciência e a tecnologia trazem o conforto e poder e explicam a natureza, mas não dão sentido à existência. Não se sabia ainda que nome dar ao monstro, mas eclodia o que hoje se chama de globalização, e ela veio jogar a última pá de cal sobre o caixão das ideologias sobreviventes ao século XX. Lembre-se, a propósito, a semelhança entre as teleologias cristã e marxista, no fim das contas versões diferentes da mesma esperança de um sentido para a existência individual e social. (PAULO, 2007, p. 18)

Para Maestri (1999) a estandarização dos personagens e dos cenários nas narrativas coelhanas expressam a reprodução ficcional da pobreza intrínseca, subjetiva e objetiva da civilização industrial, da uniformização de produtos, produtores e consumidores, e de uma produção voltada para a maximização incessante de lucros (1999, p. 57).

Mário Maestri informa que, na década de 80, observou-se um desequilíbrio entre as forças a favor do capital e em detrimento do trabalho, o que determinou que o pensamento mágico – a ficção de temática espiritual – explodisse como formas de

compreensão e representação ideológicas multitudinárias do mundo social (MAESTRI, 1999, p. 73).

A professora colaboradora do UNICENTRO, Priscila Finger do Prado, em *Entre o silenciamento e a aclamação: discursos sobre Paulo Coelho* (2015), ressalta que, quando se busca o nome de Paulo Coelho junto aos grandes nomes da literatura brasileira contemporânea, observamos um silenciamento. Nas obras que compilam a literatura brasileira da atualidade o nome de Paulo Coelho sequer é citado, mesmo que seja para tratar de sua aclamação pelo público. Prado sublinha que nem mesmo depois de Paulo Coelho ter sido eleito para a Academia Brasileira de Letras (ABL) a situação mudou.

Prado destaca ainda a apresentação da literatura brasileira contemporânea feita pela professora Monica Rector, do Departamento de Língua Românicas, da Universidade da Carolina do Norte. Em *Dictionary of Literary Biography. Brazilian Writers* (2005), Rector propõe um apanhado do que tem sido a literatura brasileira a partir dos anos 80 e cita as mais diversas tendências. Segundo Prado (2015), a professora divide sua apresentação dos autores e obras numa perspectiva dos estudos culturais, destaca a produção de mulheres e, em especial, o espaço para escritoras afro-brasileiras, também aponta a produção de inúmeros romancistas que seguem tendências variadas, cita ainda os produtores de crônicas e a produção de literatura infanto-juvenil. Mas, ao se referir às obras de Paulo Coelho, Monica Rector aponta que:

A literatura brasileira também apresenta fenômenos como o caso de Paulo Coelho, um mago esotérico, com andanças sobrenaturais, intercaladas de provérbios e sentenças, e que se tornam livros de autoajuda para uma sociedade carente, desejosa em remediar suas lacunas diárias. Os acadêmicos contestam que não se trata de uma linguagem literária, mas de fácil acesso e digerível pelo grande público. Mesmo com estas críticas, Coelho ganhou uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. (RECTOR APUD PRADO, 2015, p. 02)

Priscila Finger do Prado (2015) informa que, na busca de um lugar acadêmico para o literato, pesquisou monografias, dissertações e teses que apontassem um lugar de estudo para o texto coelhano. Contudo, o número de trabalhos encontrado foi reduzido, frente à repercussão dos livros de Coelho junto ao público leitor. A pesquisadora afirma que:

Da leitura dos textos acadêmicos, percebemos um cuidado ao trabalhar a obra de Paulo Coelho. Embora se tenha notado que há a necessidade de comentar o fenômeno, que dissemina internacionalmente a imagem do autor e, conseqüentemente, a do Brasil, os estudos buscam analisar a sua obra ou da perspectiva da recepção, ou da literatura e cultura de massa (num viés de mercado), ou então dos limites entre ficção e autoajuda. Não se lê Paulo Coelho como literatura. O que novamente nos faz indagar, que lugar Paulo Coelho ocupa no cenário da produção literária nacional, se o reconhecimento da ABL não avaliza o reconhecimento da academia (universidade) e da crítica? (PRADO, 2015, p. 05)

Em sua tese de doutorado, Maria Ivoneti Busnardo Ramadan (2003) analisa o poder educativo do mito na obra de Coelho, observando o efeito que a produção coelhana causa em seus leitores. O estudo não se encontra disponível na internet, contudo, em entrevista a Albanese (2006), Ramadan apresenta alguns apontamentos de seus estudos: “As narrativas dele, se pouco valem do ponto de vista estético para a crítica oficial de sua obra, valem mais pelo que podem proporcionar ao leitor.” (RAMADAN In: ALBANESE, 2006, p.3)

De acordo com Ramadam, as narrativas coelhanas seriam capazes de despertar a “narrativa interior” que cada um tem, pouco importando que não tenham profundidade, sejam desprovidas de torneios verbais e não atualizem as virtualidades estéticas da língua (ALBANESE, 2006).

No artigo *Esoterismo, autoajuda e trivialidade* (2007), a especialista em Língua e Literatura Portuguesa, Isabel Mattei analisa os termos que apresenta no título enquanto componentes dos textos ficcionais de narrativas de mercado, e verifica o uso desses elementos na obra coelhana.

Para Mattei (2007), o fascínio exercido pelos livros de Paulo Coelho sobre seus leitores indica que não podemos olhá-los com uma visão simplificadora ou reducionista. A pesquisadora aponta para o fato de o autor saber mexer com as emoções do seu público leitor e conseguir manusear determinados elementos típicos da tradição narrativa folhetinesca, arraigados no imaginário popular que são constantes na dramaturgia brasileira das telenovelas.

Isabel Mattei (2007) complementa afirmando que, esses elementos partem da vontade e determinação de um herói – conquista de um objetivo que se afirma como a busca da Lenda Pessoal: realização, dinheiro, amor – que sabe vencer os obstáculos porque, segundo a pesquisadora, tudo estaria determinado e, desde o

princípio, ele seria auxiliado, como nos contos de fadas, por poderes transcendentais ao comum: crença nos sinais, nas forças da natureza, nos 22 ensinamentos alquímicos. Dessa forma, nas palavras da especialista, como na busca da Lenda Pessoal tudo pode acontecer, os ingredientes da trama são misturados com uma linguagem acessível e o produto final revela uma sopa romanesca bem ao gosto do público consumidor (MATTEI, 2007, p.21-22).

A estudiosa destaca que o nível de estilo narrativo coelhano é simples, não sendo capaz de oferecer uma visão de mundo singular e, além disso, o literato se valeria de recursos de expressão que não apelam para a originalidade, porque não se afastam do gosto médio e não demandam esforço do leitor/fruidor (MATTEI, 2007, p. 22).

Por fim, Isabel Mattei (2007) conclui ressaltando que, seja em *O Alquimista* como em outros romances de Paulo Coelho, o autor lança mão de elementos característicos da trivialidade – linguagem simples e direta, repetição de esquemas e conceitos estereotipados do esoterismo – ser espiritual na busca de sua Lenda Pessoal, magia, mistério, e da autoajuda – busca de poderes individuais visando à satisfação pessoal, para compor suas narrativas.

Já a especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira Adriana Pin (2014) acrescenta outros componentes à análise das narrativas de Paulo Coelho. Pin observa que, mesmo com décadas após o fim de sua relação musical com Raul Seixas, as canções, originárias dessa parceria, ainda reverberam nos livros de Paulo Coelho. Pin (2014), analisando a canção *Gita* (do LP *Gita*, 1974) observa que a temática da sabedoria oriental aliada aos elementos espirituais que permeiam a canção no qual o mistério, os segredos, o inalcançável pela razão constroem as letras e a melodia são dados similares notados em outras narrativas de Paulo Coelho como, por exemplo, *O demônio e a senhorita Prym* (PIN, 2014, p. 154).

A pesquisadora discorre, também, sobre a temática do bem e do mal, os sonhos e a sabedoria árabe. Assim como a alquimia e a bruxaria, Pin (2014) informa que o embate entre o bem e o mal, os sonhos e a sabedoria árabe são explorados explicitamente nos livros de Paulo Coelho. De acordo com a estudiosa, esses elementos geram um clima de mistério que perpassa suas histórias, movendo o

texto coelhano em tramas que vão além do cotidiano convencional e envolvendo o leitor.

Além desses pontos, outros elementos como a numerologia, os segredos e o irracionalismo, marcam as obras de Paulo Coelho. É sabido que Coelho atribui um significado místico e espiritual a alguns números como, por exemplo, o sete e o onze. Pin (2014) ressalta que o número sete tem uma referência mística não apenas entre os ocultistas, mas, também, em religiões e seitas, das primitivas às modernas (p. 167). A pesquisadora aponta que, no caso do número onze:

O número onze aparece várias vezes nas narrativas de Paulo Coelho: Santiago permanece 11 meses em Tânger; são 11 as voltas que as valquírias têm de dar pelo deserto; em *O Zahir*, o tempo em que o protagonista e a mulher ficaram separados é de 11 dias e 11 horas e 11 são os novos bárbaros da comunidade frequentada por ele. (PIN, 2014, p. 168)

No caso dos segredos, Adriana Pin afirma que obras como *O demônio e a senhorita Prym*, recortadas por omissões, criam certo suspense e aguçam a curiosidade do leitor a cada página (PIN, 2014, p. 169). E sobre o irracionalismo, Pin destaca que:

Em sua produção literária, Paulo Coelho apresenta também como traço da sua escrita o irracionalismo, o qual se justifica pela temática abordada em suas obras. Entretanto, a própria fortuna crítica acerca do escritor aponta que esse elemento atenua-se a partir da trilogia “E no sétimo dia...”, da qual a obra em análise faz parte. É possível estabelecer uma relação dessa nova fase de Paulo Coelho com seu ingresso polêmico, em 2002 (dois anos após a conclusão da trilogia), na Academia Brasileira de Letras. Percebe-se uma tentativa de sair de uma posição periférica (ainda que de sucesso) de apenas “um grande vendedor de livros, sucesso no mercado editorial” para ser reconhecido como escritor, do ponto de vista da crítica literária e do meio acadêmico, o que ainda parece distante (não tanto como outrora), diante da reserva com que estes recebem a obra de Paulo Coelho. (PIN, 2014, p.170)

Adriana Pin (2014) evidencia ainda a questão da linguagem empregada nas obras de Paulo Coelho. A pesquisadora observa que a linguagem usada pelo literato, em seus livros, é constituída de um tom coloquial, próximo da oralidade. Contudo, Pin afirma que a linguagem simples, associada às temáticas da atualidade, que se configuram em um existencialismo repaginado, elaboradas em gêneros textuais – parábolas e fábulas – próximos da oralidade, contribuem para a ampla leitura de Paulo Coelho (PIN, 2014, p. 173).

Dentre os trabalhos acadêmicos que carregam em seu escopo a obra de Paulo Coelho como objeto de análise, destacamos ainda os seguintes: o artigo do professor de Comunicação, Ética e Filosofia da Ciência das Faculdades Oswaldo Cruz, Sérgio Bars, intitulado “Paulo Coelho: Mito e Mercado – Bruxo x Bruxo e a Alquimia do Sucesso”; o artigo da mestranda em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia, Ivi Furloni Ribeiro, *Uma proposta de análise narrativa O Alquimista baseada na análise estrutural da narrativa* (XI Congresso Internacional ABRALIC, São Paulo: 2008) e, também, sua dissertação de mestrado intitulada *A Autoajuda como Interdiscursividade em ‘O Alquimista’ de Paulo Coelho* (Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2009). A dissertação de mestrado apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro pela pesquisadora Cláudia Assumpção Gonzaga, *Paulo Coelho em cena: a construção do escritor pop star* (Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2007); a dissertação de mestrado efetuada por Ivan Luiz de Oliveira no Programa de Pós-graduação em Letras – Estudos Literários da Universidade Estadual de Maringá, *Estudos sobre o modo de recepção da obra O Alquimista, de Paulo Coelho, pelos detentos da penitenciária estadual de Maringá* (Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2007). O artigo da professora colaboradora do departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, Priscila do Prado Finger, *O Mago e a Academia: Discurso Sobre Paulo Coelho* (Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2015). O artigo escrito pela doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia, Sayonara Amaral de Oliveira, *Cânones revirados: o que o público tem a dizer para os críticos* (Porto Alegre: Navegações, 2013), bem como sua tese de doutorado intitulada *Na Transversal das cotações – Um estudo da recepção de Paulo Coelho nos blogs do escritor* (Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2010).

Na área da Sociologia propriamente dita, sublinhamos a comunicação da pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Magda Viviane dos Santos Pereira, *O universo místico-religioso da obra de Paulo Coelho na óptica de seu leitor* (VIII Congresso sobre Alternativas Religiosas na América Latina. São Paulo, 1998), cujo objetivo era explorar o perfil dos leitores de Paulo Coelho, adotando o ponto de vista de "quem lê, como lê e por que lê" e procurando identificar os significados sociais, culturais e

subjetivos implicados na leitura da obra coelhana, bem como apreender os sentidos que são atribuídos a essa leitura para a vida pessoal do leitor; nas Ciências da Religião, o capítulo Cristianismo new age – O caso de Paulo Coelho, presente na obra *O self perfeito e a nova era*, do teórico Anthony Albert Fischer D’Andrea; e, por fim, na Antropologia, os artigos do antropólogo argentino, Pablo Semán, “Literatura e religião na sociedade contemporânea” (3º Congresso Virtual de Antropologia e Arqueologia, 2002), e “Retrato de um leitor de Paulo Coelho” (tradução nossa) (Buenos Aires: Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais, 2007), nos quais o estudioso investiga a chamada Literatura Espiritual Contemporânea a partir da obra coelhana e de seus leitores.

3.3. OS LEITORES LEIGOS DE PAULO COELHO

De acordo com a pesquisadora do Laboratório de Estudos Urbanos da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Eni Puccinelli Orlandi, a leitura possui um valor positivo absoluto, pois, segundo a estudiosa, o hábito de ler traz benefícios indiscutíveis tanto para o indivíduo leitor quanto para a sociedade sendo, por exemplo, uma forma de lazer e prazer, de aquisição de conhecimentos e de enriquecimento cultural, de ampliação das condições de convívio social e de interação (ORLANDI, 2005, p. 19).

Para que um indivíduo seja entendido como um leitor, é necessário que ele desenvolva mais habilidades do que o simples decifrar de códigos linguísticos. Mais do que transformar letras em sons, cabe ao leitor fazer inferências a partir do contexto ou do conhecimento que possui, e verificar a concretude de suas suposições tanto em relação à obra escrita quanto ao seu significado.

O hábito de leitura é um ato subjetivo e individual, podendo ser entendido como um mecanismo de transformação da condição humana e, portanto, deve ser analisado como uma ação política, crítica, reflexiva e filosófica. Por isso, ao observarmos o indivíduo leitor, não podemos desassociá-lo de sua condição de ser social e historicamente atravessado por ideologias. Ao ler um livro, o indivíduo manifesta suas particularidades como, por exemplo, suas características intelectuais, sua memória, sua história, seu contexto linguístico e social.

A pesquisadora Marilene de Sousa Dias (2005) observa que a leitura permite que o leitor entre no texto, leia suas entrelinhas e entrelace sua vida com o que está

escrito. Além do mais, Dias ressalta que, além da leitura do texto, existe a leitura do mundo em que o leitor vive, e o mundo da ficção. De acordo com a estudiosa, o leitor de acordo com o que vive no seu cotidiano, aprova ou não o texto que está lendo, ou seja, sua maneira de viver e de ver a vida faz com que ele questione o que está lendo. Por isso, na maioria das vezes, essa porta se fecha para futuras leituras, ou para leitura de um autor específico. A primeira obra que é lida pelo leitor, desperta o interesse em ler outra mais, isso também acontece quando se lê Paulo Coelho (DIAS, 2005, p. 31)

Ao perceber o interesse dos frequentadores da biblioteca Luiza Oliveira Lima, do Instituto Carlos Lobo (CE), Marilene observou que havia muitos admiradores da obra coelhana, sobretudo entre os estudantes secundaristas. O fato tornou-se seu objeto de investigação no curso de Pós-Graduação em Leitura e Formação do Leitor, da Universidade Federal do Ceará. Dias (2005) verificou que a temática da narrativa coelhana – o misticismo, a espiritualidade, a prostituição, que por razões de preconceito ou não, encontraram-se adormecidos – são temas que aguçam a curiosidade dos leitores (p. 34). Ela destaca que:

Portanto, o mistério, a magia, a aventura, quer dizer o lado místico da obra é o que mais agrada os leitores de Paulo Coelho. Sendo assim, a busca por essas obras é constante entre os alunos.

Por outro lado, seus livros também enfatizam a questão de autoajuda, assunto bastante em voga na sociedade atual, marcada pelos conflitos, pelas depressões e outras doenças psicossomáticas. (DIAS, 2005, p.35)

A estudiosa aponta que o discurso de autoajuda se torna interessante para esses leitores por eles estarem passando pela adolescência, período no qual os jovens encontram-se um pouco perdidos. Dias informa que o leitor relaciona o que se passa com ele ao que está lendo, ou seja, através do livro ele se encontra nos pensamentos, e acha resposta para seus conflitos (2005, p.35).

Outro ponto ressaltado pela estudiosa é o fato de muitos dos leitores observados tenham chegado aos livros de Paulo Coelho a partir da indicação de amigos. Marilene (2005) aponta que, muitas vezes, o círculo de amizade influencia no gosto pela leitura. A estudiosa destaca uma fala de Moacyr Scliar na qual o escritor enfatiza o papel dos amigos na influência das suas escolhas leitoras:

[...] dos amigos que eu tinha e que me diziam que leram tal livro, que gostaram muito, acharam fantástico e que eu precisava ler. Eu lia o

livro não tanto pelo livro, pelo título ou pelo autor, mas pelo jeito que esses amigos me falavam do livro. Tal era a emoção contida naquele conselho de amigo, que aquilo me fazia ler livros. Quando eu recordo a minha adolescência, me lembro que nós líamos a mesma coisa. O nosso diálogo se fazia através da leitura. (DIAS, 2005, p.37)

A indicação das obras de Paulo Coelho pelos círculos de amizade é prática comum entre os leitores do escritor. Em “Retrato de um leitor de Paulo Coelho” (tradução nossa), o pesquisador argentino Pablo Séman (2007) contextualiza a relação entre os leitores com a obra de Coelho, apontando que, muitas vezes, os livros de Paulo Coelho passam de mão em mão formando um circuito de leitura que atinge indivíduos de diferentes níveis culturais, formativos e sociais.

Séman (2007) analisa o caso de Edílson, um carioca morador da comunidade da Rocinha, zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Edílson tomou contato com o livro *O Alquimista*, em um momento de inquietude emocional, a partir da indicação de seu amigo, Jorge. Após a leitura, o próprio Edílson fez com que o livro circulasse entre seus amigos, vizinhos e companheiros de grupo paroquial. Nas palavras do leitor, a recomendação de leitura era de que os demais “não deveriam deixar de ler” e de que o livro “ia ser importantes para suas vidas” (SÉMAN, 2007).

Para Séman (2007), a literatura de Paulo Coelho é representante da chamada Literatura Espiritual Contemporânea:

Muitos dos leitores de Coelho identificam os seus dilemas e perigos com alguns desses momentos e compreendem que a sua capacidade literária reside no carácter testemunhal da sua literatura (as suas cartas): ele passou pelo que os leitores passam, além disso, já resolveu o que eles ainda têm de resolver. As suas palavras possuem, sustentam, a verdade que deriva da experiência e não apenas dos seus dons como escritor. Assim, reconhecem no autor o protagonista de uma viagem existencial que tem um final frutuoso. É esta experiência que, aos olhos destes leitores, faz dele um homem especial, um iluminado. É por isso que, para leitores como Edílson, os livros não são independentes do autor, e é por isso que Paulo Coelho não é um escritor para eles, mas uma referência ética que completa a literária. (SÉMAN, 2007, p. 148. Tradução nossa)

Magda Viviane dos Santos Pereira (1998) nos informa que a leitura de Paulo Coelho é buscada com uma finalidade instrumental. Os leitores identificam a primazia dos conteúdos dos livros na mensagem de autoajuda. De maneira geral, para Pereira, há uma correspondência entre o que os leitores esperam encontrar nas obras e o que elas oferecem. Esta correspondência está calcada na estrutura mesmo das ideias veiculadas. Segundo a pesquisadora, Paulo Coelho:

Apresenta em sua literatura, uma perspectiva eclética e variada de símbolos, crenças e representações. Descortina um universo mágico espiritual que tem um único objetivo, o desenvolvimento espiritual individual como meio de transformação pessoal. Através de sua literatura, o autor populariza um conjunto de conteúdos de ordem mágico espiritual. Este conjunto abre-se ao leitor como uma "realidade" possível, em que todos os que desejam vivenciar esse universo podem ter acesso. (PEREIRA, 1998, p. 02)

Enquanto texto que se insere no contexto da Literatura espiritual contemporânea, a obra de Paulo Coelho organiza-se dentro dos princípios de obra aberta, em que o componente da autointerpretação, por parte do leitor, torna-se uma chave importante para a recepção e decodificação da mensagem. O desenvolvimento espiritual aparece assim, como uma condição de reintegração do indivíduo nas estruturas cotidianas de suas vidas.

Eis então o escritor Paulo Coelho e seus leitores acadêmicos, jornalísticos e leigos. Notemos que a crítica autorizada é contundente em avaliar a sua literatura como sendo de mediana para baixo. Notemos ainda que os estudos críticos que foram apresentados nesse capítulo convergem para a definição da obra de Paulo Coelho como literatura *pop* ou de entretenimento com elementos de espiritualidade.

Como mencionamos na introdução, essa dissertação de mestrado propõe o diálogo interdisciplinar entre a literatura pop e espiritual de Paulo Coelho e a psicologia junguiana. Pretendemos explicitar estruturas arquetípicas, e conseqüentemente mitológicas, entrelaçadas aos argumentos narrativos da obra coelhana. Sendo assim, os conceitos da psicologia de Carl Gustav Jung, pesquisador que estudou mitos, arquétipos, além da espiritualidade ocidental e oriental, revelam-se produtivos para a análise literária que nos propomos. No próximo capítulo, serão apresentados então os referenciais teóricos da psicologia junguiana, a partir dos quais serão analisados *Diário de um mago* e *O Alquimista*, livros do escritor exitosos em termos de público leitor.

4. CAPÍTULO 3 – A PSICOLOGIA JUNGUIANA E A LITERATURA POP E ESPIRITUAL DE PAULO COELHO

Quando buscamos o significado da palavra peregrinação, temos que se trata do ato de peregrinar, partir em jornada por um lugar santo ou de devoção. Ao analisarmos a obra coelhana, percebemos que essa condição se faz presente nos textos de Paulo Coelho como um todo. Geralmente, os personagens coelhanos são peregrinos, viajantes em busca de autoconhecimento que aceitaram “o chamado” e partiram para a “aventura”, no intuito de reconhecerem os sinais que levam à comunhão com o mundo espiritual. O próprio Paulo Coelho se coloca nessa condição ao narrar a sua peregrinação pelo Caminho de Santiago de Compostela. Também é através de uma viagem que o jovem pastor Santiago buscará encontrar o alquimista que o ensinará sobre a Lenda Pessoal.

O chamado da aventura, jornada efetuada pelos heróis dos livros, contos e fábulas, representa o teste de força, habilidades e caráter que confrontam a sua determinação. Ao se aprofundar sobre esse estudo dos mitos, Joseph Campbell (2007) descobriu um padrão narrativo que gira em torno da figura do herói, e que remete aos conteúdos psicológicos analisados pela teoria junguiana.

Nesse capítulo, analisaremos as obras *O Diário de um Mago* e *O Alquimista* apresentando os enredos e personagens e relacionando-os com os elementos da Psicologia Junguiana. Antes, contudo, apresentaremos os conceitos da teoria a serem utilizados na nossa análise de Paulo Coelho.

4.1. JUNG E OS ESTUDOS SOBRE A ARTE LITERÁRIA

O psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961) inovou nos estudos da psique humana e, ainda hoje, os conceitos por ele definidos podem contribuir para o desenvolvimento da psicologia e de áreas a ela relacionadas.

Desde cedo, Jung buscou respostas para certas questões que o intrigavam e que acabaram sendo incorporadas na sua psicologia. Por isso, uma das características marcantes da sua teoria é a relação que esta estabelece com outras áreas do conhecimento como, por exemplo, a religião, a antropologia, a filosofia, as artes e a literatura (SILVEIRA, 1981), nosso objeto de estudo.

A psicologia de Jung busca compreender a psique humana em sua complexidade, indo além da centralidade dada aos impulsos sexuais provenientes

das teorias do inconsciente propostas por Freud (STEIN, 2006). Ela toma, como objetos de análise, os símbolos, os mitos e os sonhos, visto que, estes carregam elementos estruturantes da psique pelos quais é possível identificar comportamentos e sofrimentos do indivíduo que merecem ser cuidados.

Um dos principais conceitos da teoria proposta por Jung é o processo de individuação (FRANZ, 2017). Durante a formação da personalidade e, ao longo da vida, o ser humano se envolve com diversos elementos presentes no cotidiano. Esses elementos formam as características comuns que o indivíduo compartilha com os grupos nos quais está inserido. Entretanto, mesmo precisando dos laços sociais, o sujeito procura aquilo que o torna único. Nesse sentido, o processo de individuação é caracterizado pela busca de transformação, crescimento psíquico e, conseqüentemente, autoconhecimento (FRANZ, 2017).

Esse processo de individuação pode ser observado nas diversas manifestações dos processos da psique tanto no nível individual quanto no coletivo através de imagens psíquicas (FRANZ, 2017) que comparecem, inclusive, na literatura.

Assim, para a análise das obras *O Diário de Um Mago* e *O Alquimista* a partir de uma perspectiva junguiana, acredita-se que alguns aspectos da dinâmica e da estrutura da psique desenvolvidas por Jung precisam ser apresentados.

4.2. INCONSCIENTE E ARQUÉTIPOS

Nise da Silveira (1981) nos informa que, segundo a psicologia analítica ou psicologia junguiana, o termo “inconsciente” compreende dois elementos: o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo.

De acordo com Silveira (1981), o inconsciente pessoal se referiria às camadas mais superficiais do inconsciente, cujas fronteiras com o consciente são bastante imprecisas. No inconsciente pessoal estariam incluídas as percepções e impressões subliminares dotadas de carga energética insuficiente para atingir o consciente; combinações de ideias fracas e indiferenciadas; traços de acontecimentos ocorridos durante o curso da vida e perdidos pela memória consciente; recordações penosas de serem lembradas; e, sobretudo, grupos de representações carregados de forte potencial afetivo, incompatíveis com a atitude

consciente. Também nele estaria a soma das qualidades que nos são inerentes, porém, que nos desagradam e que ocultamos de nós próprios, nosso lado negativo, escuro. Silveira complementa que, esses diversos elementos, embora não estejam em conexão com a consciência, nem por isso deixam de ter atuação e de influenciar os processos conscientes, podendo provocar distúrbios tanto de natureza psíquica quanto de natureza somática (SILVEIRA, 1981).

No caso do inconsciente coletivo, Jung, em *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, define que:

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade [psíquica]. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos. (JUNG, 2000, p. 51)

O inconsciente coletivo corresponderia às camadas mais profundas do inconsciente, aos fundamentos estruturais da psique, enquanto o inconsciente pessoal seria composto de conteúdos cuja existência decorre de experiências individuais. Os conteúdos que constituem o inconsciente coletivo são impessoais, comuns a todos os homens, trata-se de um substrato psíquico coletivo (SILVEIRA, 1981).

No inconsciente coletivo estão os instintos herdados pela humanidade, que são revestidos pela subjetividade com aspectos culturais, formando imagens psíquicas semelhantes que se manifestam em culturas, geografias e tempos diferentes. Essas imagens, conhecidas como imagens arquetípicas, são expressões daquilo que Jung denominou de arquétipos que estão contidos no inconsciente coletivo. De acordo com Nise da Silveira (1981), os arquétipos são possibilidades herdadas para representar imagens similares, formas instintivas de imaginar, matrizes arcaicas onde configurações análogas ou semelhantes tomam forma.

Jung (2000) aponta que o conceito de arquétipo constitui um correlato indispensável da ideia do inconsciente coletivo, pois indica a existência de

determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar. Nas palavras de Jung:

[...] à diferença da natureza pessoal da psique consciente, existe um segundo sistema psíquico, de caráter coletivo, não-pessoal ao lado do nosso consciente, que por sua vez é de natureza inteiramente pessoal e que - mesmo quando lhe acrescentamos como apêndice o inconsciente pessoal - consideramos a única psique passível de experiência. O inconsciente coletivo não se desenvolve individualmente, mas é herdado [psiquicamente]. Ele consiste de formas preexistentes, arquétipos, que só secundariamente podem tomar-se conscientes, conferindo uma forma definida aos conteúdos da consciência. (JUNG, 2000, p. 54)

Silveira (1981) complementa informando que o arquétipo funciona como um nódulo de concentração de energia psíquica. Quando esta energia, em estado potencial, atualiza-se e toma forma temos, então, a imagem arquetípica. Além disso, Silveira (1981) aponta para o fato de não podermos denominar esta imagem de arquétipo, pois o arquétipo é unicamente uma virtualidade, um conceito para compreendermos fenomenologicamente o surgimento de imagens semelhantes na psique coletiva. Por fim, a pesquisadora conclui que a noção de arquétipo, postulando a existência de uma base psíquica comum a todos os humanos, permite compreender por que em lugares e épocas distantes aparecem temas idênticos como, por exemplo, nos contos de fadas, nos mitos, nos dogmas e ritos das religiões, nas artes, na filosofia, nas produções do inconsciente de um modo geral, seja nos sonhos de pessoas normais, seja em alucinações de loucos (SILVEIRA, 1981).

Embora existam inumeráveis manifestações dessas imagens, Jung observou que algumas delas possuíam uma importância significativa na formação e transformação da personalidade humana associado ao que apontou como processo de individuação (FRANZ, 2017). Jung descreveu, especialmente, como sendo a persona, a sombra, a anima e animus e o self.

Jung, ao tratar do processo de individuação, observou que ele não ocorreria de forma linear, mas sim num movimento de circunvolução que conduziria a um novo centro psíquico. Jung denominou este centro de self (si-mesmo). De acordo com Silveira (1981), quando consciente e inconsciente se ordenam em torno do self a personalidade se completa. Nesse sentido, o self pode ser entendido como o centro da personalidade total, como o ego é o centro do campo do consciente

(SILVEIRA, 1981). Ele é o arquétipo central responsável pelos processos psíquicos, o organizador da personalidade de cada pessoa.

Murray Stein (2006) nos informa que Jung sustentava a ideia de que cada indivíduo seria portador de uma impressão do arquétipo do self, que é inato. O self seria uma instância psicológica vivenciada psiquicamente de forma transcendente que atuaria sobre o sistema psíquico, produzindo símbolos de totalidade. Em momentos de desorientação ou de reorientação psíquica, quando o sistema psíquico corre o risco de se fragmentar, o arquétipo do self intervém, num esforço para unificá-lo. Essa unidade, segundo o pesquisador, não seria estática, mas dinâmica, sendo o sistema unificado, na medida em que vai se tornando mais equilibrado, correlacionado e integrado (STEIN, 2006, p. 144).

No caso da persona, o termo tem origem no teatro grego. Persona são máscaras psicológicas relacionais e adaptativas frente à determinadas situações. Esse conceito explica a habilidade das pessoas em se adaptarem aos ambientes em que vivem. Apesar da mente ser um todo integral, ela precisa de uma ferramenta que sirva de ponte entre o eu e o externo para que haja um equilíbrio, uma possibilidade de manifestação. Esse elemento de mediação, entre a consciência e a sociedade na qual a pessoa vive, é denominado de persona (SILVEIRA, 1981).

De acordo com Silveira (1981), para estabelecer contatos com o mundo exterior, e se adaptar ao meio em que vive, o homem assume uma face psíquica que geralmente não corresponde aquilo que é de fato. Esse homem se apresenta mais como os outros esperam que ele seja ou ele desejaria ser, do que realmente como é. Jung chama de persona esta apresentação superficial, pois os antigos empregavam esse nome para denominar a máscara que o ator usava segundo o papel que ia representar. Todavia, a persona possui uma importante função relacional e adaptativa (FRANZ, 2017). Silveira (1981) complementa que os moldes da persona são recortes tirados da psique coletiva e que, se a persona representa um sistema útil de defesa, também pode ocorrer que ela seja tão excessivamente valorizada a ponto de o ego consciente identificar-se com ela – onde se apresentaria um aspecto problemático. Nesse contexto, o indivíduo fundir-se-ia inconsciente e psiquicamente aos seus papéis familiares, sociais, cargos e títulos, ficando circunscrito a uma impermeável casca de revestimento.

Segundo Stein (2006), nessa mesma direção, a persona é um construto psicológico e social adotado para um fim específico. O pesquisador informa que Jung estava interessado em apurar como as pessoas desempenham e se identificam com determinados papéis, adotam atitudes coletivas convencionais e representam estereótipos sociais e culturais, em vez de assumirem e viverem sua própria unicidade. Ao contrário, elas vivem uma espécie de imitação. Stein também (2006) entende a persona como uma atitude, que pode ou não ser representada na consciência, que visa orientar a pessoa para uma situação ou ambiente. Por ser estruturada a partir do meio, das experiências, maneiras e atitudes do convívio social, o ego, como sinalizado, pode ir se identificando com a persona. Contudo o ego não escolhe deliberadamente identificar-se com determinada persona, mas, de acordo com as necessidades do ambiente em que se encontram, vai moldando esta parte da personalidade.

Stein (2006) adverte que, ainda que seja necessário para o sujeito o uso de uma persona, quanto mais usada, mais reforçada ela se torna. Nas palavras de Murray Stein: “Quanto mais tempo uma atitude persiste e quanto mais frequentemente ela for chamada a satisfazer as exigências do meio, mais habitual ela se torna.” (STEIN, 2006, p. 103)

Dessa forma, a pessoa passa a crer que é a máscara que usa, e, pouco a pouco, vai se tornando dependente dela para a definição de sua identidade e de seu senso de realidade, podendo vincular a isto seu sentimento de valor pessoal e de afinidade ao grupo ao qual pertence ou quer pertencer.

Nise da Silveira (1981) indica que quanto mais aderida a persona está à “pele do ator”, mais difícil psicologicamente será sua retirada. E, quando retirada a máscara, o que vemos é uma face desconhecida, um lado escuro onde moram todas as coisas que nos desagradam ou que nos assustam em nós mesmos, ou seja, a sombra – outra instância psíquica presente no processo de individuação (FRANZ, 2017)

Segundo Stein (2006), tudo aquilo aceito psicologicamente pelo sujeito torna-se parte de sua consciência e da persona, porém aquilo que é rejeitado pela consciência do ego torna-se a sombra. Para o pesquisador, de modo geral, a sombra possuiria uma qualidade imoral, pouco recomendável, e conteria

características de uma pessoa que são contrárias aos costumes e convenções morais da sociedade (STEIN, 2006). Ela seria a face oposta ao ego.

A pesquisadora junguiana Marie-Louise von Franz (2017) esclarece que Jung empregou o termo “sombra” para designar a parte inconsciente da personalidade humana. Para Von Franz (2017), a sombra não é o todo da personalidade, mas representa qualidades e atributos desconhecidos ou pouco conhecidos do ego. Ela seria uma figuração dos aspectos pertencentes à esfera pessoal como tendências e impulsos que a pessoa nega existirem em si, mas que reconhece projetivamente nos outros (FRANZ, 2017).

Silveira (1981) observa que ao lançarmos luz sobre a sombra (esses recantos obscuros da personalidade) alcançamos, como resultado, um alargamento da consciência. Contudo, quanto mais ignorada for a sombra, mais ela se torna espessa e negra. Tanto Silveira quanto Franz (2017) apontam que a sombra costuma aparecer nos sonhos e mitos, geralmente, como uma pessoa do mesmo sexo do sonhador, porém representando o seu avesso. Além disso, a sombra pode ultrapassar os limites do pessoal e alongar-se na sombra coletiva. Nesse caso, podemos observar que os homens civilizados, quando reunidos em massa, portam-se segundo padrões mais inferiores, tornando-se ávidos, destrutivos, sanguinários (SILVEIRA, 1981).

Por fim, Nise da Silveira (1981) complementa, apontando que também na sombra poderão ser discernidos traços positivos, potencialidades, qualidades valiosas que não se desenvolveram devido a condições externas desfavoráveis ou porque o indivíduo não dispôs de energia suficiente para levá-las adiante, quando isso exigisse ultrapassar convenções vulgares.

A teoria junguiana (SILVEIRA, 1981) observa que a psique é um sistema integrado e autorregulador que atua por compensação e complementariedade. Isso significa que o consciente e o inconsciente são compostos por elementos opostos que se complementam.

Um dos pares de opostos que se pode observar na teoria de Jung é o de anima e animus – instâncias importantes no processo de individuação (SILVEIRA, 1981). No que se relaciona ao arquétipo da anima e do animus, Jung nos informa que:

Na Idade Média, muito antes de os filósofos terem demonstrado que trazemos em nós, devido a nossa estrutura glandular, ambos os elementos - o masculino e o feminino -, dizia-se que "todo homem traz dentro de si uma mulher". É a este elemento feminino, que há em todo homem, que chamei "anima". (JUNG, 2017, p. 31)

Murray Stein (2006) aponta para o fato de que, convencionalmente, para os homens, a figura interior é feminina e é representada pela anima, enquanto, para as mulheres, a figura interior equivalente, o animus, é masculina. De acordo com o teórico:

Anima e animus são personalidades subjetivas que representam um nível do inconsciente mais profundo do que a sombra. Para melhor ou para pior, elas revelam as características da alma e conduzem para os domínios do inconsciente coletivo. (STEIN, 2006, p. 116)

O pesquisador complementa que a anima, tal como a sombra, é uma personalidade dentro da psique que não combina com a representação e a identidade de si mesmo refletida pela persona (STEIN, 2006). Nas palavras de Stein:

Se a distinção entre persona e sombra é “bom *versus* mau” – mais e menos, aspectos positivo e negativo do ego – a distinção entre ego e anima/animus é marcada pelas polaridades masculino-feminino. Não é a diferença entre Caim e Abel, mas entre Salomão e a Rainha de Sabá. (STEIN, 2006, p. 116)

Por fim, Stein (2006) afirma que, para Jung, sua teoria psicológica é também uma confissão pessoal, sobretudo quando se trata de áreas relacionadas às figuras e personalidades internas da psique, como a sombra, a anima e animus, e o self. As teorias e conceitos abstratos, cunhados pelo teórico, baseavam-se em experiências interpessoais e observações clínicas e de campo e não apenas solitárias e íntimas.

4.3. PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

Apontamos, brevemente, a estrutura da psique e as instâncias psíquicas do processo de individuação (persona, sombra, anima e animus, e self). Mas não se falou do processo em si e da sua importância dentro da teoria de Jung.

A estudiosa Marie-Louise von Franz (2017) nos informa que, ao investigar a vida onírica, Jung observou que os sonhos não apenas dizem respeito somente à vida de quem sonha, mas eles fazem parte de uma “única e grande teia de fatores psicológicos”. Além disso, quando analisamos os sonhos longitudinalmente, as mitologias, imagens alquímicas, artes (SILVEIRA, 1981) podemos perceber que eles

seguem uma espécie de configuração ou esquema. Von Franz (2017) nos esclarece que, a esse esquema, Jung denominou de “processo de individuação”.

Segundo Von Franz (2017), o esquema que se apresenta através da vida psíquica do indivíduo se configura de forma sinuosa, e em meandros, na qual observa-se o aparecimento, o desaparecimento e o reaparecimento de temas e tendências, mudanças psíquicas que, ao longo do tempo, gradualmente, revelam o surgimento de uma personalidade mais ampla e amadurecida. A estudiosa também nos esclarece que essas mudanças podem se acelerar caso o indivíduo tome uma atitude consciente que seja embasada “na interpretação apropriada dos seus sonhos e dos seus conteúdos simbólicos”. Erna van de Winkel (1985), outra destacada pesquisadora junguiana, aponta que:

O [...] [self] resulta da harmonia do consciente e do inconsciente e, por isso, não pode ser atingido sem uma tomada de consciência, isto é, sem um conhecimento real dos conteúdos do inconsciente. Isso supõe um longo trabalho interior, durante o qual se verificarão várias unificações por integração, isto é, por aceitação consciente e viva das inumeráveis oposições que constituem nosso ser. (WINCKEL, 1985, p. 35-36)

A partir dos apontamentos apresentados, percebemos que o processo de individuação estabelece uma relação de correlação entre o ego e o self. Para que o sujeito passe pela individuação, é necessário que o ego auxilie a integração dos elementos do inconsciente com a consciência, formando uma síntese dinâmica, um elemento unificador (SILVEIRA, 1981).

Stein (2006) sublinha, como vimos, que o termo individuação fora usado por Jung para definir o desenvolvimento psicológico, o processo que o sujeito passa para que sua personalidade se torne unificada, única, e que ele se torne “um indivíduo, uma pessoa indivisa e integrada”. Em suma, podemos observar que a individuação é um processo de particularização do ser, no qual ele distingue suas singularidades do conjunto. É algo inato do ser humano. O pesquisador também nos aponta que cada sujeito nasce destinado ao processo de individuação, inicialmente com o desenvolvimento físico e, em seguida, com o desenvolvimento psicológico.

Silveira (1981) aponta que apesar de ser algo inerente ao sujeito, o processo de individuação não é linear e de fácil aceitação, pois, na realização da tarefa de se tornar um indivíduo inteiro, o sujeito se depara com o confronto de forças instintivas e opostas. Além disso, é necessário ter em mente que se tonar um indivíduo inteiro

não significa atingir a perfeição ou mesmo que passar pela individuação não significa se tornar um sujeito individualista. Como nos aponta Nise da Silveira:

O conceito junguiano de individuação tem sido muitas vezes deturpado. Entretanto é claro e simples na sua essência: tendência instintiva a realizar plenamente potencialidades inatas. Mas, de fato, a psique humana é tão complexa, são de tal modo intrincados os componentes em jogo, tão variáveis as intervenções do ego consciente, tantas as vicissitudes que podem ocorrer, que o processo de totalização da personalidade não poderia jamais ser um caminho reto e curto de chão bem batido. Ao contrário, será um percurso longo e difícil. Pelo menos duas confusões frequentes devem ser de início esclarecidas. Em primeiro lugar não se pense que individuação seja sinônimo de perfeição. Aquele que busca individuar-se não tem a mínima pretensão a tornar-se perfeito. Ele visa completar-se. o que é muito diferente. E para completar-se terá de aceitar a fardo de conviver conscientemente com tendências opostas, irreconciliáveis, inerentes à sua natureza, tragam estas as conotações de bem ou de mal, sejam escuras ou claras. Outro erro grave seria confundir individuação com individualismo. "Vindo a ser o indivíduo que é de fato, o homem não se torna egoísta no sentido ordinário da palavra, mas meramente está realizando as particularidades de sua natureza, e isso é enormemente diferente de egoísmo ou individualismo" (Jung). Note-se que o trabalho no sentido da individuação toma em atenta consideração os componentes coletivos da psique humana (conteúdos do inconsciente coletivo), o que desde logo permite esperar que daí resulte melhor funcionamento do indivíduo dentro da coletividade. (SILVEIRA, 1981, p. 80)

Podemos perceber que a individuação designa a conquista de uma maior consciência, por parte do sujeito, dos fatores que influenciam a maneira deste se relacionar com a totalidade de suas experiências psicológicas, interpessoais e culturais. No conflito entre consciente e inconsciente, as manifestações inconscientes teriam a finalidade de compensar a atitude unilateral da consciência, de modo que o ego também possa integrar o material reprimido. Nesse sentido, ego e self se relacionariam através de símbolos que podem ser percebidos a partir da vida onírica, fantasias, mitos e imagens arquetípicas.

4.4. CONSIDERAÇÕES JUNGUIANAS SOBRE ARTE E LITERATURA

Para Jung (1985), as artes expressam símbolos e representações psíquicas que foram captados e plasmados pelos artistas que, por sua sensibilidade aguçada e sua busca por detalhes, perceberam padrões que se repetem na vida através dos arquétipos da psique coletiva. O artista tem a capacidade de captar a alma coletiva e dela extrair as emoções, as imagens e as metáforas daquilo que vimos, sentimos, mas a que não conseguimos dar forma. Como exemplos, podemos citar os heróis da

literatura com seus valores e atitudes cheias de ímpeto, as paixões avassaladoras que geram dores profundas quando terminam. Também podemos citar as sereias sedutoras, que afundam navios e afogam marinheiros. Esses elementos aparecem, reiteradas vezes, nas mais diversas expressões artísticas, e o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung também se dedicou ao estudo desses elementos na arte e, sobremaneira, na literatura.

Jung discute a relação entre a arte, a literatura e a psicologia analítica, no conjunto de ensaios intitulado *O Espírito na Arte e na Ciência* (1985). Ao iniciar o trabalho, o teórico nos informa que:

[...] A alma é ao mesmo tempo mãe de toda ciência e vaso matricial da criação artística. Assim, pois seria lícito esperar das ciências da alma que, por um lado, pudessem ajudar no tocante ao estudo da estrutura psicológica de uma obra de arte [...] (JUNG, 1985, p. 74-75)

Nesse sentido, o teórico afirma que a psicologia, por ser a ciência que estuda os processos anímicos, se relaciona com o campo da literatura, o que nos permite tecer análises interdisciplinares entre esses dois campos. Nise da Silveira (1981) ressalta, entretanto, que a psicologia analítica não pretende opinar sobre o valor estético das obras de arte, e nem explicar o fenômeno artístico. De acordo com a estudiosa, estas análises caberiam aos críticos de arte. As análises da psicologia analítica são pautadas nas pesquisas que se referem aos processos da atividade criadora e ao estudo psicológico da estrutura da produção artística. Dessa forma, a sua contribuição consiste na busca de compreensão das imagens do inconsciente que tomam forma na obra de arte, trazendo luz sobre as significações que encerram e que excedem as possibilidades comuns de compreensão da época em que adquiriram vida (SILVEIRA, 1981).

Jung (1985) nos aponta dois processos criativos de obras literárias: o modo psicológico e o modo visionário. No primeiro caso, as obras são facilmente compreendidas pelos leitores, visto que sua temática abrange conteúdos que, segundo o teórico, “se movem nos limites da consciência humana”, tais como uma comoção, uma vivência passional, os sofrimentos do homem, seus feitos, as tragédias de seu destino (JUNG, 1985, p. 77). Nessa linha de obras literárias estão situados o romance social, o romance de família, o romance policial, os poemas didáticos, os poemas líricos, as tragédias e as comédias.

Nas palavras de Jung:

Se chamo tal criação artística de “psicológica” é pelo fato de ela mover-se sempre nos limites do que é psicologicamente compreensível e assimilável. Da vivência à sua formulação artística, todo o essencial se desenvolve no domínio da psicologia imediata. O próprio tema psíquico da vivência nada tem em si de estranho; pelo contrário, é-nos sobejamente conhecido. (JUNG, 1985, p. 78)

Silveira (1981) aponta que, de acordo com o pensamento junguiano, através dessas obras o leitor ganha a possibilidade de penetrar mais profundamente na alma humana, de tomar consciência de sentimentos e tendências obscuras que aí se movem. Além disso, Jung (1985, p. 76) ressalta que os estudos psicológicos dessas obras não trariam grandes contribuições, visto que o artista já teria esgotado todas as nuances de seu tema. Nesse sentido, restaria ao psicólogo, no máximo, completar e criticar.

No que se relaciona às obras do modo visionário, Jung afirma que:

Neste segundo modo, tudo se inverte: o tema ou a vivência que se torna conteúdo da elaboração artística é-nos desconhecido. Sua essência, estranha, de natureza profunda, parece provir de abismos de uma época arcaica, ou de mundos de sombra e de luz sobre-humanos. Esse tema constitui uma vivência originária que ameaça a natureza, ferindo-a em sua fragilidade e incapacidade de compreensão. (JUNG, 1985, p. 78)

O teórico complementa sua tese, afirmando que:

A forma visionária, à qual já nos referimos, rasga de alto a baixo a cortina na qual estão pintadas as imagens cósmicas, permitindo uma visão das profundezas incompreensíveis daquilo que ainda não se formou. Trata-se de outros mundos? Ou de um obscurecimento do espírito? Ou das fontes originárias da alma humana? Ou ainda do futuro das gerações vindouras? Não podemos responder a essas questões nem pela afirmativa, nem pela negativa. (JUNG, 1985, p. 79)

Nise da Silveira (1981) esclarece que as obras de arte visionárias causam perturbadora impressão de estranheza, pois não são as vicissitudes, porque passam seres conhecidos, que nelas nos inquietam. Mas, o que ocorre é que esses seres se nos apresentam misteriosos e, além disso, existe nessas obras uma atmosfera ainda mais misteriosa.

Jung observa que:

É curioso constatar que, inversamente ao que se passa em relação à criação psicológica, uma obscuridade profunda cerca a origem dos

temas visionários, obscuridade que muitas vezes nos parece premeditada. (JUNG, 1985, p. 80)

Nise da Silveira (1981) complementa esclarecendo que, nas obras de arte deste tipo, vinculadas a uma instância psíquica coletiva, o artista não domina o ímpeto da inspiração que dele se apodera. Ele meio que obedece e executa, "sentindo que sua obra é maior que ele e, por este motivo, possui uma força que lhe é impossível comandar". Além disso, segundo a estudiosa, Jung identifica numerosos graus existem entre esses dois tipos de obras de arte, pois, muitas vezes, ideias oriundas de planos profundos do inconsciente se insinuam despercebidas, em meio às coisas cotidianas, sendo trazidas de súbito a um poema ou a uma página de romance, conferindo-lhe um toque singular de vibração. Ademais, também o artista pode se sentir ativo ou passivo em graus diferentes quanto ao modo como se realiza em si próprio processo criador.

Segundo Jung (1985) a obra *Fausto*, de Goethe, caracterizaria os dois polos de criação. O teórico salienta que, na primeira parte da obra, podemos observar o modo psicológico de criação. Nela, "a tragédia amorosa explica-se por si mesma" (p. 77) ficando o psicólogo a ter nada "a acrescentar que o poeta já não tenha o dito" (p. 77). Contudo, a segunda parte da obra goethiana apresenta o modo de criação visionário. De acordo com Jung, nela:

[...] apresenta [se] uma fenomenologia de tal modo prodigiosa, que o poder criador do poeta é como que consumido e até ultrapassado; nela, nada se explica por si mesmo e cada novo verso pede a interpretação do leitor. (JUNG, 1985, p. 77)

A despeito de Jung observar que, para a sua teoria, a obra visionária é a mais interessante, do ponto de vista analítico, as pesquisadoras Teresinha Zimbrão da Silva e Elizabeth Mello defendem o estudo da obra de arte psicológica a partir da teoria junguiana:

Apesar de Jung desencorajar então o estudo de obras psicológicas, preferindo estudar as visionárias [...] a Psicologia junguiana pode também acrescentar muito à leitura dessas obras, e não somente às visionárias como sugere Jung. Afinal, como sublinha Nise da Silveira ([1968]/1997, p. 139): "Numerosos graus existem entre esses dois tipos de obras de arte", e explica: "Muitas vezes ideias oriundas de planos profundos do inconsciente insinuam-se despercebidas em meio às coisas cotidianas, trazendo de súbito a um poema ou a página de um romance um toque singular de vibrações", singularidade que mereceria ser então explicitada, seja na obra visionária, seja na obra psicológica. (SILVA; MELLO, 2019, p. 12)

A própria psiquiatra Nise da Silveira (1981) voltou seu olhar junguiano para os escritos psicológicos, no caso para a obra de Machado de Assis. Como nos aponta Silva e Mello (2019), Machado de Assis é um escritor cujas obras estão abertas e a espera de um leitor que possa completá-las, sobretudo, em sua psicologia.

Silva e Mello (2019) também indicam que Nise da Silveira era leitora atenta da obra machadiana, tendo tecido algumas análises muito produtivas sobre ela em, pelo menos, quatro textos, que são: *Jung – Vida e Obra* (1981), *Imagens do Inconsciente* (1981/2015), *Farra do Boi* (1989) e, numa introdução inédita à revista *Quaternio*, de 1993. Nessas obras, Silveira, além de tecer comentários elucidativos sobre os personagens Rubião, Bento e Capitu, analisou a temática dos opostos bem/mal, no conto *A igreja do diabo*; caracterizou a persona junguiana, em *O espelho*; e, ao analisar o tema do mal e da sombra, no livro *Farra de boi* (1989), exemplificou com o conto machadiano, *A causa secreta*; por fim, mostrou que Machado de Assis antecipou Freud e o seu conceito de lapso no conto *A mulher de preto*.

Portanto, a psicologia junguiana pode, sim, contribuir para a análise de obras literárias consideradas por junguianos como psicológicas. E pode também, como essa dissertação pretende mostrar, dar sua contribuição para a leitura de obras da literatura pop e de entretenimento, como *O Diário de um Mago* e *O Alquimista* de Paulo Coelho.

4.5. CONSIDERAÇÕES JINGUIANAS SOBRE MITOS

Mitos são narrativas simbólicas que procuram dar forma a diversos elementos da natureza, da formação do mundo e da psique humana. Essas narrativas compõem a expressão psíquica coletiva, formando uma tradição oral compartilhada de geração a geração. Assim sendo, os mitos constituem um importante objeto de estudo da psicologia junguiana (HENDERSON, 2017).

Como nos aponta o mitólogo Joseph Campbell (2007), as manifestações culturais humanas como, por exemplo, as religiões, a filosofia, as artes, as descobertas fundamentais da ciência e, até mesmo, os sonhos que povoam nosso sono, surgem do círculo básico e mágico do mito. Segundo o teórico, os símbolos da mitologia não podem ser fabricados, ordenados, inventados ou suprimidos, pois eles

são produções espontâneas da psique e trazem intactos em si o poder criador de sua fonte. (CAMPBELL, 2007, p. 15-16)

Campbell (2007), ao investigar a presença da mitologia no universo humano, observou que todas as narrativas seguem um padrão mitológico e que são contempladas na chamada jornada do herói. Por auxiliar os homens a exteriorizar o seu inconsciente, o mitólogo relacionou os mitos e a personalidade humana a partir de estudos propostos pela psicologia. Nas palavras de Campbell:

Os ousados e verdadeiramente marcantes escritos da psicanálise são indispensáveis ao estudioso da mitologia. [...]

Freud, Jung e seus seguidores demonstraram irrefutavelmente que a lógica, os heróis e os feitos do mito mantiveram-se vivos até a época moderna. (CAMPBELL, 2007, p. 16)

Gomes e Andrade (2009) informam que o termo mito, para a psicologia analítica, se refere a uma narrativa tradicional com caráter explicativo e/ou simbólico relacionado a uma cultura e/ou religião. Os pesquisadores prosseguem dissertando que os mitos explicam os principais acontecimentos da vida como, por exemplo, fenômenos naturais, origens do homem e do mundo através de deuses, semideuses e heróis. Nesse contexto, percebe-se que em todas as culturas há mitos que expressam arquétipos comuns a toda humanidade (GOMES; ANDRADE, 2009, p. 141).

Para os estudiosos, toda a mitologia seria como uma tomada de consciência, um elemento para nos identificarmos. Os pesquisadores destacam que existem os mitos universais e os de cada cultura e que eles retornam, em diferentes épocas, com novas roupagens, visto que sua temática é arquetípica, o que poderia configurar novas formas de colocação. Por fim, Gomes e Andrade concluem que a função tanto dos mitos quanto dos arquétipos seria no ensinar sobre a condição humana e o processo da vida (GOMES; ANDRADE, 2009, p. 141).

A respeito do mito do herói, particularmente importante para o estudo que se propõe essa dissertação, Campbell sublinha que este se manifesta em diversas culturas. Ele está presente na mitologia greco-romana, na Idade Média, no Extremo Oriente e entre as tribos primitivas. Henderson (2017) nos informa que ele aparece nos sonhos e tem um poder de sedução dramática e, apesar de menos aparente, uma importância psicológica profunda. Os mitos podem variar em seus detalhes, mas se assemelham arquetipicamente em sua estrutura. Para Henderson, esse fato

mostra que eles guardam uma forma universal mesmo quando são desenvolvidos por indivíduos ou grupos sem contato cultural entre si como, por exemplo, as tribos africanas e os índios norte-americanos, os gregos e os índios do Peru (HENDERSON, 2017, p. 142).

Ao analisar figuras como os heróis gregos, Joseph L. Henderson verifica que esses personagens são representações simbólicas da psique coletiva, uma entidade maior e mais ampla que supre o ego da força que lhe falta (2017). Henderson destaca que:

Sua função específica lembra que é atribuição essencial do mito heroico desenvolver no indivíduo a consciência do ego – o conhecimento de suas próprias forças e fraquezas – de maneira a deixá-lo preparado para as difíceis tarefas que a vida lhe há impor. Uma vez passado o teste inicial e entrando o indivíduo na fase de maturidade da sua vida, o mito do herói perde a relevância. A morte simbólica do herói assinala, por assim dizer, a conquista daquela maturidade. (HENDERSON, 2017, p. 144)

O herói também pode ser entendido como o protagonista da história, o elo entre o leitor e o texto, no caso de obras literárias. Ele pode ser caracterizado como um personagem que, ao enfrentar desvantagens insuportáveis, consegue de algum modo vencer, aprendendo alguma coisa com sua aventura. Através dele podemos ver nossos problemas sendo direcionados, elaborados e compreendidos na busca de sentido. Eles nos fazem crer que tudo é possível e que mesmo os problemas mais complexos podem ser resolvidos. Contudo, o herói deve apresentar fraquezas, medo e defeitos – presentes em todos os seres humanos – uma mistura de emoções, dúvidas e apreensões para que se torne mais “real”, mais humano e facilitar a identificação do público com ele. Como destaca Joseph Campbell:

O herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas e pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas. As visões, ideias e inspirações dessas pessoas vêm diretamente das fontes primárias da vida e do pensamento humanos. (CAMPBELL, 2007, p. 28)

Em *O Herói de Mil Faces* (2007), Joseph Campbell resumiu a aventura do herói em três etapas básicas que são: a partida, a iniciação e o retorno. Na primeira etapa, o mitólogo aponta cinco fases vividas pelo herói: o chamado da aventura, a recusa do chamado, o auxílio sobrenatural, a passagem pelo primeiro limiar e o ventre da baleia. Na segunda, são seis os momentos vividos pelo herói: o caminho das provas, o encontro com a deusa, a mulher como tentação, a sintonia com o pai, a apoteose e a bênção última. Na terceira fase, o herói passa pela recusa do

retorno, a fuga mágica, o resgate com auxílio externo, a passagem pelo limiar do retorno, senhor dos dois mundos e, por fim, a liberdade para viver.

Na obra de Paulo Coelho observamos a presença de estruturas arquetípicas e, conseqüentemente, mitológicas, que nos propomos explicitar a partir da psicologia junguiana. É o que faremos em seguida com as imagens arquetípicas do herói, do sábio e da *anima* ao analisarmos *O Diário de um Mago* e *O Alquimista*.

4.6. AS IMAGENS ARQUETÍPICAS DO HERÓI, DO SÁBIO E DA ANIMA EM O DIÁRIO DE UM MAGO E O ALQUIMISTA

Pode-se observar que Paulo Coelho estrutura, intencionalmente ou não, a sua obra a partir de elementos arquetípicos que se manifestam em mitos e em tradições religiosas e espirituais de diversas culturas. Suas narrativas mesclam estruturas diversas como a magia wicca, a alquimia, a vida dos santos católicos, a existência de anjos, os contos da cultura árabe, as lendas populares, os manuais de autoajuda, além de relatos das próprias experiências espirituais do autor, como a peregrinação pelo caminho de Santiago de Compostela. O escritor também evoca figuras mitológicas que povoam o imaginário popular como oráculos, ordens religiosas secretas e guerreiros encantados. O próprio Paulo Coelho se coloca como uma dessas figuras, narrando em alguns de seus livros, de caráter biográfico, suas aventuras em busca de elevação espiritual ou de algum elemento do universo mítico, como uma espada mágica ou um anjo da guarda, por exemplo. São essas imagens arquetípicas do herói, do sábio e da *anima*, recorrentes na sua obra, que pretendemos explicitar a seguir.

4.7. O DIÁRIO DE UM MAGO

O Diário de Um Mago foi publicado pela primeira vez em 1987. O livro se propõe como uma narrativa autobiográfica e conta a viagem de três meses que o autor fez a pé, um ano antes, pelo Caminho de Santiago, lendário trajeto de mais de 700 quilômetros, entre o sul da França e a cidade espanhola de Compostela. A obra foi traduzida para mais de 21 idiomas e colocou o nome de Paulo Coelho na seção dos autores de best-sellers.

A trama se inicia com Paulo Coelho participando de um ritual místico da Tradição, “grande fraternidade que congregava as ordens esotéricas em todo mundo” (COELHO, 2012, p.15). No ritual, Coelho seria ordenado Mestre da Ordem

de RAM, ordem religiosa oculta que mistura práticas mágicas e esotéricas com rituais cristãos. Durante a cerimônia de consagração, o Mestre de Paulo Coelho identifica um erro no comportamento de seu discípulo e o pune com a perda de sua espada mágica. Para ter seu instrumento de volta, Paulo precisa, então, percorrer a pé o Caminho de Santiago. Nesta viagem, verdadeira trajetória do herói, ele precisará, ao mesmo tempo, evoluir espiritualmente e encontrar sua espada mágica.

4.7.1. PAULO COELHO: A IMAGEM ARQUETÍPICA DO HERÓI EM O DIÁRIO DE UM MAGO

Paulo Coelho, protagonista de *O Diário de um mago*, representa a figura do herói tal como apresentado por Campbell e Henderson. Em sua jornada, passará por testes e provações antes de conquistar a vitória ao final do trajeto.

O Caminho de Santiago de Compostela é conhecido por viajantes e turistas de todo mundo por seu caráter espiritual e religioso. São várias as possibilidades para aqueles que desejam percorrer o Caminho de Santiago, porém o caminho mais destacado fica entre a França e a Espanha. Coelho (2012) nos informa que, da mesma forma que outras tradições religiosas exigem que seu fiel faça pelo menos uma longa jornada espiritual na vida, no cristianismo há ao menos três rotas consideradas sagradas para aqueles que desejam efetuar uma caminhada mística.

A primeira rota levava ao túmulo de São Pedro, em Roma. Seus caminhantes tinham por símbolo uma cruz e eram chamados de romeiros. A segunda levava ao Santo Sepulcro de Cristo, em Jerusalém, e os que faziam esse caminho eram chamados de palmeiros, porque tinham como símbolo as palmas com que Cristo foi saudado ao entrar na cidade. Finalmente existia um terceiro caminho – um caminho que levava até os restos mortais do apóstolo São Tiago, enterrados num local da península Ibérica onde certa noite um pastor havia visto uma estrela brilhante sobre um campo. Conta a lenda que não apenas São Tiago, mas a própria Virgem Maria, estiveram por ali logo após a morte de Cristo, levando a palavra do Evangelho e exortando os povos a se converterem. O local ficou conhecido como Compostela – o campo da estrela – e logo surgiu uma cidade que iria atrair viajantes de todo o mundo cristão. A esses viajantes que percorriam a terceira rota sagrada foi dado o nome de peregrinos e passaram a ter como símbolo uma concha. (COELHO, 2012, p. 21-22)

Como nos aponta o antropólogo Leandro Gomes (2019), entre os séculos IX e X, ainda que não houvesse provas cabais sobre a viagem de São Tiago pela península Ibérica, o trajeto denominado Caminho de Santiago de Compostela se

configurou como rota de peregrinação e culto religioso. Gomes ressalta que, com o passar do tempo, aqueles que faziam o caminho sagrado foram se destacando pelo uso de determinados acessórios e vestimentas:

Os peregrinos a Santiago eram normalmente identificados pelos elementos que levavam e de como eram trajados, em que o chapéu era para se proteger do sol; uma capa - esclavina para proteger do frio; bordão báculo para apoiar-se; cabaça para beber água; bolsa bi-saco para transportar o dinheiro para as despesas e ofertas; vieira - concha afim de demonstrar o carácter pacífico da viagem. Estes elementos eram tidos como uma forma de identificar os peregrinos, assim como, de uma simbologia, como no caso do bordão, como uma espécie de luta entre o bem e o mal. (GOMES, 2019 apud DIAS, 1994)

Paulo Coelho representa a versão do peregrino supracitada. O literato relata que levava uma mochila azul na qual levava, entre um saco de dormir e alguns pertences, uma imagem de Nossa Senhora de Aparecida com conchas (vieiras) que indicavam o carácter espiritual da viagem.

No intuito de compreender o sentido da vida, muitos indivíduos despertam uma sensibilidade, por vezes reprimida, e partem para uma jornada espiritual, um caminho para desvendar os conhecimentos ocultos e cumprir a sua “missão” no mundo. Como nos aponta Campbell (2007) essa busca – ou seja, a partida desse indivíduo em direção a algo subjetivo, transcendental – pode ser interpretada como “o chamado da aventura”, o primeiro estágio da jornada do herói, representada por diferentes mitologias. O mitólogo nos informa que “o chamado”:

[...] significa que destino convocou o herói e transferiu-lhe o centro da gravidade do seio da sociedade para uma região desconhecida. Essa fatídica região dos tesouros e dos perigos pode ser representada sob várias formas: como uma terra distante, uma floresta, um reino subterrâneo, a parte inferior das ondas, a parte superior do céu, uma ilha secreta, o topo de uma elevada montanha ou um profundo estado onírico. (CAMPBELL, 2007, p. 66)

Em seguida, Campbell observa que para seguir “o chamado”, partir para essa jornada, o herói pode ou agir por vontade própria ou ser levado a agir por forças externas, benignas ou malignas. No caso de *O Diário*, Paulo Coelho, o herói do texto, recebe o “chamado” não por sua própria vontade, mas pela necessidade de ter novamente a espada que lhe fora tirada por seu Mestre.

Ao se colocar na condição de protagonista de *O Diário*, Paulo Coelho passa pelas etapas descritas por Campbell (2007) que marcam a aventura do herói como,

por exemplo, o chamado da aventura, a recusa do chamado, o auxílio sobrenatural, a passagem pelo primeiro limiar, entre outros.

Enquanto “o chamado da aventura” leva o herói para uma região desconhecida, deslocada do centro da sociedade, “a recusa do chamado” se configura como uma contraparte negativa da aventura. Campbell (2007) nos informa que ao recusar o chamado da aventura o sujeito fica aprisionado pelo tédio, pelo trabalho duro ou pela “cultura, tendo a impressão de que a vida perdeu o sentido”.

Em *O Diário*, podemos perceber que o herói Paulo Coelho, antes de iniciar sua jornada pelo Caminho de Santiago de Compostela, recusara seu verdadeiro chamado: se tornar um escritor. Nas palavras de Coelho:

Custa acreditar que já se passaram 25 anos desde que fiz minha primeira (e única) peregrinação a pé até Santiago de Compostela. Foi um momento decisivo, quando parei de adiar meus planos e resolvi dedicar-me à única coisa que sonhava fazer da vida: escrever. (COELHO, 2012, p. 11)

Ao aceitar que desejava se tornar escritor, apesar de toda situação contrária a sua decisão, Coelho parte, então, para “o chamado da aventura”. Acreditando se tornar um Mestre da Ordem de RAM, Paulo Coelho participa de um ritual de ordenação, no qual receberá uma espada mágica, e será capaz de realizar feitos maravilhosos. Contudo, seu Mestre o impede de recebê-la, alegando que Coelho não estaria preparado espiritualmente para isso, e solicitando que o literato fizesse uma jornada em busca da espada, mas, sobretudo, em busca de si mesmo, de autoconhecimento e da espiritualidade.

Tudo o que sei neste momento é que estou tenso, nervoso porque acabo de me dar conta de que não posso mais voltar a fazer o que vinha fazendo – mesmo que isso signifique abrir mão de uma quantia razoável no fim do mês, de certa estabilidade emocional, de um trabalho que já conheço e do qual domino algumas técnicas.

Preciso mudar, seguir em direção ao meu sonho, um sonho que me parece infantil, ridículo, impossível de ser realizado e que nunca tive coragem de assumir: tornar-me o escritor que secretamente sempre desejei ser. (COELHO, 2012, p. 13)

É sabido que se tornar um escritor era um sonho, uma fixação de Coelho desde a infância. Porém, seus pais desaprovavam a ideia de que o filho seguisse essa profissão. Coelho, então, reprimiu seu desejo ao longo da vida e mesmo

conseguindo prestígio e sucesso em outras profissões, nunca se sentiu completamente pleno, seja como profissional ou como indivíduo.

Como sublinha Campbell (2007), na psicologia analítica há diversos exemplos de situações como a descrita por Paulo Coelho que representariam, por parte do herói, “uma impotência em abandonar o ego infantil, com sua esfera de relacionamentos e ideias emocionais” (p. 69). O teórico informa que:

Estamos aprisionados pelos muros da infância; o pai e a mãe são guardiães das vias de acesso, e a atemorizada alma, temendo alguma punição, não consegue passar pela porta e alcançar o nascimento no mundo exterior. (CAMPBELL, 2012, p. 69)

Ao seguir as orientações de seu Mestre e partir em busca da espada, Coelho demonstra ter conseguido vencer o obstáculo que impedia o desenvolvimento e amadurecimento de seu constructo psicológico.

O auxílio sobrenatural aparece n’*O Diário* a partir do encontro de Paulo Coelho e seu guia pelo Caminho de Santiago: o mago Petrus. Petrus também pertence à Tradição e é um Mago da Ordem de RAM que fora destacado para guiar Coelho, tanto no caminho físico quanto no caminho espiritual. Ele ensina a Paulo realizar diversos exercícios esotéricos para que o literato possa tomar contato com as forças espirituais cultuadas na organização mística.

O primeiro limiar de Paulo Coelho, em *O Diário*, ocorre logo após o início de sua caminhada. Antes de conhecer pessoalmente Petrus, Coelho se depara com um homem, um cigano, que parecia ser aquele que o esperava para iniciarem o trajeto:

_Olá – disse eu, em espanhol, com a mesma timidez que tinha toda vez que era apresentado a alguém. – Você deve estar me esperando. Meu nome é Paulo.

O homem parou de mexer na mochila e me olhou de cima a baixo. Seu olhar era frio e ele não pareceu surpreso com a minha chegada. Eu tive a vaga sensação de que o conhecia.

_Sim, eu estava te esperando, mas não sabia que ia encontrá-lo tão cedo. O que você quer?

Fiquei um pouco desconcertado com a pergunta e respondi que era eu quem ele iria guiar pela Via Láctea em busca da espada.

_Não é preciso – disse o homem. – Se quiser, posso encontrá-la para você. Mas decida isso agora. (COELHO, 2012, p. 28-29)

Apesar de Coelho perceber certa estranheza na conversa, por ter jurado completa obediência a seu guia, o literato decide aceitar o pacto. Contudo, pouco

antes do sim, o verdadeiro guia aparece, fazendo com que Paulo percebesse que, na verdade, acabara de se deparar com um demônio.

4.7.2. PETRUS: A IMAGEM ARQUETÍPICA DO SÁBIO EM O DIÁRIO DE UM MAGO

Logo no início do trajeto, Paulo é apresentado a Petrus, um italiano de aproximadamente cinquenta anos. O guia também é um mestre integrante de uma ordem religiosa secreta cristã, que fora incumbido de orientar o brasileiro ao longo do percurso. O guia tem um papel muito mais espiritual do que turístico. O italiano ensina a Paulo as práticas de RAM, exercícios variados que aumentam a habilidade de ver, ouvir e sentir os diferentes planos espirituais.

Enquanto caminham, Petrus e Paulo vão conversando sobre as histórias dos lugares percorridos, e o mestre aproveita para transmitir ao discípulo os ensinamentos religiosos de suas crenças e orientá-lo sobre as técnicas para alcançar um nível espiritual mais elevado.

O conceito de maestria diz respeito ao grande conhecimento acerca de algo, de um pensamento, de uma matéria ou uma arte. Porém, para ser considerado um mestre, o indivíduo, mais do que exímio em seu trabalho, necessita de um olhar particular sobre o mundo, a consciência da energia que o seu trabalho produz no mundo e, por fim, conseguir traduzir sua filosofia em conceitos práticos, tanto para sua vida quanto para vida de seus discípulos. A escolha de um mestre e de um discípulo é complexa, visto que essa relação demanda de uma conexão entre as duas partes e de uma atitude de aceitação dos ensinamentos a serem transmitidos. O mestre deve levar o seu discípulo a alcançar os seus objetivos, sabendo, para isso, dosar as práticas de ensino e entendendo a maneira como o discípulo adquire os conhecimentos.

A figura do mestre costuma emergir nas narrativas mitológicas na imagem de um sábio, um mentor bondoso que utiliza seus conhecimentos de mundo e da mente humana para orientar as pessoas de forma mística, através de enigmas, mistérios e metáforas. O mestre representaria, analogicamente, o arquétipo do “velho sábio”, sendo caracterizado como um ente de outra dimensão, de um outro tempo, de uma outra nação diferente do seu discípulo.

Em *O Diário*, a figura de Petrus evoca a imagem arquetípica do velho sábio que deverá orientar o herói Paulo Coelho em sua jornada. A conexão entre o mestre Petrus e o discípulo Paulo ocorre no encontro de forma imediata, como podemos perceber na passagem:

[...] Olhei para trás e vi um homem de seus quarenta anos, bermuda cáqui, camiseta branca suada, olhando fixamente para o cigano. Tinha os cabelos grisalhos e a pele queimada pelo sol. Na pressa, eu tinha me esquecido das regras mais elementares de proteção e havia me atirado de corpo e alma nos braços do primeiro desconhecido que encontrara. [...]

[...] O homem, entretanto, não desviou os olhos do cigano, nem o cigano desviou os olhos dele. Ambos se encararam, sem medo e sem valentia, por alguns minutos. Até que o cigano deixou a mochila no chão, deu um sorriso de desdém e seguiu em direção a Saint-Jean-Pied-de-Port.

_Meu nome é Petrus – disse o recém-chegado, assim que o cigano sumiu e atrás da imensa pedra que eu havia contornado minutos antes. – Da próxima vez seja mais cauteloso.

Notei um tom simpático na sua voz, diferente do tom do cigano e da própria Mme. Lourdes. (COELHO, 2012, p.29-30)

Petrus chega para salvar Paulo da armadilha que o inimigo preparava e o aconselha sobre os perigos que eles enfrentarão pelo Caminho de Santiago. Ele representa, de fato, o arquétipo do velho sábio em *O Diário de um mago*.

4.7.3. CHRISTINA E MME. LOURDES: IMAGENS ARQUETÍPICAS DA ANIMA EM O DIÁRIO DE UM MAGO

Como já apontado, na psicologia junguiana, a anima pode ser caracterizada como o arquétipo do feminino. Ela é a representação da feminilidade inconsciente do homem que, ao longo da vida, vai sendo projetada em diferentes figuras femininas. Como afirma Silveira (1981):

A anima apresenta-se personificada, nos sonhos, nos contos de fada, no folclore de todos os povos, nos mitos, nas produções artísticas. As formas, belas ou horríveis, de que se reveste são numerosíssimas: sereia, mãe-d'água, feiticeira, fada, ninfa, animal, súcubo, deusa, mulher. O princípio feminino no homem poderá desenvolver-se, diferenciar-se, transpor estágios evolutivos. (SILVEIRA, 1981, p. 87)

Em *O Diário*, podemos perceber a imagem arquetípica da anima sendo projetada tanto na figura de Christina Oittica, esposa de Paulo Coelho, quando na

figura de Mme. Lourdes, velha sacerdotisa que auxilia os peregrinos no início do Caminho de Santiago.

No início do livro, quando o ritual de ordenação de Paulo Coelho é interrompido, o mestre que comandava a cerimônia entrega à Christina a espada mágica, solicitando que ela a guarde até que Coelho faça a peregrinação para reencontrá-la.

Christina acata as ordens dadas pelo mestre e, juntamente com Paulo, parte para a Europa. No entanto, enquanto Paulo viaja para a França, Christina segue a caminho da Espanha, mais especificamente para Compostela, local onde Paulo deverá chegar, após algumas semanas de caminhada, e onde seria guardada a espada mágica.

No caso de Mme. Lourdes, a mulher aparece como uma velha sacerdotisa que consagra os peregrinos integrantes da Tradição e da Ordem de RAM. Ela é responsável por abençoar Paulo Coelho em sua jornada e instruí-lo sobre as palavras e senhas mágicas que o literato deveria usar pelo caminho:

Entrei correndo e me dirigi à casa que a menina me havia indicado. Lá dentro, uma mulher idosa e gorda vociferava alguma coisa em basco contra um rapaz miúdo, de olhos castanhos e tristes. Aguardei algum tempo até que a briga terminasse [...] Só então ela se virou para mim e, sem sequer perguntar o que eu queria, me conduziu – entre gestos delicados e empurrões, mas – ao segundo andar da pequena casa. Lá em cima, havia apenas um escritório apertado, cheio de livros, objetos, estátuas de São Tiago e recordações do Caminho. [...]

[...] Mme. Lourdes retirou da caixa um chapéu e um manto. Pareciam peças de roupa muito antigas, mas estavam bem conservadas. Pediu-me que ficasse em pé no centro da sala e começou a rezar em silêncio. Depois colocou-me o manto nas costas e o chapéu na cabeça. Pude notar que tanto no chapéu como em cada ombro do manto havia vieiras costuradas. Sem parar de rezar, a velha senhora pegou um cajado num dos cantos do escritório e me fez segurá-lo com a mão direita. No cajado prendeu uma pequena cabaça de água. Ali estava eu: por baixo, bermuda jeans e uma camiseta I LOVE NY e, por cima, o traje medieval dos peregrinos a Compostela. (COELHO, 2012, p. 25-26)

Quando considerada atentamente, a alma se torna uma função psicológica importante para o desenvolvimento da psique masculina. É a partir do contato com a alma que o homem se relacionará com o mundo interior, também a partir de suas experiências anímicas o homem manifestará suas emoções no mundo exterior. A

anima, nesse sentido, funciona como uma ponte entre o consciente e o inconsciente (SILVEIRA, 1981). Cristina e Mme. Lourdes representam essa imagem arquetípica em *O Diário de um mago*.

4.8. O ALQUIMISTA

O alquimista foi publicado pela primeira vez em 1988 e se tornou um sucesso nacional e internacional de público leitor. É o livro brasileiro mais traduzido no mundo.

O romance narra a jornada de um pastor andaluz de nome Santiago. Acreditando em um sonho recorrente, ele decide viajar para se consultar com uma adivinha e descobrir seu significado. A mulher interpreta o sonho como uma profecia, dizendo ao rapaz que há um tesouro nas pirâmides no Egito.

Ele encontra então um velho, cujo nome era Melquisedeque, que lhe diz para vender suas ovelhas e viajar para o Egito, e introduz a ideia de uma Lenda Pessoal, que seria aquilo que você sempre quis realizar. Melquisedec conta para Santiago que todos nós, quando jovens, sabemos o que é a Lenda Pessoal. Ele acrescenta que "quando você quer alguma coisa, todo o Universo conspira para que você realize seu desejo" (COELHO, 1995, p. 26). Este é o tema central do livro.

Santiago, então, resolve deixar sua terra natal e seguir viagem para o Egito, à procura do tesouro. Durante o percurso, vivencia algumas experiências significativas, mas quando chega ao Egito todo o dinheiro conseguido com a venda das suas ovelhas é roubado. Para conseguir sobreviver em uma terra estranha consegue trabalho como vendedor em uma loja de cristais, e faz esta prosperar. Mas insiste em sua busca e viaja com uma caravana rumo ao deserto até o oásis de Al-Fayoum, para encontrar um suposto velho árabe alquimista.

Ao longo do caminho, o pastor andaluz encontra um inglês que também veio em busca do alquimista e continua sua viagem com ele. Eles viajam pelo Saara e durante a viagem, Santiago se encontra e se apaixona por uma bela mulher árabe, chamada Fátima, que reside com seu clã perto do oásis. Santiago pede a Fátima para se casar com ele, mas ela diz que só se casará depois que ele completar sua jornada e encontrar seus tesouros. Ele fica perplexo com isso, mas depois descobre que o verdadeiro amor não vai parar nem implorar para sacrificar a sua Lenda Pessoal, e se isso acontecer, não é amor verdadeiro.

Santiago então encontra enfim o alquimista que também lhe ensina sobre Lendas Pessoais. Ele diz que as pessoas querem encontrar apenas o tesouro de suas Lendas Pessoais, mas não a própria Lenda Pessoal. O tema principal é recorrente no romance, "Quando uma pessoa realmente deseja alguma coisa, todo o universo conspira para ajudar essa pessoa a realizar seu sonho".

No oásis, perde pela segunda vez o dinheiro que conseguira ganhar até aquele momento. O alquimista incentiva o pastor andaluz a persistir em seu sonho, em sua lenda pessoal, e assim ele continua seu itinerário rumo às pirâmides. Ao finalmente encontrá-las, o dinheiro que levava é roubado pela terceira vez, e Santiago é espancado e abandonado, por salteadores. Um dos bandidos lhe revela que também sonhara com um tesouro escondido na raiz do sicômoro, nas ruínas de uma igreja da Espanha, mas que o sonho era estúpido demais para se acreditar. Nesse momento, Santiago descobre que o tesouro sempre esteve em sua aldeia. Ele consegue retornar à Andaluzia e encontra na igreja um baú de moedas de ouro espanholas, pedrarias, máscaras de ouro com penas brancas e vermelhas e ídolos de pedras cravejados de brilhantes. A história termina com Santiago sentindo o vento lhe chamando, como da primeira vez que resolveu sair da sua aldeia, mas agora é Fátima quem o chama.

4.8.1. A LENDA PESSOAL E O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO EM O ALQUIMISTA

Nessa obra, Coelho narra aquela que se tornaria uma famosa passagem literária, e que estruturou sua obra como um todo, a Lenda Pessoal:

O rapaz não sabia o que era Lenda Pessoal.

_É aquilo que você sempre desejou fazer. Todas as pessoas, no começo da juventude, sabem qual é sua Lenda Pessoal.

“Nesta altura da vida, tudo é claro, tudo é possível, e elas não têm medo de sonhar e de desejar tudo aquilo que gostariam de ver fazer em suas vidas. Entretanto, à medida em que o tempo vai passando, uma misteriosa força começa a tentar provar que é impossível realizar a Lenda Pessoal.”

O que o velho estava dizendo não fazia muito sentido para o rapaz. Mas ele queria saber o que eram “forças misteriosas”; a filha do comerciante ia ficar boquiaberta com isto.

_São as forças que parecem ruins, mas na verdade estão ensinando a você como realizar sua Lenda Pessoal. Estão preparando seu

espírito e sua vontade, porque existe uma grande verdade neste planeta: seja você quem for ou o que faça, quando quer com vontade alguma coisa, é porque este desejo nasceu na alma do Universo. É sua missão na Terra.

_Mesmo que seja viajar? Ou casar com a filha de um comerciante de tecidos?

_Ou buscar um tesouro. A Alma do Mundo é alimentada pela felicidade das pessoas. Ou pela infelicidade, inveja, ciúme. Cumprir sua Lenda Pessoal é a única obrigação dos homens. Tudo é uma coisa só.

“E quando você quer alguma coisa, todo o Universo conspira para que você realize seu desejo.” (COELHO, 1995, p. 25-26)

Como vimos, se para Jung (1985) a arte é expressão de vivências e buscas psíquicas, pode-se pensar que a perspectiva da lenda pessoal descrita por Coelho, sinaliza a busca de um significado e crescimento em direção a algo maior que poderíamos entender como o self. Nesse aspecto, a ideia de lenda pessoal admite uma ligação com o conceito junguiano descrito como individuação, no sentido em que, como este, parece apontar para a busca de um novo centro que, inexoravelmente, irá construir um novo sentido para a existência do indivíduo.

4.8.2. SANTIAGO: A IMAGEM ARQUETÍPICA DO HERÓI EM O ALQUIMISTA

Santiago, protagonista do romance *O Alquimista*, se relaciona com a imagem arquetípica do herói tal como apresentado por Campbell (2007) e Henderson (2017).

No início da obra, somos informados que Santiago estudara em um seminário, pois os pais desejavam que ele fosse padre. Contudo, o rapaz optou por seguir a vida como pastor de ovelhas, desejoso de conhecer lugares e mulheres diferentes. Santiago costumava vender as lãs de suas ovelhas para um comerciante, indicado por um amigo, que tinha uma filha, fruto dos interesses amorosos do rapaz.

Após ter sonhado o mesmo sonho por duas vezes, ao dormir numa velha igreja, onde costumava pernoitar com suas ovelhas durante o caminho para a tosa, Santiago decide procurar uma velha cigana Romani para interpretar o sonho do qual sempre acordava antes do final. No sonho, uma criança brincava com suas ovelhas e depois pegava as mãos de Santiago e o levava até as pirâmides do Egito, dizendo: “Se você vier até aqui, vai encontrar um tesouro escondido” (COELHO, 1995, p. 20)

Nesse momento temos o que Campbell (2007) conceituou como sendo o chamado da aventura. Após a mulher interpretar o sonho, confirmando que havia um

tesouro escondido nas pirâmides do Egito, Santiago decide partir em busca dessa empreitada. Como ressalta Campbell:

Esse primeiro estágio da jornada mitológica – que denominamos aqui “o chamado da aventura” – significa que o destino convocou o herói e transferiu-lhe o centro de gravidade do seio da sociedade para uma região desconhecida. Essa fatídica região de tesouros e dos perigos pode ser representada sob várias formas: como uma terra distante, um reino subterrâneo, a parte inferior das ondas, a parte superior do céu, uma ilha secreta, o topo de uma elevada montanha ou um profundo estado onírico. (CAMPBELL, 2007, p. 66)

Podemos observar que o chamado da aventura de Santiago vem através do sonho, no qual o pastor deveria viajar para uma terra distante na busca de seu tesouro. De acordo com Silveira (1981), na concepção junguiana o sonho é uma autorrepresentação espontânea, sob forma simbólica, da situação do inconsciente. O sonho seria uma comunicação do inconsciente, no qual os símbolos e metáforas se manifestam como uma revelação. Nise da Silveira (1981) informa que Jung foi o primeiro a abrir caminho nesta direção ao descrever a função compensadora dos sonhos. No seu conceito, os sonhos funcionam principalmente como autorreguladores de posições conscientes, demasiado unilaterais.

Jung também nos fala sobre o sonho recorrente, como os de Santiago. O psicólogo suíço informa que esses sonhos são dignos de serem investigados, pois eles são, geralmente, uma tentativa de compensação para algum defeito particular que existe na atitude do sonhador em relação à vida; ou pode falar de um trauma que tenha deixado alguma marca. Jung também destaca que os sonhos recorrentes também podem ser a antecipação de algum acontecimento psíquico importante que está para acontecer (JUNG, 2017, p. 62).

Na obra de Paulo Coelho, podemos observar que o desejo do jovem Santiago, no período em que era seminarista, era de viajar:

Seus pais queriam que ele fosse padre e motivo de orgulho para uma simples família camponesa, que trabalhava apenas para comida e água, como suas ovelhas. Estudou latim, espanhol e teologia. Mas, desde criança sonhava em conhecer o mundo, e isto era muito mais importante do que conhecer Deus ou os pecados dos homens. Certa tarde, ao visitar a família, havia tomado coragem e dito para seu pai que não queria ser padre. Queria viajar. (COELHO, 1995, p. 16-17)

Santiago, então, tornou-se pastor de ovelhas, conheceu muitos castelos e mulheres, tinha realizado o sonho de poder viajar, mas na rotina do trabalho percebia que poderia perder o controle de sua vida e ser controlado pelo destino:

Quando cansasse dos campos da Andaluzia, podia vender suas ovelhas e tornar-se marinheiro. Quando cansasse do mar, teria conhecido muitas cidades, muitas mulheres, muitas oportunidades de ser feliz. (COELHO, 1995, p. 18)

O pastor estava decidido a seguir a mensagem de seu sonho, pois ainda tinha vivo o desejo de viajar, de ser livre e, assim, ser feliz. Santiago aceitou o chamado da aventura.

4.8.3. MELQUISEDEC E O ALQUIMISTA: AS IMAGENS ARQUETÍPICAS DO SÁBIO EM O ALQUIMISTA

Campbell (2007) informa que aqueles que não recusaram o chamado da aventura terão um primeiro encontro da jornada do herói com uma figura protetora, geralmente mais velha (uma anciã ou ancião), que fornecerá ao aventureiro alguns amuletos com os quais ele possa se proteger das forças tirânicas com que ele vai se deparar.

Em *O alquimista*, essa figura aparece, a priori, no personagem Melquisedec. Após ter decidido buscar seu sonho, quando levava seu rebanho de ovelhas para serem tosquiadas, Santiago conhece Melquisedec. O velho começa a conversar com o rapaz que fazia a leitura de um livro, enquanto descansava do trabalho. De início, Santiago se mostra pouco à vontade com a insistência do homem no diálogo, mas acaba cedendo as investidas, sobretudo, porque o homem sabia ler e demonstrava ter mais conhecimento que o pastor.

Melquisedec é apresentado como um homem de aparência árabe, vestido em trajes estranhos, que se intitula “Rei de Salém”. O homem possui poderes de um adivinho, sendo capaz de escrever sobre a vida de Santiago, sem nunca o ter conhecido antes:

Antes que o rapaz dissesse qualquer coisa, porém, o velho abaixou-se, pegou um graveto, e começou a escrever na areia da praça. Quando ele se abaixou, alguma coisa brilhou dentro do seu peito, com tanta intensidade que quase cegou o rapaz. Mas num movimento rápido demais para alguém de sua idade, tornou a cobrir o brilho com o manto. Os olhos do rapaz voltaram ao normal e ele pode enxergar o que o velho estava escrevendo.

Na areia da praça principal da pequena cidade, ele leu o nome de seu pai e de sua mãe. Leu a história de sua vida até aquele momento, as brincadeiras de infância, as noites frias do seminário. Leu o nome da filha do comerciante, que não sabia. Leu coisas que jamais contara a alguém, como o dia em que roubou a arma de seu

pai para matar veados, ou sua primeira e solitária experiência sexual. (COELHO, 1995, p. 24-25)

Com relação ao arquétipo do velho sábio, Campbell (2007) aponta que sua presença é constante nos mitos e contos de fadas, cujas palavras ajudam o herói nas provas e terrores da fantástica aventura (p. 19). Nas palavras de Campbell, é o velho sábio quem indicará a brilhante espada mágica que matará o dragão; também é ele que conta sobre a noiva que espera, e sobre o castelo com mil tesouros. É o velho sábio que aplica o bálsamo curativo nas feridas quase fatais, e, por fim, vencida a grande aventura, é ele que leva o herói de volta a vida normal (CAMPBELL, p. 19-20).

Outro personagem que se caracteriza como velho sábio é o próprio alquimista. Na parte final do livro, quando Santiago chega ao oásis Al-Fayoun, próximo às pirâmides do Egito, ele acaba por conhecer e se tornar discípulo do alquimista:

A mesma mão que havia segurado a espada, empunhou um chicote. O cavalo empinou de novo, levantando uma nuvem de poeira.

— Onde você mora? – gritou o rapaz, enquanto o cavaleiro se afastava.

A mão com o chicote apontou em direção ao sul.

O rapaz tinha encontrado o alquimista. (COELHO, 1995, p.88)

Tanto Melquisedec quanto o alquimista representam a experiência de vida daqueles que vem para aconselhar aos mais jovens, podendo simbolizar a relação entre pai e filho, mestre e discípulo, preparando o herói para a sua jornada ou dando-lhe ferramentas que serão bastante uteis no decorrer da narrativa.

Notemos, como apontado anteriormente, que se pode estabelecer uma relação entre a Lenda pessoal coelhana e o Processo de Individuação junguiano. Ambos seriam “chamados” para realizar a jornada da alma. Individuar-se ou cumprir sua lenda pessoal seria a única obrigação dos homens.

4.8.4. FÁTIMA: A IMAGEM ARQUETÍPICA DA ANIMA EM O ALQUIMISTA

De acordo com a pesquisadora junguiana Marie-Louise Von Franz (2017), a anima é a personificação de todas as tendências psicológicas femininas na psique do homem – os humores e sentimentos instáveis, as intuições proféticas, a

receptividade ao irracional, a capacidade de amar, a sensibilidade à natureza e, por fim, o relacionamento com o inconsciente (FRANZ, 2017, p. 234-235).

Assim como a sombra, a alma possui dois aspectos: o benévolo e o malévolos. Ela pode ser representada por feiticeiras ou por sacerdotisas; pode ser representada pelas serias gregas ou pelas loreleis alemãs, personificando o seu aspecto perigoso. Von Franz (2017) ressalta que, nas suas manifestações individuais, o caráter da alma de um homem é, em geral, determinado pela sua figura materna. Caso esse homem tenha sofrido uma influência negativa de sua mãe, a alma se expressará, muitas vezes, de maneira irritada, depressiva, incerta e susceptível. Contudo, se esse homem conseguir dominar as investidas negativas, a alma servirá para lhe fortalecer a masculinidade (FRANZ, 2017, p. 236)

Na obra coelhana, somos pouco informados sobre a relação de Santiago e sua mãe. Sabemos que ela era uma mulher trabalhadora do campo, pois, na passagem em que o narrador conta sobre o desejo de Santiago em viajar, somos informados que o rapaz é “motivo de orgulho para uma simples família camponesa, que trabalhava apenas para comida e água, como suas ovelhas” (COELHO, 1995, p. 16). Também fica subentendido que, provavelmente, seja uma mulher de fé religiosa católica, haja vista que desejava que seu filho se tornasse padre.

É, sobretudo, na passagem na qual o rapaz está numa caravana no deserto, em meio às suas lembranças, que podemos perceber alguns ensinamentos dados pela figura materna:

Mas ficou impressionado com o seu pressentimento: talvez ele estivesse aprendendo também esta história de Linguagem Universal, que sabe o passado e o presente de todos os homens. “Pressentimentos”, como sua mãe costuma dizer. O rapaz começou a entender que os pressentimentos eram os rápidos mergulhos que a alma dava nesta corrente Universal de vida, onde a história de todos os homens está ligada entre si, e podemos saber tudo, porque está tudo escrito. (COELHO, 1995, p. 62)

A passagem supracitada mostra que a mãe de Santiago era mulher de “pressentimentos”, ou seja, tinha uma intuição mais aguçada. A intuição é tida pela teoria junguiana como uma percepção que, não passando pelos sentidos, fica registrada no inconsciente. Essa capacidade intuitiva foi adquirida por Santiago, o que nos indica uma representação da alma. Cabe lembrar que, apesar do trabalho de pastoreio e de tosquio de ovelhas demandar uma característica de virilidade,

Santiago, nos momentos de descanso gosta de literatura – atividade de lazer que envolve elementos mais subjetivos, atribuídos à sensibilidade feminina. Esse fato aponta para uma relação dialógica entre Santiago e a sua alma.

Também na referida passagem, podemos perceber que o narrador, através de metáforas, trata da questão conexão do homem com uma instância psíquica coletiva e, logicamente, com todos os elementos que lhe pertencem. A chamada “corrente Universal de vida, onde a história de todos os homens está ligada entre si, e podemos saber tudo, porque tudo está escrito” (1995, p. 62) é uma inferência para a instância coletiva apontada com seus arquétipos, mitos e símbolos. Von Franz afirma que:

Quando o espírito lógico do homem se encontra incapaz de discernir os fatos ocultos em seu inconsciente, a alma ajuda-o a identificá-los. Mais vital ainda é o papel que representa sintonizando a mente masculina com os seus valores interiores positivos, abrindo assim caminho para um conhecimento interior mais profundo. [...] a alma assume um papel de guia, ou mediador, tanto para o mundo interior quanto para o self. (FRANZ, 2017, p. 241)

Na obra de Paulo Coelho é também possível perceber a imagem de alma malévola. Quando o rapaz vai se consultar com a velha cigana Romani, para que ela interpretasse seu sonho, temos a seguinte descrição:

A velha conduziu o rapaz até um quarto no fundo da casa, separado da sala por uma cortina feita de tiras de plástico colorido. Lá dentro tinha uma mesa, uma imagem do Sagrado Coração de Jesus, e duas cadeiras.

A velha sentou-se e pediu que ele fizesse o mesmo. Depois segurou as duas mãos do rapaz e rezou baixo.

Parecia uma reza cigana. O rapaz já havia encontrado muitos ciganos pelo caminho: eles viajavam e, entretanto, não cuidavam das ovelhas. As pessoas diziam que a vida de um cigano era sempre enganar os outros. Diziam também que eles tinham pacto com demônios, e que raptavam crianças para servirem de escravas em seus misteriosos acampamentos. Quando pequeno, o rapaz sempre tinha morrido de medo de ser raptado pelos ciganos, e este temor voltou enquanto a velha segurava suas mãos.

[...] o rapaz estava ficando nervoso. Suas mãos começaram involuntariamente a tremer, e a velha percebeu. Ele puxou a mãos rapidamente. [...]

Mais um truque, pensou o rapaz. Entretanto, resolveu arriscar. Um pastor corre sempre o risco dos lobos ou da seca, e isto é que faz a profissão de pastor mais excitante. (COELHO, 1995, p. 18 e 19)

Podemos observar que a atmosfera dessa passagem é obscura e misteriosa, a começar pelo local onde a consulta mística ocorre: “um quarto no fundo da casa”. A imagem religiosa e a reza cigana conduzem Santiago para o contato com memórias reprimidas que emergem de sua sombra como, por exemplo, o cuidado para não ser enganado por um cigano, ou o medo infantil de ser raptado e levado para um de “seus misteriosos acampamentos”. Santiago receia estar diante de uma feiticeira cigana que irá enganá-lo. Von Franz (2017) observa a respeito da manifestação malévola da alma:

Quando assim se manifesta, a alma é tão fria e indiferente como certos aspectos violentos da própria natureza, e na Europa até hoje isso se traduz, muitas vezes, na crença em feiticeiras. (FRANZ, 2017, p. 238)

Apesar de, no início d’*O Alquimista*, o pastor se dizer interessado na filha do comerciante de lãs, é na figura de Fátima, uma jovem que vive num oásis próximo às pirâmides do Egito, que Santiago encontra o amor verdadeiro.

_Vim dizer-lhe uma coisa simples – falou o rapaz. _Eu quero que você seja minha mulher. Eu te amo.

A moça deixou que seu cântaro derramasse a água.

_Vou esperá-la todos os dias aqui. Cruzei o deserto em busca de um tesouro que se encontra perto das pirâmides. A guerra foi para mim uma maldição. Agora ela é uma bênção, porque me deixa perto de você.

_A guerra um dia vai acabar – disse a moça.

O rapaz olhou as tamareiras do oásis. Havia sido pastor. E ali existiam muitas ovelhas. Fátima era mais importante que o tesouro.

_Os guerreiros buscam seus tesouros – disse a moça como se estivesse adivinhando o pensamento do rapaz. _E as mulheres do deserto têm orgulho de seus guerreiros. (COELHO, 1995, p. 77)

Fátima representa o amor sem posse, que não exigia que o amado estivesse junto de si para poder senti-lo. A jovem diz a Santiago que as mulheres do deserto se acostumaram a sentir os homens através das pedras, da água, da chuva, dos animais e da Alma do Mundo.

Marie-Louise Von Franz informa que quando ocorre a função positiva da alma, o homem leva a sério os sentimentos, os humores, as expectativas e as fantasias transmitidas por sua alma. Dessa forma, materiais mais profundos

surgem do inconsciente e entram em conexão com materiais mais primitivos (FRANZ, 2017, p. 247).

No fim do romance, Santiago encontra as pirâmides do Egito, mas acaba sendo roubado pela terceira vez. O salteador revela que também teve um sonho que dizia que havia um tesouro escondido, numa igreja em ruínas, na região da Andaluzia, na aldeia onde o pastor vivia. Santiago consegue retornar à Espanha e encontra o seu tesouro. A busca da sua Lenda Pessoal se concretiza e uma reflexão que se infere a partir do desfecho é que o tesouro, de ordem material, para ser encontrado, depende de outro tesouro: aquele relacionado à busca existencial. Só assim é possível encontrar seu grande amor, no caso, Fátima, uma representação da alma de Santiago.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde 2002, o literato Paulo Coelho ocupa a cadeira número 21 da Academia Brasileira de Letras (ABL). Apesar de, atualmente, fazer parte dos imortais das letras brasileiras, Coelho, como já mencionamos não goza do mesmo prestígio literário que outros escritores da Casa de Machado de Assis. O literato é conhecido mundialmente pelos números de vendas de livros e pelo forte apelo popular de sua obra. Coelho já vendeu em torno de 200 milhões de livros, sendo publicado em pelo menos 160 países, além de ter sua obra traduzida para 81 idiomas, o que o coloca como um dos mais celebrados escritores do mundo e o mais bem-sucedido do Brasil. O escritor também é comumente conhecido pela sua inspiração e releitura de textos de autores famosos pelos quais se diz influenciado como, por exemplo, Willian Blake, Henry Miller e Jorge Luís Borges, dentre outros.

Coelho é abertamente rechaçado por um considerável grupo de críticos literários e jornalísticos que consideram sua obra como literatura de menor qualidade, merecendo raros e breves comentários positivos. Eles fazem grande esforço para combater a literatura coelhana com críticas ferrenhas ao escritor e ao conteúdo de seus livros, comparando-os, depreciativamente, com títulos de escritores consagrados cuja temática visa uma reflexão crítico-filosófica do ser humano e dos processos socioculturais, políticos e ideológicos que o perpassam.

No âmbito do mercado literário em geral, embora seja perceptível, nos últimos anos, um aumento quantitativo no número de leitores, qualitativamente esse número

não se alterou de forma significativa. Temos, uma pequena parte da população que possui o hábito de consumir uma literatura com conteúdo crítico-filosófico, enquanto uma grande parte da população consome ainda uma literatura com conteúdo mercadológico e *pop*, voltado para as massas, a exemplo das obras *O Diário de um mago* e *O Alquimista*.

Paulo Coelho concentra em seus textos elementos das culturas ocidentais e orientais propondo um amálgama com elementos de espiritualidade que vem suprimindo os anseios de leitores carentes por uma literatura de cunho místico e espiritual num mundo cada vez mais racional e tecnicizado. Como já apontado anteriormente, sua obra mescla elementos como a alquimia, a magia wicca, os anjos, os santos católicos, os contos e lendas populares, os manuais de autoajuda, além de relatos das próprias experiências espirituais do autor. Todo esse repertório possibilita aos leitores o desvendar de um mundo subjetivo e mágico, no qual se faz possível a existência de magos e bruxas, a interação com seres supranaturais e a materialização de forças ocultas que podem agir tanto de forma benigna quanto maligna.

O antropólogo Pablo Semán (2007) aponta para o fato de que essa inclinação dos leitores atuais para uma literatura de cunho espiritual evidencia uma nova fase das relações sociais no mundo neoliberal. Os indivíduos que se deparam com os textos de Coelho, em geral, buscam um estilo de vida que os reconecte com um mundo subjetivo e mágico, e que permita um autodesenvolvimento psíquico e místico. Esses leitores são pessoas que, oprimidas por um estilo de vida cujo *modus operandi* está embasado em relações fragmentadas, em formalismo intelectual, em competições profissionais e pessoais, decidiram fazer uma investigação sobre seu próprio “eu interior”, buscar um novo sentido para suas vidas, olhar para o oculto. São os sujeitos que, passando pela crise do racionalismo contemporâneo, encontram, no “mercado de bens simbólicos”, os livros de Paulo Coelho como um caminho para iniciarem suas experiências místicas e espirituais.

A literatura, por ter um papel humanizador, auxilia o homem no diálogo com o seu interior, com a sua parte psicológica. Sua linguagem carregada de símbolos, sentidos e significados, provoca emoções e reflexões no leitor, fato que torna o teor de nossa pesquisa, pautado na relação interdisciplinar da literatura com a psicologia, pertinente como objeto de estudo. E ainda mais pertinente por se tratar

do diálogo interdisciplinar entre a literatura pop e espiritual de Paulo Coelho e a psicologia junguiana. Os conceitos da psicologia de Carl Gustav Jung, pesquisador que estudou mitos, arquétipos, além da espiritualidade ocidental e oriental, revelam-se dos mais produtivos para a análise proposta.

Assim sendo, efetuamos a leitura das obras *Diário de um mago* e *O Alquimista*, exitosos textos do escritor em termos de público leitor, a partir da psicologia de Jung, apresentando as imagens arquetípicas mais presentes nas narrativas coelhanas, que são: o herói, o velho sábio e a alma. Sugerimos então que é possível estabelecer uma relação entre a Lenda pessoal coelhana e o Processo de Individuação junguiano já que ambos remetem a “chamados” para realizar a jornada da alma humana. Em Jung, esse chamado é descrito a partir de imagens psicológicas, em Coelho através de narrativas pop com elementos de espiritualidade.

Como mencionamos, a obra de Paulo Coelho se estrutura a partir de elementos arquetípicos que se expressam em diversas culturas. Acredita-se que a expressão e articulação de tais elementos auxiliam e articulam psiquicamente, intencionalmente ou não, uma forte mobilização psíquica em torno das obras desse autor, gerando identificação, empatia e expectativa de uma próxima leitura. Somos levados a crer que a combinação desses elementos contribui para o estabelecimento de uma relação empática e ofertadora de sentido entre o público leitor e os personagens coelhanos, facilitando a compreensão e identificação com o que é narrado, uma vez que as imagens arquetípicas contidas nos textos analisados são manifestações oriundas daquilo que Jung definiu como sendo o inconsciente coletivo – um substrato psíquico de toda a humanidade.

Por fim, importa notar que o escritor, ao evocar figuras arquetípicas que povoam as mitologias e o imaginário popular, como mestres espirituais e guerreiros encantados, ainda coloca, a si próprio, como uma dessas figuras ao se autodeclarar ‘mago’, um ser lendário que tem o poder de manipular forças mágicas que não podem ser percebidas por indivíduos comuns.

Os enredos mágicos criados por esse mago levam seus leitores a um conforto psicológico e à crença de terem descoberto uma filosofia que escapa aos olhos dos indivíduos contemporâneos. O próprio escritor se coloca como um guia para essa

descoberta ao incorporar essa figura do mago, que é própria imagem arquetípica do velho sábio para muitos leitores desejosos de sentido.

REFERÊNCIAS

ALBANESE, Ronaldo. A marca do coelho. **Revista Língua Portuguesa**. Agosto de 2006. Disponível em <<http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=11172>> Acesso em 03 de outubro de 2020.

ANDRADE, Janilto. Por que não ler Paulo Coelho. [Entrevista concedida a] CASARIN, Rodrigo. **Professor reúne em livro argumentos para não ler Paulo Coelho**. Página Cinco. UOL. Outubro de 2016. Disponível em <<https://paginacinco.blogosfera.uol.com.br/2016/10/25/professor-reune-em-livro-argumentos-para-nao-ler-paulo-coelho/#:~:text=Primeiramente%2C%20essa%20pr%C3%A1tica%20de%20obrigar,%2C%20da%20an%C3%A1lise%2C%20da%20inquiri%C3%A7%C3%A3o.>>> Acesso em 24 de dezembro de 2020.

BARS, Sérgio. **Paulo Coelho: Mito e Mercado**. Bruxo x Bruxo e a Alquimia do Sucesso. (S.L.) Disponível em <www.oswaldocruz.br/download/artigos/social1.pdf> Acesso em 30 de outubro de 2020.

CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura. n 24(9). p. 803-809. São Paulo: SBPC, 1972.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.

CASARIM, Rodrigo. **Professor reúne em livro argumentos para não ler Paulo Coelho**. Página Cinco. UOL. Outubro de 2016. Disponível em <<https://paginacinco.blogosfera.uol.com.br/2016/10/25/professor-reune-em-livro-argumentos-para-nao-ler-paulo-coelho/#:~:text=Primeiramente%2C%20essa%20pr%C3%A1tica%20de%20obrigar,%2C%20da%20an%C3%A1lise%2C%20da%20inquiri%C3%A7%C3%A3o.>>> Acesso em 24 de dezembro de 2020.

COELHO, Paulo. **O Alquimista**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

_____. **O Diário de um Mago**. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

_____. **Brida**. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

_____. **As Valkírias**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

_____. **Na Margem do Rio Piedra Eu Sentei e Chorei**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

_____. **Maktub**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

_____. **O Monte Cinco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

_____. **O Manual do Guerreiro da Luz**. Rio de Janeiro: Pergaminho, 1997.

_____. **Veronika decide morrer**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

_____. **Palavras Essenciais**. Rio de Janeiro: VR, 1999.

_____. **O Demônio e a Srta. Prym**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

- _____. **Histórias para pais, filhos e netos**. Rio de Janeiro: Globo, 2001.
- _____. **Onze Minutos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- _____. **O Gênio e as Rosas**. Rio de Janeiro: Globinho, 2004.
- _____. **O Zahir**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- _____. **A Bruxa de Portobello**. Rio de Janeiro: Planeta, 2006.
- _____. **O Vencedor está só**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- _____. **O Livro dos Manuais**. Rio de Janeiro: Do Autor, 2008.
- _____. **Ser como um rio que flui**. Rio de Janeiro: Gold, 2009.
- _____. **O Aleph**. Rio de Janeiro: Sextante, 2010.
- _____. **Manuscrito Encontrado em Accra**. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.
- _____. **Adulterio**. Rio de Janeiro: Sextante, 2014.
- _____. **Fábulas de La Fontaine**. Rio de Janeiro: Benvira, 2014.
- _____. **A Espiã**. Rio de Janeiro: Paralela, 2016.
- _____. **Hippie**. Rio de Janeiro: Paralela, 2018.

D'ANDREA, Anthony A. F. **O self perfeito e a nova era**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

DANTAS, Marcelo O. **O verniz do mago** – Paulo Coelho é mais original como Dom Paulete do que como alquimista. Revista Piauí. n 17. Fevereiro de 2008.UOL. Disponível em <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-verniz-do-mago/>> Acesso em 16 de outubro de 2019.

_____. **Não há literatura em novo romance de Paulo Coelho**. UOL. Abril de 2014. Disponível em <<https://m.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/04/1436014-critica-melhor-nao-gastar-dinheiro-em-obra-em-que-nao-ha-literatura.shtml>> Acesso em 20 de outubro de 2019.

DIAS, Marilene de Sousa. **Leitura e Literatura**: o prazer de ler Paulo Coelho. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2005.

GOMES, Vinícius Romagnolli Rodrigues; ANDRADE, Solange Ramos de. **Mitos, Símbolos e o Arquétipo do Herói**. Maringá: UNICESUMAR, 2009.

GONZAGA, Cláudia Assumpção. **Paulo Coelho em cena**: a construção do escritor pop star. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007.

GUIMARÃES, J. C. **O que ler Paulo Coelho revela sobre você**. Ideias. Revista Bula. Fevereiro de 2017. Disponível em <<https://www.revistabula.com/8278-o-que-ler-paulo-coelho-revela-sobre-voce/>> Acesso em 24 de dezembro de 2020.

FRANZ, Marie-Louise von. O processo de individuação. In: JUNG, Carl Gustav. **O Homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

HELENA, Lúcia. Nem bom, nem ruim. In: ALBANESE, Ronaldo. A marca do coelho. **Revista Língua Portuguesa**. Agosto de 2006. Disponível em <<http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=11172>> Acesso em 03 de outubro de 2020.

HENDERSON, Joseph L. Os mitos antigos e o homem moderno. In: JUNG, Carl Gustav. **O Homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

HILGERT, José Gaston. Prefácio. In: MAESTRI, Mário. **Por que Paulo Coelho teve sucesso**. Porto Alegre: AGE, 1999.

JUNG, Carl Gustav. **O Homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **O Espírito na Arte e na Ciência**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

LAGES, Susana Kampff. Sem densidade In: ALBANESE, Ronaldo. A marca do coelho. **Revista Língua Portuguesa**. Agosto de 2006. Disponível em <<http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=11172>> Acesso em 03 de outubro de 2020.

MAESTRI, Mário. **Por que Paulo Coelho teve sucesso**. Porto Alegre: AGE, 1999.

MATTEI, Isabel. **Esoterismo, Autoajuda e Trivialidade em O Alquimista**. Disponível em <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/823-4.pdf>> Acesso em 26 de outubro de 2020.

MORAIS, Fernando. **O Mago**. São Paulo: Planeta, 2008.

OLIVEIRA, Fernando Duarte Martins de. **Acenos sobre a história da psicologia moderna e o desenvolvimento da Ontopsicologia**. Saber Humano. Edição especial: Cadernos de Ontopsicologia. p. 18-28. Março de 2018.

OLIVEIRA, Ivan Luiz de. **Estudos sobre o modo de recepção da obra O Alquimista, de Paulo Coelho, pelos detentos da penitenciária estadual de Maringá**. Dissertação de Mestrado. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2007.

OLIVEIRA, Sayonara Amaral de. **Na Transversal das Cotações: Um estudo da recepção de Paulo Coelho nos blogs do escritor**. Tese de Doutorado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2010.

_____. **Cânones revirados: o que o público de Paulo Coelho tem a dizer os críticos**. Navegações. Vol. 6. n. 1. p. 37-46. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2013.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 6ª ed. Campinas: Pontes, 2005.

PAULO, Eloésio. **Os 10 pecados de Paulo Coelho**. São Paulo: Horizonte, 2007.

PEREIRA, Magda Viviane dos Santos. **O universo místico-religioso de Paulo Coelho na ótica de seu leitor**. VIII Jornada sobre Alternativas Religiosas na América Latina. São Paulo, 1998.

PIN, Adriana. **A Recepção da Obra de Paulo Coelho pela Crítica Literária e pelo Leitor**. Tese de Doutorado. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2014.

PRADO, Priscila Finger do. **Entre o silenciamento e a aclamação: discursos sobre Paulo Coelho**. IV Fórum das licenciaturas/VI Encontro do PIBID/II Encontro PRODOCÊNCIA – Diálogos entre licenciaturas: demandas da contemporaneidade. Guarapuava: UNICENTRO, 2015.

_____. **O Mago e a Academia: o discurso sobre Paulo Coelho**. Texto Livre – Linguagens e Tecnologia. n. 2. vol. 8. Belo Horizonte: UFMG, 2015.

RAMADAN, Maria Ivonete Busnardo. **Narração e panaceia: o poder do mito: uma análise da obra de Paulo Coelho**. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003. In: ALBANESE, Ronaldo. A marca do coelho. **Revista Língua Portuguesa**. Agosto de 2006. Disponível em <<http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=11172>> Acesso em 03 de outubro de 2020.

RIBEIRO, Ivi Furloni. **Uma proposta de análise narrativa O Alquimista baseada na análise estrutural da narrativa**. XI Congresso Internacional da ABRALIC. São Paulo, 2008.

_____. **A autoajuda como interdiscursividade em ‘O Alquimista’ de Paulo Coelho**. Dissertação de Mestrado. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2009.

SAMUEL, Rogel. **Manual de Teoria Literária**. Petrópolis: Vozes, 1984.

SARMATZ, Leandro. **O valor de Paulo Coelho: O escritor brasileiro, sucesso planetário com romances como O Diário de um Mago e O Alquimista, é uma celebridade**. Revista Super Interessante. Outubro de 2016. Disponível em <<https://super.abril.com.br/cultura/o-valor-de-paulo-coelho/>> Acesso em 27 de outubro de 2020.

SÉMAN, Pablo. **Literatura e religião na sociedade contemporânea**. 3º Congresso Virtual de Antropologia e Arqueologia. 2002. Disponível em <https://www.equiponaya.com.ar/congreso2002/ponencias/pablo_seman.htm> Acesso em 20 de outubro de 2020.

_____. **Retrato de um leitor de Paulo Coelho**. Cultura y Neoliberalismo. In: GRIMSON, Alejandro. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2007. Disponível em <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/qt/20100919075437/8Seman.pdf>> Acesso em 12 de outubro de 2020.

SILVA, Teresinha V. Z; MELLO, Elizabeth C. C. **Machado de Assis e sua leitora Nise da Silveira**. Pesquisas e Práticas Psicossociais. 14(4). São João del-Rei. Outubro-dezembro de 2019.

SILVEIRA, Nise da. **Jung: vida e obra**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SOARES, Maria Angélica Santos. A Crítica. In: SAMUEL, Rogel. **Manual de Teoria Literária**. Petrópolis: Vozes, 1984.

STEIN, Murray. **Jung: O Mapa da Alma – Uma introdução**. São Paulo: Cultrix, 2006.

VASCONCELOS, Nelson. **Paulo Coelho e eu**: uma experiência fracassada. O Globo. Maio de 2018. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/paulo-coelho-eu-uma-experiencia-fracassada-22731968>> Acesso em 24 de dezembro de 2020.